

O IRMÃO BRANCO

AUTOBIOGRAFIA DE
UM OCULTISTA

Por Michael Juste

Tradução e Notas por
Panyatara

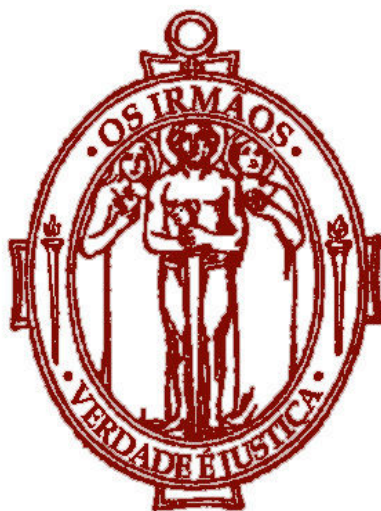
O Irmão Branco
Autobiografia de um Ocultista

Título do original em Inglês: THE WHITE BROTHER
An Occult AutoBiography
Por MICHAEL JUSTE
Publicado originalmente por Ryder & Co. Pasternoster House Inc. - London
1927

Capa de seção de gravuras do Google
Com ilustração do tradutor

Obra

DEDICADA A “OS IRMÃOS”



Tradução realizada por
Panyatara

2007

CONTEÚDO:

PARTE I

Prefácio a Edição Brasileira

Prefácio

Os Peregrinos de Júpiter

Encarnação: Um Sonho

Merlin Desperta!

Capítulo I - UMA PRIMAVERA CINZENTA

Imitação Divina

Capítulo II - A TEOSOFIA

A Quimera de Barro

Capítulo III - A SELVA DE ILUSÃO

Os Carregadores de Archotes

Capítulo IV - O ENCONTRO

Espectro Humano

Capítulo V - O FALSO PROFETA

A Casa Escura

Capítulo VI - NO PORÃO

A Legião de Sonhos

PARTE II

Prefácio

Quando a Terra Desperta

Capítulo I - VISÕES E MAGIA

Os Guerreiros da Eternidade

Capítulo II - SAÚDE

A Ilha do Tempo

Capítulo III - VÁRIOS ENSINAMENTOS OCULTOS

O Silêncio prateado

Capítulo IV - VIAGENS NOS PLANOS MENTAIS

Epílogo

O Despertar

PRIMEIRA PARTE

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Os aspirantes à ciência espiritual que tiveram em suas mãos e estudaram o livro “OS DEUSES ATÔMICOS” sempre desejaram a oportunidade de ler também o livro agora editado, jamais compulsado por qualquer leitor no idioma português.

Referido duas vezes no livro “Os Deuses Atômicos” obra autorizada pela Fraternidade oculta denominada “OS IRMÃOS”, o livro “O IRMÃO BRANCO” ou Autobiografia de um Ocultista é um livro complementar àquele por narrar coloquialmente os ensinamentos diretos do Mestre M. a seu discípulo, possibilitando ao estudante o vislumbre das belezas inenarráveis do mundo mental, onde penetramos todos os dias através das portas do sono reparador e, ao mesmo tempo, nos alerta para os perigos do que intitula “poderes negros” excepcionalmente atuantes em nosso dia-a-dia sem nos apercebermos do fato.

Michael Juste, o autor do livro, discípulo direto do Mestre M., começa narrando parte de sua vida e experiências diretas com o Mestre. Inicialmente desmistifica certas exigências reputadas como condição sem a qual não se consegue a atenção de um instrutor maior para recebermos as lições que tanto nos podem ajudar a conquistar um estado de consciência superior ao que possuímos como também deixa claro que o único limite às nossas conquistas de amanhã no campo espiritual estão estabelecidos na ausência de uma correta aspiração sustentada e na falta de uma dedicação sincera e real para conquistar este objetivo.

As revelações sobre o mundo mental se sucedem em detalhes e vivências muito importantes à orientação e preparação necessária para quem pretende se tornar um acostumado viajante aos planos mais sutis. Acresce que as informações e ensinamentos dados pelo Mestre M. a seu discípulo complementam e enriquecem o observador atento sobre certas realidades dos planos de vida que nos cercam e que não puderam ser abordadas no livro “Os Deuses Atômicos”.

Com este trabalho temos a certeza de que fica superada uma lacuna existente com o lançamento do livro “Os Deuses Atômicos”. no Brasil e ao mesmo tempo é colocado nas mãos de todos os estudantes sinceros das verdades espirituais uma obra de valor transcendente e que precisa chegar ao conhecimento daqueles que buscam.

Termino com o lema da Fraternidade ‘Os Irmãos’:

“Nossa missão é servir”.

Panyatara

PREFÁCIO

Procurando na caixa de talentos escondida nos escaninhos das reminiscências de minha mente genética achei a única dádiva que meus antepassados tinham me deixado. Era uma inocente e brilhantemente colorida caneta de pena, desaparecida há muito tempo entre um sortimento estranho de presentes velhos, enferrujados e quebrados. Meditei sobre meu achado e ponderei: “Para que me servirá?”, pensei, “Como posso servir-me dela?” “Meus sapatos ainda não juntaram o pó das estradas nem viajei por regiões tropicais ou frias onde intrépidas aventuras e panoramas fantásticos aguardam o viajante para serem descritos. Nunca participei de banquetes intelectuais nem da dura aprendizagem acadêmica. Então, que uso posso fazer com este instrumento?”

Murmurado silenciosamente, escutei: “- E suas viagens mentais, você as esqueceu? Se vier a escrever sobre suas aventuras mentais internas colaborarei também e lhe darei alguns novos ensinamentos que, acredito, interessarão sobremaneira ao místico e ao estudante da Sabedoria Divina. Escreva e tenho certeza que muitas mentes e corações darão boas vindas a estes escritos.”

Assim, aceitando a oferta de meu Instrutor invisível, incorporei com grande alegria esta oportunidade, porque sou apenas um aluno daquele que teceu minuciosamente em meu pensamento, uma estrutura modelada nos mais grandiosos e possíveis ideais, e que tem sido, para mim, como uma ponte entre dois mundos, esta pequeníssima esfera em que vivemos e o admirável e maravilhoso mundo do espírito.

Portanto, esta é a crônica de um estudante que buscou e tornou-se o discípulo de alguém profundamente versado no conhecimento da Ciência Divina. Este livro foi escrito como um documento e na esperança de que aqueles que o leiam, fiquem sabendo que sobre este Planeta moram Irmãos que estão desejosos e ansiosos para ajudar aqueles que procuram o conhecimento das coisas divinas.



OS PEREGRINOS DE JÚPITER

Saudações dos imortais das colinas para aqueles que vivem nos vales!
Para aqueles que estão adormecidos, para aqueles que dormiram e agora despertam!

Tudo o que era oculto será agora desvelado antes que ocorra o esponsal da Verdade.

Educadas lisonjas serão substituídas pelo uso do linho e os mantos brancos serão usados por todos.

Saudações para os peregrinos e congratulações para os lares que lhes serão abertos.

O sol despertará nos corações e os raios flamejantes das frentes, juntamente com os raios luminosos das mãos parecerão espadas de fogo para os que têm julgado falsamente.

Os servos de Júpiter estarão prontos para servir aos peregrinos que novamente estarão despertados.

Saudações e amor para todos os Irmãos Ocultos!



ENCARNAÇÃO: UM SONHO

Chegou a época de mergulhar na vastidão da matéria; de assumir o processo de encarnar e recolher os valores da Alma; recolher os vícios e as virtudes de vidas passadas; deixar as resplandecentes regiões onde o amor simples floresce docemente além da escravidão imposta pelo tempo. Um reino onde criaturas serenas e imperturbáveis criam, através de tranqüilos pensamentos, o nascimento de sucessos para a orientação e desenvolvimento do viajante conhecido como Homem.

O quadro de minha jornada se abre ante mim. Observo rochas escuras, escondidas nos mutantes mares do Manes; elas brilham desanimadoramente no mapa animado de minha futura vida. Promontórios chapados, lisos e subindo altaneiramente, ardentes como se banhados em folhas de bronze e guarnecidos com escarpas de pedras afiadas semelhantes à navalhas que se erguem intrépidas entre as bravas ondas, nas quais o reflexo de um pequeno sol esmaecido pelas nuvens provoca esgares cômicos, distorcidos pelas ondulações. Enquanto isso, ondas duplas de escuridão e claridade vazam e fluem estranhamente com uma monotonia horrível sobre aquele que enfrentará o mundo.

O leito de pedra rústica do homem deitado ao aconchego da imensidão, as massas informes ensartadas como inumeráveis pontos de luz espocando durante a noite e pela manhã se fizeram presentes em minha imaginação como lânguidas trilhas de som, intensamente angustiosas e tristes subindo deste globo de forma melancólica.

Lentamente morri de novo na ânsia confusa de uma respiração irregular que começou como o sopro de almas abrasadas que dormiram através das marés andando sem destino durante a noite. Parecia ouvir lânguidas trilhas de som intensamente tristes e angustiosas subindo deste globo, onde dormiram através das marés, viajando sem destino durante a noite. Em lenta procissão diante de meus olhos passaram corcovas brancas em forma de cone e árvores carregadas de couraças que se desenvolveram neste planeta escuro e terrível. Somente a faixa brilhante do rio, o fluxo e o perfume humilde de flores tímidas, me deram um pouco de força para minha viagem de retorno.

E, enquanto aguardava a visão de minha pré-organizada peregrinação, uma suave voz murmurou para mim: “Naquele pequeno Planeta moram almas selvagens, cujas estruturas em sofrimento são purificadas pelos fogos ardentes e devoradores de seus corações. Lá moram deuses destruidores e obstinados, os cidadãos e músicos que tocam para seus habitantes rapsódias malignas, evocando delas um terrível coro de sofrimento. Examine mais profundamente os véus deste quadro”.

De modo evasivo e cheio de medo, obedeci e o roteiro de minha viagem dissolveu-se diante do piscar de olhos do meu espírito ao surgir uma sombria arena na qual tênues nuvens de cor escarlate e névoa cinzenta giravam revolteantes como se fossem seres viventes, assomados de ira entre multidões contorcidas e frenéticas que gritavam e lutavam uns com os outros.

Sobre mim o mundo titânico de deuses diabólicos sentados em seus tronos. Com olhos ígneos, possuídos de penetrante clarão e grande luxúria, nos atormentavam com uma terrível multidão de paixões e poderes trevosos. Estes deuses eram as monstruosas crianças dos anfitriões em guerra, geradas pelos ódios e desejos ferozes da humanidade no decorrer das idades.

Eis que esquálida, descarnada, nua e curvada a *Fome* sentou-se balançando uma chama doentia que parecia oscilar debilmente dentro de seus olhos. Ela não pretendia ganhar nenhum alimento de seu criador, senão a agonia cruciante e angustiosa da miséria. Ali, bem perto, sussurrando e resmungando, a feiticeira *Loucura* abaixou-se; seus cabelos desgrenhados, escassos e cinzentos se emaranhavam em suas vestes rasgadas, mostrando uma carne amarelecida e murcha, enquanto os dedos longos rabiscavam e rasgavam desesperadamente espectros que só

seus olhos vítreos e brilhantes poderiam ver; uma espuma aguada gotejou livremente de seus lábios frouxos. Foi então que vi o deus da Guerra, com a cabeça de um lobo e uma juba vermelha que o envolvia em um fogo escuro enquanto uivava uma canção de alegria malvada. O Ciúme e o Ódio, a Luxúria e a Ganância, todos se sentaram enquanto contemplavam famélicos o conventículo e banquetavam as dores dos atormentados. Suas mandíbulas ficaram iluminadas pelos reflexos da luz em suas presas que se escancararam de forma medonha deixando rolar uma espécie de cântico horrendo, numa gargalhada rítmica e alegria tenebrosa, profana, na qual tremiam notas de profundo lamento, surgidas como de almas estranguladas e que se encolhiam, numa harmonia deserta e longínqua. Eram risadas de mortais que faziam tremer as estruturas daquele pequeno mundo, enquanto seu som reverberava em minha Alma, até que aquela expressão torpe de som envolveu meus sentidos como uma espécie de mortalha ardente, de forma que não pude mais agüentar a visão e a dor.

Apenas me virei e pude observar, à distância, o ajuntamento das Oréades (1) rápidas e esbeltas sobre o cume verde e repleto de flores da montanha. Vi seus cabelos como véus feitos de brumas nevadas; a palidez de seus rostos aparecia como o das flores aureoladas por um nimbo quase imperceptível de luz; seus membros ilusivos dançavam em harmonia ao tremor vago dos ventos perfumados que tremulavam e acariciavam suas vestes, tão nebulosas quanto suas formas, que constantemente se dissolviam e reapareciam dos elementos invisíveis do ar (2). Uma hesitante e fina teia de música flutuou languidamente sobre os vales assombrados por faunos, onde as copas das arvores, cujos ramos e folhas brilhavam como se fossem delicadas e cristalinas chamas verdes tremeram e balançaram no ar hialino enquanto roçavam nos trajes diáfanos dos silfos (3) que nunca repousam. Enquanto isso, de uma piscina formada de águas douradas, uma ninfa com belas tranças e de tez serena e clara, levantou-se suave e tristemente para me dar adeus deste reino de mocidade eterna, de templos brancos e coroados de flores, onde deuses parecem simples crianças, ostentando em seus semblantes a essência adorada da sabedoria inesquecida e eterna. Fui banido e mergulhei nas ondas turbulentas e maliciosas da paixão e do desejo.

Lentamente, as nebulosas Oréades se tornaram mais vagas, sua música luminosa e ilusiva perdurava, entretanto, ecoando em meus sentidos amortecidos, tornando-se cada vez mais sutil, diminuída pelas alturas onde minha audição enfraquecida não mais poderia seguir. O cume sereno das montanhas surgiu de uma distância inimaginável; os templos alvos se transformaram em borrões e vestiram uma máscara de um cinza tão profundo que se expandiu ante meus olhos; ao mesmo tempo uma névoa diáfana tremia entre as lustrosas florestas, escondendo gradualmente de minha visão as ninfas (4) e faunos (5) cuja música suave há muito tempo havia diminuído, deixando-me envenenado num abismo do mais mortal e completo silêncio. E naquela grande pausa, amor e paz, e todos os outros sentimentos serenos e visões do espírito foram apagados, antes que eu fosse arrastado para aquele combate de matéria.

Desesperadamente e em angústia terrível, lutei. Uma corrente invisível me puxou, ofegando e estremecendo contra o contato áspero com o mundo de matéria que me envolveu numa forte e sufocante massa negra. Eu afundei, junto com outros espíritos chorões, naquela prisão de argila e com um último grito de agonia, fiquei inconsciente.



1 - Oréades = Ninfas das montanhas, florestas e bosques.

2 - Os elementos invisíveis do ar ou tattwa Vayu, uma das cinco energias sutis da natureza.

3 - Um dos vários Elementais do Ar.

4 - Elemental da Água encontrada nos rios e nas fontes dos bosques e das montanhas

5 - Um dos vários Elementais da Terra

MERLIN DESPERTA!

Merlin desperta! E com sua magia encanta os bosques e as águas. Toca nossas pálpebras com sua varinha de condão para que possamos ver a ninfa amante do luar; a nereida (1) vestida de mar e o silfo envolto nas nuvens, a salamandra (2) no âmago da chama e os gnomos (3) barbudos encerrados no seio da Terra. Os trovadores novamente são chamados de seu sono pesado para fazerem, de suas janelas, serenatas ao lírio da noite. Convidam-nos novamente aos torneios os cavaleiros fidalgos, revestidos de cintilantes pétalas douradas e prateadas alardeando suas flâmulas desfraldadas na névoa cinzenta do dia.

Antes que o barro fosse refinado (4) senti o doce vento do espírito e ouvi o sussurro lânguido da sabedoria que move as estrelas; antes que a alma pudesse sentir o ritmo harmonioso do lado mais sombrio e caótico das coisas, caminhei sob o esplendor tranqüilo do infinito que será reivindicado pelas máscaras escuras da tristeza. A abóbada do dia se desfez em noite sem estrelas, obscurecendo as colinas onde os arautos da beleza trombetearam mensagens para o homem.

Almas que seriam Prometeanas têm de aprender a conquistar, além da miragem da estrada branca que as fascina, o dragão dentro de si mesmas. Acresce que a força dos precipícios intransponíveis e a velocidade delicada da corça (6) somente serão suas quando estiverem preparadas. Mas, antes da vitória virá a solidão da noite. Se eles (5) são os flautistas que repetem a música da Natureza, suas flautas tornar-se-ão frágeis e quebradiças e os acordes da Divina Mãe somente serão ouvidos de forma lânguida e apenas como fragrância serão lembrados. Todos os instrumentos musicais serão colocados em desuso porque todas as coisas estarão sem seiva e sem nutrição. Os corcéis alados da imaginação dormirão, mas das sementes do tormento crescerão as flores de amaranto.



-
- 1 - Um dos vários Elementais da Água. Seu *habitat* são os mares. Eram consideradas pelos gregos como divindades protetoras dos marinheiros. (N.Trad.)
 - 2 - Um dos vários Elementais da parte sutil do Fogo. (N.Trad.)
 - 3 - Um dos vários Elementais da Terra. Habita, em geral, no interior das pedras e da terra e têm sob seus cuidados os metais e as pedras preciosas. - (N.Trad.))
 - 4 - O corpo humano. (N.Trad.))
 - 5 - Aqui "eles" são os faunos, um dos elementais da Terra; eram considerados como protetores dos rebanhos possuindo uma natureza selvagem e libidinoso. Foram representados como seres com corpo semelhante ao humano, pernas de bode, orelhas alongadas e pontudas, chifres, cauda. (N.Trad.)
 - 6 - A corça é o símbolo da Intuição espiritual. (N.Trad.)

CAPÍTULO I

UMA PRIMAVERA CINZENTA

Nasci num quarteirão pobre e enlameado de uma grande cidade, onde os rostos servis e magros dos transeuntes se espreitavam mutuamente pelos becos estreitos, malcheirosos e ruas insalubres, despidas de qualquer atrativo natural. Mostram-se com os lábios cuspidando palavras lascivas, os olhos queimando de fome ou olhando de soslaio, com luxúria.

Nesta atmosfera cinzenta, entre milhares mais, vim ao mundo como um viajante condenado a carregar a cruz da pobreza. Qual o pecado terrível nós, pobres almas, havemos de ter cometido, eu não sei. Não obstante, minha posição não era tão ruim quanto a posição de muitos outros, porque meus pais não eram analfabetos, mal-educados ou sujos; eram simplesmente pobres e possuíam caráter e moral forte, que se manifestava como um suporte para seus filhos, inculcando-lhes força para combater os desejos errôneos e as paixões mundanas que moldaram as almas de muitos dos que se tornaram fracassados por causa de grandes sofrimentos e caráter sofrível.

Nosso mundo foi pintado de todos os tons de cinza; ruas cinzentas, faces cinzentas e mentes e corações cinzentos. Era como tivessem sido esboçados e forjados nas últimas fases do cinismo pelo amargor de um pintor fracassado. As atitudes e a monotonia da roupa destas pessoas pobres pareciam ser o resultado da sua filosofia de desespero. As vozes que cortavam o ar eram altas e pouco musicais; o idioma era cheio de gírias e monotonamente carregado de palavrões; a risada era severa e zombeteira e, como o riso mostra o cunho e o estado da alma, parecia que se podia ler dentro dessas vozes dissonantes os sinais de desejos inconseqüentes e desamparados. Poder-se-ia também dizer que eles possuíam um caráter que parecia nunca ter sido limpo, sobre o qual a fuligem densa da cidade caía e se misturava.

Além disso, essas pessoas sofriam de uma doença da alma. As Autoridades Médicas as teriam extinguido com prazer se apresentassem qualquer pestilência física; isto permitiria que suas casas fossem limpas e desinfetadas. Entretanto, como só sofriam de doenças mentais e morais, o que era igualmente contagioso, lhes era permitido expandir estes males em sua numerosa descendência doentia. Porém agora os vejo de um ponto de vista diferente. Percebo-os como os filhos pródigos que fugiram de sua grande e amável Mãe Natureza e se mostram nesta existência parecendo crianças perdidas, negligenciadas e viciadas, broncas e descuidadas no remoinho d'água de uma grande, fria e desinteressante cidade.

Aqui a selvageria tinha verdadeiramente se tornado uma madrastra; usurpado o trono da humanidade de sua verdadeira mãe: a Natureza, vacinando seus enteados com o próprio vírus maligno que havia escurecido seus olhos luminosos e descolorindo a pele jovem da mocidade.

Era uma sociedade em estado de inconseqüência, cuja atmosfera impura e desgrenhada desnorteava e confundia as marcas mais nobres da alma. E tal era seu poder que só o espírito inconquistável de um homem superior poderia emergir daquele meio. Mas não era somente a pobreza que descorava e encarvoava estas ruas abandonadas, mas algo mais terrível, mais potente, que empurrava a todos para a dor e para o mal: a ignorância. Era esta estarrecedora ignorância que estabelecia a pobreza tão horrível, tão bestial. Fez da alegria, da fala e dos modos destas pessoas um pesadelo interminável.

Estas pessoas possuíam, no recôndito de suas Almas, até mesmo um senso de beleza e as ruas e as casas em que moravam poderiam tornar-se mais suportáveis, e menos como uma visão de um Inferno de quinta categoria. Mas, como eram arrogantes! Como eram esnobes! Como eram esbanjadoras! Quase me estarrecem as imagens que surgem em minha mente quando eu penso nisso tudo...

Vejo uma mulher velha e mirrada ganhando a vida com um caldeirão de bruxa no qual mistura todo o veneno colhido da vegetação rasteira que crescia nos arredores da favela. Está vestida com roupas grosseiras e se mostra deformada pela ira e poderosa pelo seu ódio mantido sob o suor de seu corpo; espalha, sem perceber, uma escuridão tão profunda em torno de si quanto negro é o interior de um velho baú. Sob os contornos negros de suas velhas mãos, magras e enrugadas, doentes e quase sem pele, corre seu sangue quente e envenenado com gim; ela se levanta contra o céu ameaçando-o, como se o estivesse amaldiçoando. Parece ser formada das essências de todas as virtudes do inferno e está parada frente a um grupo de expectadores atentos. Mistura algo asqueroso que exala um cheiro de gases fétidos e asfixiantes; sua voz cacarejante e rouca coaxa uma música inebriada de blasfêmia.

Aqui é noite de sábado e homens e mulheres, cujos vestuários já tinham sido elegantes e harmoniosos em outras épocas, dançavam de forma arrastada e esparramada, ouvindo canções sentimentais e cantando ritmos sem cadência para uma lua cheia ou, então, para o rosto obscuro e enevado um do outro. O barulho de copos quebrando, os palavrões ditos em alto e bom som e os gritos agudos de uma mulher se misturavam com os resmungos sussurrantes de um homem, agredindo com sua voz os ouvidos mais educados.

É sábado à noite, e há uma característica febril no ar. Antes do crepúsculo, uma chuva fina e colante tentou refrescar um pouco o dia que fora quente e agitado. Mas somente por um pequeno instante choveu e então as gotas cessaram de uma maneira imperceptível. Neste momento as ruas e estradas pavimentadas tiravam proveito da mistura da chuva úmida e do pó e se transformaram numa película de lama pegajosa e cinzenta; lama que parecia natural e própria para as ruas monótonas e encardidas, que agredia a visão das casas. Era como se essa lama simbolizasse o lamaçal da vida e dos pensamentos das pessoas que ali viviam. Uma lama que deveria mais tarde se transformar num bolo de gotas de pó sobre a roupa dos moradores desse bairro. E estando a favela agora em suas cores naturais, deslumbrava a fulgência de sua sociedade noite adentro.

Os postes nas ruas bruxuleiam ao toque dos acendedores de lampiões quebrados, iluminando, de uma maneira imperfeita, as ruas onde, a umidade, o cheiro rançoso e o comércio das formas entre homens e mulheres geravam uma movimentação mesclada de ansiedade e selvageria. Que não haja algum falso sentimento, pois lá havia pouco costume e muita angústia na maneira na qual viviam. Para se imaginar o que tento descrever é importante destacar a desmesurada ambição e a inquietude existente no estado no qual viviam, o que era percebido e sentido por poucos entre eles. Vitória em uma disputa; sortes inesperadas em um empreendimento arriscado e uma repartição pública de prolixo deboche, eram os momentos dourados de suas vidas. Embora freqüentemente houvesse alguns períodos negros de lucidez, onde se viam aprisionados à sua própria realidade, estes eram aceitos filosoficamente por todos.

As pessoas se movimentavam entre o amarelo, o vermelho, o verde e o púrpura das massas, frutas, legumes e de barracas de aspargos contendo repolhos mal arrumados e também pilhas mal-feitas de batatas e outros produtos, tudo coroado com jatos de fogo sibilante. O ar morno estava carregado do brado de vozes roucas que berram, sempre pechinchando ruidosamente e de vozes macias e gentis dos curandeiros e melancólicas de mascates e mendigos. Enquanto isso, as crianças tentam espertamente roubar verdureiros descuidados.

É noite de sábado, e a inconsciente comédia, a impulsiva brutalidade, e a horrível tragédia em seus movimentos são aceleradas. E quando chega meia-noite, o burburinho aumenta, numa intensidade de vozes sem fim, cada vez mais altas.

Uma vez moramos num pátio. Eu era então muito jovem, mas ainda lembro da imagem de uma mulher saindo correndo de uma briga, pois havia quebrado uma vidraça e suas mãos estavam banhadas de sangue, o qual lavou na torneira de nosso quintal. Ela parecia ser de caráter duvidoso e vivia bêbada na parte mal vista do pátio - nossa parte era respeitável — cantando, gritando e discutindo noite após noite. Eu esperava maravilhado por seu aparecimento e contemplava seu vestido e blusa rasgados e suas faces coradas. Não havia nenhuma tentativa por parte do grupo que a cercava de afastar as crianças. Era suposto que nós estávamos acostumados a tais coisas. Mas não moramos muito tempo naquele lugar.

Nestas ruas, as crianças, com sua ingenuidade encantadora, se viciavam nos pecados que desenvolveriam na maturidade. Ainda agora eu posso ouvir os gritos e choro contínuo destas crianças. Rostos afilados e maltratados, cujas bocas repetiam os palavrões imundos dos mais velhos, e quanto mais tola a criança fosse, mais orgulhosos seus pais ficavam. E apesar disso, o sol mostrava o seu brilho em nosso quarto como em qualquer outro lugar. Contudo, eu sempre via, mentalmente, essas ruas despojadas num véu de crepúsculo e névoa perpétuos. Era uma atmosfera que, como um manto invisível, oprimia e deprimia tudo que estava vivo dentro de sua órbita. Uma região de casas raquíticas e desertas, pintadas pela sujeira e pelo tempo, moldadas em alvenaria, com as portas danificadas, escadas balançando, janelas que seguravam pedaços esfarrapados de cortina ou retângulos de papelão servindo de vidraça e cujo mobiliário pareciam sacos cheios, em pé ou apoiados entre si em miseráveis filas, colocadas ao léu. Sobre os degraus engordurados sentavam grupos de mulheres desleixadas e suas imundas descendências. A imundície era geral e derramava uma grossa película em cima de tudo; para uma criança sensível e imaginativa aquilo era um pesadelo opressivo e eterno.

Agora, enquanto as lembranças se desenrolam aos meus olhos trazendo estas cenas tristes do passado, vejo esta cidade em seu verdadeiro espírito. Ela é uma rainha ricamente coroada, com olhos apaixonados e brilhantes, dentes do mais puro marfim, com lábios risonhos, abertos, largos e bochechas rosadas, usando um colar de ouro cintilante e um longo vestido cinzento, esfarrapado e remendado, densamente ornado com a lama e sujeira que se assentam pesadamente sobre muitos de seus domínios. Uma rainha imponente e imóvel cuja risada, profunda e alegre, submerge a discordância furiosamente evocada que apunhala o desespero. Mas o espelho de seus olhos não pode mascarar a verdade porque refletem para mim os seus sonhos de miríades de temas: sonhos que florescem sobre o ardor das fornalhas resplandecente da juventude e se desfazem como as folhas murchas na velhice; sonhos feitos de uma substância rara e delicada, nascidos dos corações de amantes recém-despertados; todos, todos esperando para se tornarem sem viço e serem espalhados pelos ventos gélidos do cinismo elaborado. Sonhos fracos e agitados nascidos das mentes secas da velhice; sonhos de crianças magras e olhos grandes, cujos pequenos desejos nunca puderam nascer; uma inundação infinita de sonhos, pálidos e abatidos, apaixonados e luxuriosos, tenros e delicados que aparecem como uma névoa de arco-íris correndo sobre as janelas de seus olhos e desaparecendo, para não voltar mais. Enquanto isso, em seus ouvidos surgem grandes vozes como ondas de um oceano de som: ondas turbulentas e plácidas, lentas e com correnteza, ruidosas, chocando em suas mentes e queimando seus amores e ódios num constante e sonolento ir e vir. É também um grande espírito com coração de pedra coroado com uma soberana frustração e tornado imperfeito pela imperfeição de seus súditos.

Nesta cidade, até a idade de quatorze anos, minha mente foi alimentada por uma dieta fraca e aguada da malfadada "Educação" que estava enfeitada e colorida pelos alimentos ricos e indigeríveis da realeza. Mas a verdadeira história da realeza é o caviar dos incidentes nacionais e como caviar deveria ser servida em pequenas quantidades. E estes luxos mentais foram dados às crianças que realmente não podiam apreciá-los. Nós fomos presenteados com a bravura dos piratas da Rainha Elizabeth; com o crescimento constante do Império; com a conquista das raças mais humildes e inferiores do mundo pelo poder de espada e das armas do grande homem branco. Oh, sim, também nos ensinaram sobre o Decálogo, coisas como: "Não roubarás", e o resto.

Nestas grandes e confortáveis salas a importância de saber os nomes dos rios na África e dos animais da Índia, e algo sobre os hábitos dos povos dos vários continentes era fortemente enfatizado. Mas nunca foi dada importância em se ensinar um idioma estrangeiro.

Sentávamos em pequenas carteiras e aquelas crianças que chegassem carregando consigo a bandeira da esperança, eram rapidamente desiludidas. Por isso não era considerado saudável possuir este dom tão perigoso e esbanjador; um poder que moldou e elevou as civilizações do passado; um poder que transmudou o selvagem conhecido como homem num padrão mais justo e mais limpo. Não, a Imaginação era algo poético e a Poesia não estava no currículo.

Assim, dentro destas enormes salas, pequenos dogmatismos e fragmentos de aprendizado foram injetados violentamente em nossas mentes desfalecidas; restolho insípido e frágil armazenado dos campos do conhecimento e lançados sobre nós por professores exaustos e com os nervos cansados, que conheciam muito de pequenas coisas, mas pouco de coisas grandes. Ensinos relativos a comportamento, modos, e consideração para com os outros se faziam igualmente carentes, pois nós éramos filhos de pais que eram considerados pele de batata, cascas de laranja, fragmentos e resíduo geral da sociedade. Não éramos considerados verdadeiramente seres humanos, mas a sociedade tinha certa consciência que exigia ser obedecida. Dessa forma, esta sociedade desperdiçava seu dinheiro porque educar as classes mais baixas era certamente um desperdício. E essa situação era encarada como um lamentável e inimaginável desperdício. Isto foi exatamente o que ela nos deixou e as instruções recebidas foram quase todas esquecidas. E mereceu que fosse assim.

Havia algumas crianças infelizes que teimavam em possuir personalidade. Este perigoso sinal era atacado imediatamente e foram feitos esforços extremos para torná-las tão descuidadas quanto o resto da turma. Toda a personalidade era apagada e no quadro negro de suas almas se inscreviam as visões unificadas e doutrinas ensinadas pelo Quadro do Sistema Educacional.

Por esta razão, apesar de estar inconsciente do motivo de minha revolta, odiei a escola. Como eu odiava aquilo! Eu raramente ia de boa vontade assistir as aulas, porém era arrastado à força para lá. E quando sentava em minha carteira, me sentia como um bobo. E quando chegava a hora do recreio, me levantava muitas vezes independentemente de meus colegas, agindo como um animal acuado. Nunca - e agora vejo isto com orgulho - recebi um prêmio por freqüência regular.

Os humores inconstantes da mocidade; o esquecimento rápido da tristeza; o espontâneo ato de dar boas-vindas de forma jovial; a inquietude febril para um evento longamente esperado são alguns incidentes do passado sobre os quais, às vezes, medito. Minha tristeza era a entrada no colégio; meu momento de alegria, a liberação das aulas; o evento longamente esperado era a chegada de um feriado. E, entretanto essas horas de liberação trouxeram pouco àquela qualidade lírica que seria a herança de toda criança, pois ainda me volto com um pouco de pesar e desprezo para aquele período, para a qualidade cristalina da minha mente carente de um verdadeiro entendimento da miséria que me cercou, perdendo muito de sua pungência.

Penso que somente durante a adolescência é que estes sentimentos e pensamentos tornaram-se mais intensos, pois a juventude nos faz mais sensíveis; mas, depois a pessoa se acostuma a tudo, torna-se uma fatalista entorpecida.

Os primeiros anos depois de minha vida escolar se apresentaram um pouco mais interessantes. O distrito no qual minha família passou a viver era muito melhor. Mas como este é um conto para as mentes, há pouca necessidade de comentar estas fases. Eu entrei em muitas sociedades, mas por períodos curtos, porque não me adaptei a nenhuma, e freqüentemente cometia o engano fatal de ou ser muito diligente ou ficar sonhando. Só um ideal me segurava - um ideal que possuía e sonhava desde a infância - escrever um livro. Eu não tive nenhum outro ideal a não ser este.

Somente com a idade de dezoito anos é que realmente comecei a pensar. Anteriormente os dias tinham se desvanecido como uma longa cortina de névoa, ensinando-me pouco, e deixando em minha mente os escombros de incidentes desinteressantes. E até mesmo quando o fauno adolescente (1) se mexeu dentro de mim e esquentou meu sangue com a música de sua paixão, quando suas melodias cessaram, havia pouco para lembrar dele. Isto só aconteceu quando um radiante pensamento começou a brilhar dentro de minha mente e comecei a perceber que possuía o poder para colocar, em seus devidos lugares, as coisas e idéias que eu tinha

1 - Aqui o autor se refere à eclosão de sua libido. (N.Trad.)

previamente considerado únicas e indivisíveis; que era um indivíduo com poder para se rebelar contra conceitos aceitos e convenções consideradas inatacáveis.

Da mesma forma que minhas emoções bulharam e espumaram acendi, pelo poder elétrico de uma idéia, um novo sonho, uma revelação de tirar o fôlego: tentei iluminar e tocar com o fogo que havia dentro de mim aqueles a quem encontrei. Porém, acabei me expressando mal, numa série de gaguejos misturados com flashes intermitentes de brilho. Acabei queimando-me com meu fervor destrutivo. E injustiça freqüentemente era o combustível que me fazia ferver. O espírito de rebeldia entrou em mim e me intoxicou. E com isto veio o crescimento do egoísmo e cinismo argumentativo, inexperiente.

Mas, em meu nascimento mental, eu estava fraca e primitivamente equipado e tinha tropeçado sobre as pernas, sem as muletas da educação para ajudar-me a seguir em frente. Como quem pretende ser cavaleiro sem ter armadura ou corcel, comecei minha viagem na terra dos pensamentos, carregando somente o porrete do egoísmo para conquistar meus adversários. Armado deste modo, caminhei resolutamente em frente, encontrando, depois de alguns largos passos, um ateu de meia-idade morando numa cabana de pedra à beira da estrada que tinha como fundo uma visão árida e sem referências, sem montanhas e terminava num abismo da mais absoluta negação. Era um ermitão tão primitivo e tão cru quanto eu, e denunciou e zombou da existência de Deus, batendo, luxuriosa e longamente, a bigorna construída desajeitadamente de suas convicções pessoais. Era um homem bem simples e sincero cujo pai, acredito, tenha sido um pároco. Concebivelmente ele tinha reagido contra a pequenez dos ensinamentos que lhe tinham impingido, embora isto não tenha surtido o efeito em suas reações.

A sociedade a qual este homem pertencia odeia a idéia de um Deus; odeia as igrejas e odeia o sacerdócio; adora, em vez disso, os mentalistas-materialistas científicos. Da minha parte acredito que seus pontos de vista são um tanto fanáticos e também capazes de serem indulgentes com autos-de-fé e outros tormentos, pois provavelmente teria vivido em outras vidas no mesmo período que os oponentes que atacava. Acresce que seu conhecimento científico parecia ser incapaz de compreender que seria muito difícil erradicar das pessoas que possuem uma consciência diferente da sua, o conhecimento e o sentimento que possuem das realidades divinas; seria a mesma coisa que tentar mudar a forma de uma estrela pelo fato das mesmas terem absorvido todo o conhecimento trazido a elas pelo vício da intolerância.

Antes eu acreditava em Deus sem conhecer a existência de outras teorias. Orava para Ele, simples e naturalmente e em perfeita fé; não julgava que as interpretações da vida eram tão inúmeras e tão variadas como as folhas de uma árvore. Não tinha recebido, da parte de meus pais, muita orientação sobre religião, pois eles nos permitiam pensar como desejássemos, desde que não criássemos nenhuma discussão religiosa dentro de casa, daí que as teorias de meu companheiro ateu me interessaram bastante, embora no princípio tenha ficado um tanto perturbado, pois os fundamentos de minha crença eram confortáveis e calorosos. Porém, depois de dar ouvidos para a maioria de seus contundentes e óbvios argumentos, nos quais a rudez do humor era muitas vezes usada como a expressão da verdade sobre a sepultura de Deus, e pensando sobre muitas coisas que dizia acabei aceitando seus pontos de vista, considerando que não possuía educação ou capacidade de discriminação suficientes para rejeitá-los. A partir deste momento comecei a argüir tão vigorosamente e tão absurdamente como meu recém-descoberto amigo, porém, estranhamente, posso dizer com a máxima sinceridade: a blasfêmia nunca se tornou arma de minha agressão.

Por essa época tinha me transformado numa pessoa estranha e ousada. Era um ateu. Descobri que não havia muitas pessoas atéias. Era viril no ataque com longas palavras - preferia palavras longas porque elas soavam de forma mais impressionante - que flutuavam rio abaixo como troncos de madeira do vernáculo, mas também era magnânimo no uso de meu porrete. Todas as pessoas que não acreditavam em mim eram minhas inimigas, e tentava bater em seus crânios grossos e intolerantes, com muita força e peso. O que será que estas pessoas infantis pensavam que nós verdadeiramente éramos? Assumimos para nós mantos de líderes. Se tivéssemos possuído somente um pouco de senso de humor! Mas isso veio depois.

A névoa da filosofia ainda não me tinha encoberto. E por essa razão não entendia que dogmatismo no domínio do pensamento era absurdo. Então fiquei com meu amigo durante um tempo considerável enquanto ele me iniciava em livros enfadonhos de ciência popular, em que a palavra “Evolução” era o poder que destronava Deus. Sobre tais altares nos templos da evolução estes sacerdotes do materialismo sacrificavam todos os outros credos tão fanaticamente como fez o sacerdócio na Idade Média, não entendendo que seus adoradores eram da mesma forma ignorantes, tão ignorantes e tão imprudentes quanto os adoradores de outros templos rivais.

Entretanto considero que eles são parte importante nos acontecimentos e desenvolvimento do viajante mental, isto porque apagam, sem dúvida, todos os preconceitos e superstições aceitos na infância. Sob este aspecto, minha reunião com o ateu foi de grande valor. Entretanto, como outros, rapidamente criei novos preconceitos e para não alterar o caráter com o nascimento de novos ensinamentos ou teorias, me tornei uma amolação geral a tudo que se me opusesse. Ria para desprezar aqueles que rejeitavam meus argumentos superficiais, principalmente quando era ignorado por aqueles que entendiam o estado jovem de minha mente. Porém aqueles que aceitavam semelhantes teorias me tratavam com seriedade porque nos consideravam intelectualmente superiores àqueles que pastavam abaixo das planícies de nossa intelectualidade.

Decorridos alguns meses acabei me cansando desse terreno pedregoso e, assim, decidi viajar ainda mais longe. Havia escutado que além da fronteira do Ateísmo se estendia uma terra chamada Socialismo. Uma terra maravilhosa e perfeita; uma terra de clima temperado e refrescantes ventos alísios, cheia de bosques que brilhavam com o canto alegre dos pássaros e a luminosa fragrância de miríades de flores; uma terra onde a perfeição se irradiava das formas e faces nobremente proporcionadas das mulheres; a terra de Arcádia onde todos tinham igual oportunidade para expressar o que mais nobre havia dentro de si. Em resumo, um fragrante paraíso social dado ao homem por causa do amor que seus doadores sentiam em seus corações por toda a humanidade.

Retomei minha peregrinação cheio de esperanças. Em seguida cheguei a uma longa, larga e lisa estrada de cor vermelha. Flores cresciam em suas beiras. Arranquei algumas, porque julguei que fossem artificiais e isto me surpreendeu, mas logo esqueci tudo quando contemplei a beleza silenciosa que me envolveu. O sol há pouco estava nascendo, outro fenômeno curioso, pois sua luz nunca cobriu o vale para o qual eu viajei. Mas foi quando fiz uma curva da estrada que o som de um brado poderoso alcançou meus ouvidos. “Isto”, exclamei, “não deveria ser assim. Ora, talvez algum inimigo tenha invadido esta terra de perfeição”. Assim eu continuei seguindo em frente e o brado aumentou, enquanto os pássaros dos relógios-cuco que me cumprimentavam cessaram de fazê-lo.

Finalmente, cheguei à ponte levadiça de um castelo construído com pedra de cor escarlata. Este castelo estava sitiado por um exército que usava uniformes de cor vermelha e seus soldados tocavam cornetas. De um deles descobri que aqueles que estavam no castelo eram do mesmo sangue dos que atacavam. Então batalhavam entre si. Parti, porque não entendi a razão para aquela disputa. Assim viajei para mais longe e os sons que repercutiam no ar aumentaram, tornando-se mais ferozes, mas não vinham daqueles que deixei, mas de outro lado. E novamente, quando cheguei ao lugar de onde vinha o som, verifiquei que outra batalha estava acontecendo e que a causa era de uma natureza semelhante a dos exércitos que eu há pouco tinha deixado atrás. Então me uni a um dos exércitos e me tornei um mercenário, pois, caso contrário, não poderia continuar viajando para diante. Por grandes castelos e terras, aconteciam batalhas diariamente.

Assim, me tornei um arqueiro, usando uma aljava carregada com as flechas farpadas de argumentos que eu atirava em todos que se opusessem às visões particulares que eu esposava naquele momento.

Nesta terra, todos os habitantes estavam em um estado de sítio ininterrupto e cada castelo era rodeado por uma névoa vermelha. Permaneci aqui durante um tempo considerável, enquanto viajava de um castelo a outro tentando descobrir a razão para a inimizade que existia

entre todos eles. Muitos dos soldados juravam que seus adversários eram desonestos e desleais; outros estavam seguros que certos rituais de Amor em suas Igrejas eram blasfemos; outros mantinham a convicção que certas regras estipuladas por seus reis deveriam ser obedecidas, e outros, ainda, discordavam; e acreditavam que seu grande inimigo, O Gigante Dourado(1), tinha pago aos seus adversários para espioná-los. Talvez fosse por este motivo que o sol nunca se levantasse.

Era um reino onde a Suspeita e o Desgoverno se manifestavam como os verdadeiros soberanos, e onde as flechas de argumentos eram disparadas numa chuva perpétua.

Viajando de castelo em castelo acabei chegando aos limites deste país, além do qual se deita a névoa - e os vales obscuros do Anarquismo. E aqui descobri a filosofia do ego - que intoxicou Nietzsche e Max Stirner, cujo deus era o super-homem da Magia Negra.

Nesta terra tenebrosa foram predicadas as doutrinas do eu pessoal. Liberdade perfeita e pura para o indivíduo; uma inversão do verdadeiro ideal espiritual, no qual o homem é considerado um universo, mas em que, antes de poder aperfeiçoar e usar a liberdade de expressão de sua alma deve ser perfeito física, emocional e mentalmente, isto é, deve ser equilibrado em todos os atributos de seu ser e já trabalhe auxiliando a humanidade. O contrário é o mago negro, que guerreia contra a humanidade, mas que também desenvolveu poder e sabedoria tenebrosos. Desta forma podemos verificar que, o lado mais escuro da liberdade para o indivíduo é expressado no Anarquismo.

As pessoas com quem me relacionei não eram de natureza má e, com certeza, evoluíram muito mais primorosamente e de forma mais moderada que o Socialismo. Foram mais ou menos ateus e por causa disso acreditavam que os poderes do homem eram limitados. Sendo assim só puderam - e fizeram -, teorizar sobre o assunto. A verdade é que eram mais ou menos filósofos que possuíam doutrinas quase idênticas.

Neste reino eu joguei fora minha aljava de flechas e troquei-a rapidamente por um florete e vaguei sozinho como estivesse em férias. Tentei juntar material para um ambicioso trabalho que intitulei: "Egoísmo, Passado, Presente e Futuro". Um trabalho que seria escrito em três vastos volumes para provar conclusivamente como o homem tinha subido através da evolução ao Egoísmo, que possui as sementes de sua própria destruição. Menciono esta minha tentativa literária (a qual, desnecessário dizer, não vai além de algumas páginas de notas) para mostrar o estado mental e a juventude de minha mente. Pois até tinha tido a vontade para executar tal façanha, porém me faltava o conhecimento para realizá-la.

As pessoas nesta terra sombria estavam agora com pressa. Com a poderosa vassoura do Anarquismo decidimos varrer e limpar o mundo inteiro. Ia ser feita uma forte limpeza em que nós seríamos os varredores. Em primeiro lugar queríamos destruir todos os tiranos da face da Terra ou pelo menos colocá-los onde eles pudessem fazer o menor dano possível à sociedade. Os aboliríamos pelo processo simples de transformar resoluções em revoluções, embora, infelizmente, não conhecêssemos a diferença entre as duas palavras, pois, para nós aparentemente significavam a mesma coisa. Ansiávamos avidamente que nos dessem conforto e tempo para pensar, e não chegamos a perceber que outras pessoas poderiam estar satisfeitas com o atual estado em que se encontrava a sociedade. Por estarmos inquietos, queríamos que todas as pessoas se sentissem assim, ou seja, insatisfeitas. Atualmente esposo o pensamento que o Socialismo, o Anarquismo e todas as outras formas destrutivas de crença são o resultado de uma mentalidade de adolescente, uma adolescência pretendida por todos os que se esforçam para melhorar suas próprias condições de vida. Entretanto ao falar de três classes de sociedade, esquecemos outro aspecto - o das castas. Na realidade, tenho certeza, é possível não dar certo em nossa civilização imatura uma mistura extemporânea e desesperada entre seres cujos mundos de pensamentos são tão diferentes e distantes entre si quanto as estrelas no céu, por causa do estado evolucionário em que se encontra a própria humanidade.

(1) O Capitalismo. (N.Trad.)

Despertei minha mocidade mental entre os anarquistas, uma mocidade unguida com o óleo sagrado do sonho; uma mocidade viril e apaixonada; uma mocidade cujo sangue sacudiu e açoitou em fúria a estupidez e o egoísmo das classes dominantes e da nação. Minha mente era como um vaso recém perfurado, cheio de um vinho forte, ardente. Quando fui intoxicado por sua força, meus pensamentos, sonhos e visões se agitaram tumultuosamente dentro de mim como se fosse uma torrente avassalante. Minha alma era como um punho fechado, desejando golpear todas as desumanidades que me cercavam.

Naquela Primavera eu estava mais apaixonado, mais cheio de vitalidade, por demais identificado com todas as outras fontes de energia experimentada pela alma em sua peregrinação. E esta era a Primavera de ideais; uma Fonte que é o eco da vitalidade divina. A bandeira vermelha tornou-se meu símbolo; o símbolo de perfeição social em que a injustiça, a desigualdade e a fome não têm lugar. E quadros de graciosas cidades com seus bairros limpos, pessoas esplêndidas e atmosfera cintilante, serenidade e beleza rompiam dos êxtases de meus humores revolucionários. O fogo de meus ideais esquentou e confortou-me no meio de um mundo frio e desconfortável. Cada ideal era uma baliza a qual adicionei combustível novo para iluminar os corações e mentes do povo. Sendo extremamente sensível, ficava facilmente impressionado com a eloqüência sentimental de cada orador revolucionário. E me revoltava ao máximo nos momentos em que todas as injustiças se relacionavam com a minha pessoa. Quão indignado me sentia... Como denunciaria com palavras acrimoniosas e odiaria com firmeza uma recepção social ou um político. Depois que nasceu em mim certo senso de humor fiquei mais equilibrado e comecei finalmente a desprezar estas pessoas que super-exercitavam seus pulmões numa audiência sem qualquer discernimento e de forma tediosa. E também concluí que seus caracteres não possuíam aquela qualidade dourada que pregavam em suas teorias. Não obstante, pude retirar desta Primavera muitas flores bonitas, pois havia, além de toda a incerteza e confusão-mental destas pessoas, uma força positiva e nobre que elevaria o ser humano para um plano mais elevado, no qual existem moradas mais limpas e brilhantes.

Concluí que a sociedade permanecerá imatura enquanto o ser humano permanecer imaturo. No entanto, a força tenra de um sonho elevado se espalhará e se enlaçará ao redor do coração humano, substituindo as miríades de miragens que o distraem e desnorream, embora já comece a ouvir em seu coração o sussurro de um lamento e o desejo para entrar no silêncio de seu Eu Superior. Como é ainda muito jovem e muito fraco para traduzir e entender esta força divina que todos os profetas e poetas das idades têm escutado titubeia. Ao se fazer ouvir com mais freqüência, a voz deste sonho o deixa intranquilo, principalmente quando ela se faz presente, mais adiante, em coisas que ele não pode entender. Acredito sinceramente que o sonho é a voz do Eu Superior que exige obediência de seu instrumento humano, e não libertará o coração do homem de seus enredamentos, mas tende a compeli-lo a aceitar seu ideal, se não por amor, então através da dor. E só então florescerá uma sociedade madura.

Por essa razão, naqueles dias, bem cedo, eu já me encontrava ansioso para dar a todos, minha riqueza recentemente descoberta. Tentei forçar esta situação na cabeça de todos aqueles que encontrava pelo caminho e, quando percebi as diferenças psicológicas entre as pessoas e descobri a absoluta futilidade de fazer propaganda para aqueles que estavam preparados para um entendimento maior, senti-me enganado. Pois mesmo que essas pessoas seguissem a doutrina, o fato de que muitas outras não a entenderiam causaria muito mais caos do que harmonia em nossa sociedade. Da mesma forma, se realizava, na prática, o que me foi dito por meu professor, ou seja, "é necessário deixar outras mentes sozinhas, a fim de que, naturalmente, suas estradas de desenvolvimento ocupem direções diferentes". O Eu Superior sabe o que é melhor para o seu instrumento.

Ainda era através do Anarquismo que eu aprendia que cada pessoa representava um mundo com leis naturais imutáveis e cada qual com um modo diferente de pensar. E foi igualmente através desta conclusão que eu deixei os vales caóticos e escuros do Anarquismo e viajei no mais vasto, e de formas muito mais diversificadas, reino da Filosofia.

Viajando no país dos Filósofos fui compelido a jogar fora o florete - para que o uso da espada de argumentos se estava combatendo uma miragem? - e em vez disso, passei a carregar

uma roca de fiar. Comecei a juntar a lã no carretel das idéias descartadas pelos velhos filósofos e pelos jovens que ficavam sentados ao lado e em volta deles torcendo o fio de teorias primorosamente tecidas.

Que tecidos maravilhosos eram fabricados! Havia roupas macias e lisas, tecidas para corpos mentais aristocratas; lãs para aquecer e confortar os pensadores otimistas; e materiais fracos e puídos para o intelectual superficial. E, da mesma forma que os outros, me sentei e teci para mim uma roupa. Mas que pano esquisito e variado veio de meu tear! Que matizes estranhos e, por cima, as linhas estavam misturadas! Não era linho nem sarrapilheira, lona ou cetim. Era uma combinação de todos os tipos. E a fantasia que eu usei era no princípio uma bugiganga desajeitada, e grotesca ao observador de roupas da moda. Porém isto se adequou bastante ao meu propósito de vestir daquele momento, embora, depois de certo tempo tivesse tirado alguns pedaços e os substituí por remendos que harmonizaram mais completamente meu estado mental.

Quando ainda vagava na terra do Anarquismo, tinha assumido que, além de seus limites, estender-se-ia uma nulidade insondável; que minha evolução mental tinha terminado e que a próxima melhor coisa que eu poderia fazer era juntar todo conhecimento quanto este país possui. Assim, quando pisei dentro dos limites da terra da Filosofia, carregado ainda com as crenças gêmeas do Ateísmo e Anarquismo, mantinha em mim grandes dúvidas e incertezas, pois nesta nova terra todas as coisas eram de uma natureza não substancial. Os tecedores e fiandeiros que ali viviam disseram que minha crença na grandeza do indivíduo era de pouca utilidade na "Vida"; que elas *"poderiam ser apenas uma idéia tecida de substâncias intangíveis. O corpo não existe, só existe a mente. Tudo é energia; a matéria, o tempo, a força, a amplitude e a largura não são mais os limites do movimento. O homem é um tema tão sem importância como uma mancha de pó. O Homem é um universo e os sóis e estrelas são os seus sonhos"*. Concluí imediatamente: que utilidade tinha então meus dogmatismos? Estes filósofos me provaram que o grande chão pelo qual eu andara não era mais feito de névoa e sim de moldada areia movediça.

Lentamente comecei a perceber quão pouco realmente sabia. Determinei-me então a viajar muito além das distantes paisagens trilhadas pelos mil olhos dos filósofos que passaram seus dias desvendando os velhos padrões de idéias deixadas por seus irmãos já falecidos. Desde que estes filósofos tinham derretido meus dogmatismos materialistas, decidi também reorganizar meus antigos padrões de idéias e, assim, desenhei mentalmente novas teorias que se espalharam num vasto e sombrio litoral.

As grandes questões relacionadas à vida foram colocadas diante de mim. Agora questionava o problema da existência. Acreditara anteriormente que todos éramos como velas, moldadas pelo ambiente em que vivíamos, cujo pavio era aceso por uma força inconsciente, mecânica, queimando até que a vela derretesse e voltasse aos elementos. Por causa desse tipo de pensamento a vida para mim se apresentava pouco razoável e sentia-me compelido a buscar um motivo para esta situação, já que todos, mais adiante, são obrigados a colher sofrimentos distribuídos em quantidades muito generosas e que parecem ser os prêmios da existência. "Pois", argüia comigo mesmo "será que Deus é tão cruel a ponto de dar tanto sofrimento à Sua criação".

Contudo ainda não tinha investigado os fenômenos do Espiritismo nem, da mesma forma, ouvido falar da Teosofia. Desta forma, as chaves para certos problemas da existência não tinham sido devidamente colocadas em minhas mãos. Via que o Anarquismo conduzia à crença no poder da força bruta, física e mentalmente. A pessoa luta brutalmente pelo poder, tanto no plano mental quanto no físico. Também pude perceber claramente que o uso da guerra de classes não era nenhum verdadeiro e duradouro remédio para tanto ódio e egoísmo existente entre o capital e o trabalho e deveria somente produzir uma desarmonia ainda maior.

Lenta e profundamente, fui possuído por uma agonia mental muito grande. Uma angústia insuportável queimava-me por dentro. Eu me sentia indescritivelmente fraco e fútil. A retórica e a explosão da brutalidade não puderam ajudar o mendigo miserável nem puderam dissolver o ódio e a suspeita que cada nação lançou uma contra a outra; ódio que corroe e empolou o corpo social e envenenou seu sangue. Os discípulos destes credos reformistas também eram muito imperfeitos e ávidos do poder. Passei, então, a estudar filosofia para encontrar uma resposta que me satisfizesse, mas isto não aconteceu e vi que os famintos sempre seriam os

símbolos das leis impiedosas da vida. Para mim particularmente, esta situação aparecia como um quadro vivo, terrível, que vestia todo o planeta com forças semelhantes a pés gigantes que, ao andar, cobriam de vermelho todas as coisas que respiravam.

Este estado mental continuou por muito tempo, até que um dia conheci um velho Comunista que, em conversa amistosa, trouxe à baila o assunto do Espiritismo. Embora eu o escutassem vivamente, seus argumentos e ilustrações ilógicos me irritaram sobremaneira. Comentei que considerava tais crenças um absurdo, algo primitivo e impossível de ser crível por uma pessoa honesta. Achava que sabia mais que ele. A filosofia tinha me provado há muito tempo a futilidade do dogmatismo. Apesar disso fui intimado a comparecer a uma sessão e lá fui com a idéia de me divertir. O quadro de homens aparentemente sãos e mulheres - especialmente as mulheres - sentadas de forma respeitosa num quarto escurecido, enquanto seguravam as mãos uns dos outros e expectantes de ouvir mensagens dos espíritos amigos já mortos e manter conversa através do médium, possuía para mim, naquela época, não só um sentido humorístico mas também patético. Era tudo muito interessante, porém estas pessoas pareciam prontas demais para aceitar como verdadeira qualquer declaração vaga que o médium ou a entidade comunicante desejasse dar. Agarravam-se a cada fragmento de informação como se estivessem passando fome sem questionar ou desejar saber se a comida dada viria da mente do médium ou de um espírito desencarnado.

Concluí, dos resultados de minha primeira visita, que havia também muito poucas provas para o estudo deste assunto.

"Ainda assim," pensei "é válido quando examinamos o aspecto psicológico". O Espiritismo era parte daquelas crenças que ataquei, e me esforcei sinceramente em encontrar alguma justificativa científica mais sóbria sobre este assunto. Enquanto permanecia neste questionamento, interessei-me pela ciência do hipnotismo, tendo achado nesta muito mais provas sobre os possíveis poderes da mente do que jamais havia concebido. Perguntava-me: por que nunca havia percebido a existência de forças adormecidas dentro do cérebro até aquele momento? Entretanto, posteriormente iria aprender sobre poderes ainda maiores e mais maravilhosos dos quais certamente o estudante de psicologia ocidental e do hipnotismo nunca ouviram falar.

Um pouco mais tarde ouvi falar de outra teoria sobre a vida: a Teosofia. A curiosidade me conduziu a um lugar onde estavam sendo feitas palestras sobre tal assunto e enquanto escutava o palestrante, comecei a compreender muitas coisas que esclareciam tudo o que ainda era vago para mim e estavam de acordo com as poucas intuições que tinham brilhado dentro da minha mente, desde a minha infância. Questões e mais questões começaram a ser resolvidas. As antigas crenças da infância, como magia, fadas, religião e Deus reassumiram novamente sua soberania, embora, claro, que as condições apresentadas pela Teosofia não fossem iguais. Com o novo entendimento, fadas eram elementais; a magia estava estribada em leis desconhecidas; o Logos era Deus. Mas, que importa os termos desde que signifiquem a mesma coisa? Outra razão pela qual escutei tão avidamente e aceitei tudo o que foi dito, não era porque meu despertar estivesse acontecendo através da retórica do orador ou ainda estivesse alicerçado em crenças antigas e bonitas, mas simplesmente porque era muito razoável e explicava cientificamente a solução de tantos problemas que assolavam meu entendimento. Aprendi que todos tínhamos vivido antes, e em nossas vidas passadas fizemos muitas coisas que produziram as reações atuais, conseqüentemente justificando todos os nossos sofrimentos, não causados por Deus, mas por nossas próprias ações. Aprendi também que possuímos o livre-arbítrio para fazer o bem ou o mal; que aqueles que escolhem o caminho do mal, aprendem através do sofrimento a fazer o bem, e aqueles que escolhem o caminho do bem aprendem a se tornar instrumentos para os propósitos Divinos. E aqui citarei um ensinamento dado a mim, naquela época, por meu professor: "Os poderes negros são necessários à vida, pois é através dos opostos que Deus convoca o homem para a direção certa. Aquele que busca a verdade é encaminhado à estas forças negras para que possa adquirir o entendimento e discriminar entre as ações corretas e as erradas.

Desta forma, através da Teosofia esclarecedora e pouco conhecida, me foram dados os fundamentos necessários para explicar muitas coisas que antes me intrigavam e decidi banquetear-me neste novo mundo de pensamentos, que se expandiu ante mim. E tive um apetite

prodigioso; nada foi jogado fora. Digeri trabalhos nos quais alguns Teósofos na ocasião não estavam interessados. E aqui e ali achei pequenos petiscos que caiam bem com todas as estranhas e variadas comidas que descobri. Folhetos e panfletos foram minha primeira escolha, depois vieram três volumes enormes de um trabalho que é certamente tratado com um quê de desprezo não merecido: "A Doutrina Secreta" - o livro mais notável, me aventuro a dizer, do século XIX. Porém fui compelido a deixá-lo de lado porque tratava assuntos muito profundos para minha compreensão. Neste meio tempo, trabalhos mais elementares e de natureza semelhante foram lidos à taxa de cerca de doze centavos por semana. Posteriormente entrei em contato com a biblioteca da Sociedade Teosófica e descobri que o número de livros escritos sobre esta filosofia era imenso. E foi nesta biblioteca que tive a oportunidade de estudar a base científica de suas crenças, embora saiba plenamente que o pesquisador não deve perder tempo em examinar se existe alguma possível verdade nesta doutrina. Ela é muito superior a isso. E depois de tudo, não é muito mais importante o estudo e a compreensão do espírito das coisas de Deus do que os hábitos de um besouro?

Ao mesmo tempo, de um modo superficial, ainda assistia às sessões Espíritas e comecei a obter algumas provas sobre o que ali se passava, a maioria de uma maneira desagradável. Depois de deixar este círculo, alguns fenômenos aconteciam quando eu estava só, em meus aposentos. Ouvia batidas e pancadas à noite e, em uma ou duas ocasiões, tive o desprazer de ter a experiência misteriosa de algo se retirar de meu corpo. Isto me deu provas, embora mal recebidas, que possuía outra forma de consciência dentro de mim, fato este inconcebível para qualquer pessoa de convicções materialistas; algo que pode se soltar do corpo e que é completamente consciente de que este não passa de algo parecido com um tipo de envelope. Naturalmente, com esta afirmação já posso ouvir os psicanalistas e psicólogos - que nunca tiveram tal experiência e ainda sim negam tal possibilidade - murmurando de forma reticente que, aparentemente, eu teria tido alguma forma estranha de alucinação - tudo é uma alucinação para o cego sem experiência, e para esses, que não querem ver, mantenho o fato ocorrido como uma experiência tão real quanto à presença do Sol em nosso firmamento. Era como se algo tivesse sido destrancado e se mostrado a mim, enquanto me advertia de que o Espiritismo tem os seus perigos.

Acho que o Espiritismo é uma área de fervor religioso escravagista, onde muitas pessoas sinceras e infelizes se tornam escravas oprimidas de estranhas e miseráveis criaturas que olham de soslaio e tagarelam nas costas de seus condutores. Pessoas que são fracas e cegas e não sabem que horríveis criaturas as possuem. É uma terra onde a Curiosidade, a Aflição e a Ganância são os mestres, atraindo muitos passageiros para atracar seus barcos nesses portos sombrios; uma terra em que tudo aparece distorcido, onde árvores são moldadas de forma curiosa e insalubrememente coloridas, com ramos cinzentos, torcidos e com coisas vivas enroladas em seu entorno e as grossas e lustrosas folhagens têm a seiva doente; onde também as grammas escuras sussurram parecendo reclamar quando não há nenhum vento. Aqui há um mau cheiro sombrio vindo continuamente dessa terra pantanosa onde as águas límpidas e correntes se tornaram marrons e paradas, com exceção de um riacho brilhante que flui de uma distante montanha enfileirada. Este riacho é uma dessas linhas brancas da Verdade que corre através das idades, de civilização para civilização, trazendo consigo uma luz perene e murmurando um hino eterno para aqueles que estão dispostos a ver e ouvir (1).

O Espiritismo é, na maioria das vezes, uma terra de transição em que caminhar é viajar sem prestar a devida atenção para as risadas selvagens e uivantes dos anfitriões invisíveis.

(1) -(ver final da página anterior) Esta é a opinião do autor baseada nas práticas espíritas que presenciou em Londres, onde "médiuns" mercantilistas ganhavam dinheiro atendendo viúvas que queriam falar com seus "maridos mortos" e se colocavam como intermediários entre o mundo astral e o físico. "As invocações dos mortos atraíam entidades do mais baixo grau evolutivo que apenas se serviam da vitalidade do médium e dos presentes, dando respostas que sempre atendiam o interesse das consulentes. A descrição das características físicas do plano astral é real, embora descreva apenas uma de suas regiões, porquanto ali existem regiões ainda mais tenebrosas e outras, extremamente belas, sustentadas pelos sentimentos nobres da humanidade, dignas de espelhar o que denominamos amor na face da Terra. Apesar de tudo, este plano de existência é sem valor para os seres humanos que buscam a sabedoria de seu Íntimo, pois ali, como na face da Terra, tudo é falso e ilusório. (N.Trad.)

Nele encontramos pessoas bastante sinceras que crêem que os espíritos obsessores que possuem os seus corpos os utilizam apenas para motivos desinteressados esquecendo que, na maioria das vezes, há motivos bastante opostos àqueles revelados, principalmente quando se trata de médiuns orgulhosos e encantados por desfrutarem de um psiquismo que os coloca nos pedestais erguidos pela vaidade. Por tal terra vaguei, conhecendo as pessoas que como nós tinham tropeçado cegamente através de selvas emaranhadas. Estas pessoas desejavam ser instrumentos de Deus, mas infelizmente deixaram as portas do porão da casa humana abertas por um longo tempo, permitindo uma invasão de espíritos profanos que às vezes reinam supremos em suas atitudes. A fascinação e a perplexidade os encantam, porém, se elas procurassem ouvir mais sutilmente, teriam ouvido o sussurro delicado do fluxo prateado da lua ao longe; e também, se tivessem desenvolvido a força suficiente para ir em sua direção, passariam direto pela névoa cinzenta e entrariam numa região de cores mais luminosas e guarnecidas de flores adornadas com franjas de luz que nasce e cresce nas margens de um rio que jornadaia através de um continente denominado Teosofia (1).

Incidentalmente algumas observações de meu professor relativas ao Espiritismo podem ser de interesse neste momento: "A criança tem que dar seus primeiros passos rumo à obtenção e realização da Verdade e em seus tropeços freqüentemente vaga nos labirintos fundamentais do Espiritismo, quando é corretamente compreendido. Porém, a mente e o coração puros a conduzirão por esta terra de névoa e emaranhados para o mundo do despertar de suas almas. Então, se é sincera, ela não será condenada, pois além, são muitos os caminhos para Deus ". Assim estas experiências prepararam-me para aceitar muito o que os Teósofos têm reivindicado, e aprendi isso buscando e descobrindo que não há nenhum fim em nossas existências. As visões mentais que experimentava aumentavam diariamente expandindo cada vez mais o campo do meu conhecimento e preenchi cada polegada de espaço e ar com inteligências invisíveis de naturezas maravilhosas e variadas, mais poderosas a cada minuto.



(1) - Aqui deveríamos compreender Teosofia no sentido lato da palavra como Sabedoria Divina, embora H.P. Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica argumente que esta não seja a mais apropriada definição da palavra, sugerindo que seu verdadeiro significado seja Sabedoria dos Deuses ou Sabedoria Universal. É o substrato e base de todas as religiões e filosofias do mundo. Do ponto de vista prático, a Teosofia é puramente "*ética divina*" (N.Trad.)

IMITAÇÕES DIVINAS

O passado é um poder negro que entrelaça seus fios coloridos ao redor dos pés impacientes do viajante. É um fantasma divino que deveria dormir imóvel para aqueles que conhecem Deus sob um novo enfoque. Não escute os ecos tristes de sua antiga grandeza ou fique triste por seu desaparecimento. A beleza arcadiana da Grécia foi tecida em seu sangue; o crepúsculo insondável do Egito e os seus deuses fazem parte de sua força; a chamada força indomável de Roma ainda persiste. Nas cidades silenciosas de solo arenoso - as obras, frutos de pensamentos colossais - serão novamente reconstruídas em uma escala ainda mais vasta. Não lamente o passado. Se esses trabalhos monumentais foram sacrificados em certo momento, é porque o grande Arquiteto tem barro novo para moldar. Se os címbalos de bronze que soaram uma vez invocando os deuses não vierem soar mais, é porque uma música mais poderosa e mais majestosa irá nascer no novo período quando os deuses novamente despertarão trazendo presentes e maravilhas para o homem. Lembre-se disso; dentro de vocês moram os ecos misturados dos séculos.



CAPÍTULO II

A TEOSOFIA

Há uma crença entre certas pessoas que a Teosofia é uma concepção absurda e primitiva do universo, inventada por uma charlatã esperta conhecida como Senhora Blavatsky. Isto é totalmente falso. A Teosofia é tão antiga quanto o universo, por isto lida com o aspecto espiritual da Natureza, estuda as causas dos fenômenos e não somente os seus efeitos e nos explica o significado espiritual da vida, as razões de nossos sofrimentos e a sua cura. A Teosofia possui uma grande força ética e é tão clara quanto científica em seu próprio ponto de vista, como qualquer ramo da ciência moderna, embora trate tanto do mundo interno da alma como do mundo externo. Não nega a necessidade das coisas materiais, mas nos ajuda a dominá-las. É semelhante à foz de um grande rio dourado com inumeráveis canais cujos nomes são: Espiritualismo, Magia, Astrologia, Psicologia, Folclore e é máxime anfitriã da maioria das crenças aceitas pelas nações Orientais, entre elas a lei de Reencarnação, uma das principais bases para todos os outros aspectos da Teosofia.

Tal era o mundo de pensamentos no qual entrei de boa vontade e com muita alegria. Além de uma explanação clara das causas de muitos de nossos sofrimentos, a Teosofia restabelecia muitas das idéias românticas com que minha imaginação tinha brincado desde quando era uma criança. A percepção de que a Justiça não era somente uma concepção artificial, mas acima de tudo, uma lei natural, me trouxe um grande alívio mental. O mal que nós produzimos volta tão inexoravelmente a nós quanto o bem. As forças emocional, mental e física interagem entre si. Com o conhecimento posteriormente adquirido, considere que isto pode, em verdade, ser demonstrado. Até mesmo a própria Ciência admite a verdade da telepatia, uma força mental que pode aniquilar o espaço da mesma forma que o telégrafo sem fios, e a qual se for cuidadosamente estudada, poderia agir semelhantemente com tempo.

Acredito que o ser humano possui uma consciência ilimitada, porém limita a si mesmo e vive, no atual período evolutivo, numa gama extremamente estreita da consciência universal. Entretanto, agora já começa a usar sua mente numa extensão muito maior de vibrações que nos últimos séculos e é esta a razão para o aparecimento das reações mórbidas que classificamos como doenças nervosas. Ignora ainda, entretanto, que pode receber e experimentar inspirações mentais, emocionais como também físicas de mais elevado teor, como aconteceu comigo nos últimos anos, tudo em decorrência de meu treinamento oculto, que me tornou mais sensível, daí que penso ser bastante possível, no futuro, quando a humanidade se tornar mais sensível, ela também começará a perceber como a pessoa pode ser atacada no reino mais sutil da mente por criminosos mentais; nessa época, então, será descoberto um novo método para castigar estes criminosos mentais, da mesma forma como são castigados aqueles que perpetram crimes no plano físico.

Na Teosofia achei que poderia encontrar a solução de muitos dos vários problemas que me haviam confundido quando viajei pelos reinos de minha adolescência mental baseado nas concepções oferecidas por Ateus, Socialistas e Anarquistas, que nada mais eram que remédios morais, administrados ao corpo físico por médicos que só tinham dois terços de sua visão. Agora, mesmo tendo descartado de minha mente aquelas sugestões para a cura do homem incapacitado de alcançar sua dignidade, ainda posso simpatizar com eles, pois percebi que apesar da aparência externa, eram perfeitamente sinceros; a visão mental que possuíam é que era ainda um pouco turva e viam apenas vagamente os males de seus muitos pacientes ou vítimas, pouco dispostos a

serem curados, acabando por se tornarem responsáveis por lhes infligir mais sofrimentos do que estavam propensos a aceitar. Ainda não são os Socialistas os mais culpados pela perspectiva materialista da vida em si, mas o cientista cético que nega prontamente muito do que outras pessoas descobriram, incluindo, até mesmo as experiências daqueles cientistas que realizam investigações dos denominados fenômenos físicos.

Igualmente censuráveis são as sociedades em geral que publicam em grande número, o trabalho barato escrito por céticos e os colocam nas mãos de semi-analfabetos que nunca tiveram a oportunidade de investigar, por eles mesmos, as aparentes verdades colocadas em teses por estes negadores contumazes. Tinha estado anteriormente em uma posição semelhante, porque aceitei tudo cegamente até que me rebelei contra o que afirma todo este material barato e freqüentemente mal escrito. Conseqüentemente não podia culpar o Socialista por sua perspectiva pessimista, mas seus mestres, os cientistas céticos.

Penso que as escolas primárias deveriam ensinar, como a base mais importante do treino e desenvolvimento da mente, uma forma simples de filosofia, mostrando em primeiro lugar o insubstancial das coisas; porque até mesmo o estudioso trata somente dos efeitos e não das causas. Isto provaria que tudo é incerto e que os nossos sentidos são instrumentos ainda muito imperfeitos para a percepção da verdade. O resultado seria que por muitos anos a mente não favoreceria os dogmatismos, mas escutaria todas as coisas e as pesaria cuidadosamente. Hoje em dia tal treinamento só pode ser feito em universidades, quando todas as escolas deveriam fazer isto.

Na Sociedade Teosófica conheci várias pessoas com quem rapidamente fiz amizade. Pessoas interessantes, algumas que já tinham tido certas experiências psíquicas e outras que esperavam tê-las, entre as quais eu também me incluía. Perguntas e mais perguntas brotaram de minha mente quando estudei os numerosos trabalhos na biblioteca da Sociedade e percebi como uma parte tão pequena da humanidade conhece a anatomia da alma, que tive oportunidade de estudar em estranhos livros de filosofia que derreteram qualquer afirmação dogmática que ainda teimava em fazer. Ali abundavam livros sobre hipnotismo provando os terríveis poderes escondidos e aprisionados no interior da mente humana; outros que mostravam os perigos a que naturalmente a humanidade está exposta e os verdadeiros remédios necessários para sua extirpação; e finalmente, a maneira e o meio pelo qual o homem pode tornar-se divino e cheio de conhecimentos maravilhosos. O que eles revelavam, acima de tudo eram as dificuldades que o homem tem de enfrentar para transmutar a sua fraqueza em força, em espírito de sacrifício e de abnegação, renunciando a tudo aquilo que é mau e desejando sinceramente ser um instrumento de trabalho harmonioso pelo bem de todos.

Mas somente ler certamente não era o suficiente.

Minha mente repetia continuamente "Viva a filosofia!" e evitava muitos argumentos intelectuais. Sabia que a crítica destrói mais do que constrói. Durante este período, apesar da adoção de uma crença elevada sentia grande prazer em superar qualquer oponente mental em uma batalha intelectual e isto me trazia um descrédito considerável entre aqueles que eram mais misticamente inclinados. Amigos que se mudaram para o ar sereno da fé irrefletida passaram a me ver com maus olhos. Em verdade agitei o mar sereno em que habitualmente viviam. Em contrapartida, eles também me irritavam, porque aceitavam muitas coisas sem pensar e se mostravam muito sentimentais e fatalistas. O fato é que a Verdade só é vislumbrada do cume de uma montanha e nós, que queremos chegar a este vislumbre, deveríamos nos tornar cada vez mais ansiosos para escalar o pico dessa montanha em vez de apenas aceitar o fato por acomodação, o que me causa medo. Porém, na época, me achava inquieto e meus pés mentais tinham me levado para o litoral da Filosofia, só me restando agora navegar em frente. Não podia mais aceitar o cansaço mental de meus amigos.

Sentia que, se meus estudos estavam sendo úteis, se tornava necessário colocá-los em prática. Com este entendimento me tornei imediatamente um vegetariano puro, - o que não era muito difícil para mim, pois nunca havia sido muito apaixonado por carne - entretanto percebi que ainda estava longe de realizações espirituais que nunca descobri. Conheci muitos vegetarianos, mas raramente pareciam ter experimentado qualquer coisa de uma natureza

paranormal. Em momentos estranhos eu tentei também me concentrar e meditar, mas os resultados não chegaram a me impressionar. Não recebi nenhuma visão surpreendente, nem vivenciei as experiências auferidas na atmosfera diferente do Espiritismo.

Quando estudava os enormes volumes de "A Doutrina Secreta", entrei num estado diferenciado de consciência, porém não entendia muito o que lia. Aos poucos fui absorvendo tudo com um entusiasmo confuso. Achei mesmo que não podia obter ganho maior, porém fazia tudo com tanta sinceridade quanto qualquer membro da Sociedade Teosófica. Apesar do gigantesco esforço, me parecia como se uma grande parede invisível estivesse entre mim e os maravilhosos fenômenos descritos nos numerosos livros que compulsava, o que me levava a crer em minha incapacidade para realizá-los. Mas, entretanto, sabia que havia certos métodos de ganhar conhecimento de primeira-mão, mas não desejava despertar alguma força que não pudesse controlar. Nem quis, naquele momento, os ensinamentos de outras escolas ocultas que trouxessem os aspectos que eu desejava. Enquanto isso fui ficando dentro da Sociedade, mergulhando nos ensinamentos e tentando espasmodicamente entendê-los. Não obstante a tudo, com o tempo, eu estava moldando para mim uma filosofia de vida mais clara e melhor, ao mesmo tempo em que ia juntando uma linha aqui e outra lá, tecendo com isto um padrão ideal que esperava ser útil nos anos futuros de existência.

Meus principais amigos eram os estudantes sinceros. Alguns, que praticaram e chegaram a alcançar resultados de natureza temporária por serem sensitivos, puderam muito depressa vivenciar provas desagradáveis do lado mais escuro dos fenômenos, sendo que muitas de suas experiências eram similares às que tivera no Espiritismo. Reuníamos-nos freqüentemente num pequeno quarto escuro em cima de uma loja de antiguidades no Soho, para trocar idéias, meditar e murmurar sobre a inutilidade da vida e esperar pelo melhor. Neste ambiente conheci Davi que viria a se tornar meu sócio e companheiro em muitas aventuras espirituais e materiais e, ao mesmo tempo, um companheiro-peregrino em busca da realização espiritual. Ele introduziu-me num outro grupo de estudantes e, desde essa época, alguns outros também se tornaram meus companheiros, como descrevo abaixo, e tentavam, como eu, a mesma peregrinação espiritual.

Davi (ele originalmente não acreditou em mim porque me achava muito incipiente e cheguei mesmo a discutir com ele) era de estatura baixa, um pouco magro, sério, pálido e intensamente sensitivo e eu o considerava tolerante demais com os acontecimentos deste mundo e demasiadamente absorvido pelo seu mundo interno. Parecia mover-se dentro de uma neblina perpétua. Teve, quando jovem, algumas experiências de natureza oculta muito interessantes, que me ajudaram a comprovar a existência de estados desconhecidos da consciência. Quando o conheci pela primeira vez, seu aspecto de alma-de-outro-mundo confundiu-me intensamente. Lembro-me particularmente de um dia, quando estava esperando por ele na sombra de uma escadaria; ele chegou a me tocar para ver se eu era real ou um fantasma. A vida para ele era então muito insubstancial, embora desde aquela época teve experiências que lhe ensinaram a sabedoria de plantar seus pés firmemente na terra. Esforçou-se para viver a vida mística e deu a todo mendigo que ele conhecia algumas moedas. Infelizmente as pessoas para quem ele dava eram, às vezes, os que menos mereciam, mas isso pouco lhe importava; sentia-se bem em dar, em ajudar. Na realidade, sua aura era a de um místico. O ocultista com verdadeira compreensão não dá sua amizade para qualquer um, porque há algumas pessoas que, se damos afeto, nos devolvem rancor; mas a razão para isto eu mencionarei em um capítulo mais adiante.

O místico geralmente transborda uma sentimentalidade de forma um pouco desequilibrada e isto lhe favorece quando não é rico, pois qualquer velhaco poderia muito depressa drená-lo de seus recursos financeiros até secá-lo. Geralmente o místico é um fanático de Deus, que tem de aprender o Equilíbrio, a Discriminação e a Compreensão. Desde aquela época nós aprendemos, por experiência dolorosa, a necessidade destas qualidades. Com a exceção de um ou dois, praticamente todos de nosso pequeno grupo estavam de uma maneira ou de outra desequilibrados interiormente. Embora a maior parte da humanidade é semelhantemente aflita, este grupo tinha desenvolvido certa forma de "*neuroticismo*" que nos etiquetava de forma inconventional como boêmios. Tínhamos orgulho de nós mesmos pelo fato de que não éramos como os outros mortais e tenho certeza que os outros mortais, vendo o caminhar de nosso grupo e

nos ouvindo falar, sentiriam satisfação por acreditar que eles mesmo não eram como nós. Ainda assim penso secretamente que a vida de boêmio tem a capacidade de simpatizar com tudo.

Outro amigo era um irlandês, de tez escura, altura média e bem construído corporalmente; irascível, argumentativo, e também tinha um pouco de orador, dom que usou muitas vezes durante uma vida dissipada viajando pelo mundo. Era o membro mais velho do grupo e geralmente visto como o líder. Muito intolerante em relação às pequenas convenções e bastante rude na conversação, menosprezava os tolos... Associou-se a nós porque soube que éramos estudantes sinceros, embora fôssemos pouco práticos. Mesmo possuindo muitas qualidades superiores, ainda acho que colocou a independência pessoal num pedestal muito alto. Estou mencionando este fato porque notei, entre outras características do nosso amigo, que a independência (o que muito freqüentemente não passa de egoísmo inflado) estava muito em evidência em nossa pequena comunidade. Este irlandês viajou por muitos países e continua procedendo dessa forma, embora se mantenha sempre em contato conosco. É comum o grupo freqüentemente se dividir em opiniões contrárias, mesmo sendo iluminado pela mesma paixão e desejo de transmutar e purificar a argila comum em uma maravilhosa moradia para o espírito, porém nunca esquecemos um ao outro. O irlandês era muito mais velho que nós e tinha vivido muitas aventuras interessantes e experimentos psíquicos que relatava repetidamente para nós. Tinha sido editor e conferencista, engenheiro e escritor, e conheceu muitas outras profissões.

O próximo membro do grupo era um moço francês chamado Paul, esbelto jovem de cabelos ondulados, artista e impulsivo, que colecionava como amigos e como passatempo pessoas de caracteres estranhos. Naturalmente as pessoas equilibradas e de bom senso jamais se sentiam atraídas por ele, porém acontecia o contrário quando se tratava de pessoas erráticas e excêntricas e, acima de tudo, carentes. Estas, sofredoras geralmente de alguma forma qualquer de neurose, ocasionalmente nos procuravam para pedir emprestado tudo aquilo que possivelmente poderíamos dar e, logo depois, desapareciam, parecendo pesadelos. Pessoalmente, dei pouco para essas pessoas e pude percebê-las enlouquecidas e muito doentes; desde então não encontrei nenhuma razão para mudar de idéia, pois são pessoas cuja irresponsabilidade me causava mais mal-estar por uma semana que uma pessoa normal causaria por um ano. Eram tão irregulares quanto o vento, e se tivessem permanecido por mais tempo entre nós, teríamos ficado tão neuróticos e irresponsáveis quanto elas. Era notável que depois de algum tempo o ar dos lugares que visitavam ficava saturado, impregnado com uma força sutil que era sumamente desagradável. Alguns envidavam esforços para deixar que a meditação os elevasse.

Infortunadamente Paul se encantou com a possibilidade de trazê-los ao nosso convívio, exagerando seus valores e esquecendo de considerar suas diferenças, achando que se eles eram diferentes isto acontecia porque seriam melhores do que nós. Paul, como todos os que faziam parte do grupo era muito sensível e discutia com todos alegando que tendo estudado o Budismo, compreendia e aceitava que a existência é pura ilusão. E cantava com estas pessoas repetidamente a canção muito conhecida "Tudo é ilusão, tudo é ilusão, tudo é ilusão". Acreditava que aqui estava a explicação para o nosso cansaço em relação à Vida, não importando dinheiro, o casamento e o universo objetivo, pois tudo é ilusão. Deus nos deu olhos com vendas e orelhas surdas. Em resumo: complicados e maravilhosos atributos do ser nos foram dados apenas para serem meramente despedaçados e destruídos, o que considero não ser a verdadeira doutrina de qualquer grande religião.

Obedecer a estas crenças negativas pode ter sido excelente na Índia, onde os habitantes alimentaram voluntariamente os sacerdotes; obedecê-los em países Ocidentais resultaria em nossa prisão como mendigos. Penso que cada país tem a religião adaptada da melhor forma para si e se nós encarnamos no Ocidente, é porque era necessário dar à nossa personalidade uma experiência diferente. O fato é que nós, mesmo sendo europeus, acreditamos fortemente em reencarnação. O maior desejo do grupo, com exceção de mim, era visitar a Índia e o Tibete, morar na selva e, através da meditação, atingir afinal o Nirvana, ou seja, um estado de consciência espiritual que era, acredito, muito pouco compreendido por todos. Eu tinha ouvido muitos estudantes Teosofistas-Budistas discutirem sobre esse assunto e para alguns, isto significava a total aniquilação de cada um dos sentidos e de toda forma de consciência. De minha

parte, imaginava que, sob esse aspecto, os ateístas tinham uma concepção melhor, bem como todo estudante do Budismo não-filosófico. Ponderava comigo mesmo que esta aniquilação do ser (para o qual sacrificaríamos todas as coisas) fosse um ideal de muito menor valor que o desejo do Cristão sincero de se tornar um instrumento de Deus. E naquela época realmente não podia entender esse aspecto da vida, embora veja, agora, que era uma percepção errônea da doutrina budista. Por esta razão não participava de tal paixão pela Índia. Fui atraído muito mais pelo aspecto romântico destas crenças e considerava também que nossos sinceros motivos de encontrar a verdade eram suficientes se, claro, vivêssemos de acordo com nossas aspirações mais elevadas. Devido a esta minha postura fui tratado como um Filisteu, uma criatura enfeitada, que não conseguia perceber a sutileza da mente Oriental ou possuir suficientes recursos sentimentais no coração para participar daquele entendimento superior; de alguma maneira havia tropeçado em um mundo muito rarefeito e etéreo para alguém da minha categoria. Além disso, me interessei muito também pela literatura de cunho espiritual. De certa forma também era muito inconveniente em minhas perguntas e queria provas. Procurava demonstrações ocultas as quais nunca recebia e, finalmente, me deliciava com argumentos vagos. Minha mente estava tão bem alimentada que, para mim, era difícil de digerir toda aquela comida mental e nem possuía condições de sistematizar todos aqueles fatos filosóficos e as teorias vislumbradas. Entretanto, permaneci com este grupo pela simples razão de que nunca tinha conhecido tantas pessoas esquisitas antes, e elas me fascinavam. Não podia esquecer que tinha chegado da terra pedregosa do Ateísmo e dos reinos vermelhos do Socialismo, onde as pessoas eram mais ou menos de um tipo comum, enquanto aqui encontrei amigos de uma espécie mental completamente nova.

Eu só mencionei três de meus amigos porque temos sempre viajado mais ou menos juntos em estradas semelhantes. Os restantes aparecem apenas como tantas sombras do percurso, deixando pouco a ser lembrado depois que desaparecem.

Meu progresso na Sociedade Teosófica continuava. Tendo absorvido muitas de suas concepções comecei a comparecer a uma loja local; escutava conferências e discutia sobre minhas crenças com meus antigos amigos Socialistas que agora me consideravam ligeiramente insano por deixar de cantar os bem conhecidos e famosos - mas um pouco desafinados - refrões do Socialismo, substituindo-os pelas melodias estranhas e selvagens do Espiritismo e da Teosofia, que não eram consentâneas com seus pontos de vista racionais. A idéia de uma nova forma de consciência depois da morte foi cumprimentada com risada e zombarias. Eles tinham usado suas mentes para pensar unilateralmente e não puderam, ou não queriam, vivenciar outras formas de perceber a vida que não fosse aquela que esposavam. Conjecturavam entre si que estas teorias, por serem tão antigas, eram falsas; ainda hoje, coisas com as quais desperdiçamos muitos anos de zombaria, estão sendo aceitas. "Deixe-nos", dizia o Socialista para mim, "primeiro altere a estrutura da sociedade erguendo o estado ideal do Socialismo. Comida é de mais importância que fé; olhe como a humanidade sofre. O homem é moldado por seu ambiente, e só uma modificação da sociedade pode alterar seu caráter". Da minha parte redargüia ponderando que isto era só uma parte da verdade, sendo que a pressão do ambiente social podia ser mais fraca ou mais forte, de acordo com o tipo de indivíduo. O ser humano mentalmente forte pode ultrapassar suas próprias limitações tão facilmente quanto o homem puramente físico sucumbe a elas, porquanto a alma forte molda seu ambiente como cera na qual deixa impressa sua personalidade. Isto considerado deixa claro que se o homem vive em ambientes ruins é porque geralmente não possui aspiração de voar mais alto. Da mesma forma, se considerarmos o fato da reencarnação, não podemos deixar de concluir que nós é que fazemos nosso ambiente para o futuro, de acordo com as ações de nossas vidas passadas e da presente. Também é possível que o espírito dentro de nós nos force a um ambiente ruim apenas para desenvolver nossa força e, quem sabe se a alma de uma encarnação anterior veio de uma esfera ainda mais baixa, onde as condições existentes eram bem piores do que as existentes neste planeta? Meu professor me disse que existem esferas abaixo desta Terra em que a atmosfera é sempre sombria, e as faces das almas que lá vivem são de cor cinzenta. Quantas pessoas que habitam favelas abrigam dentro de si o desejo intenso de manter suas casas limpas e torná-las cada vez mais luminosas? Então, a pessoa pode dar rapidamente várias razões para provar que o homem não é tão escravo quanto os sentimentalistas e Socialistas

nos querem fazer acreditar, embora seja óbvio que nenhum desses dá boas-vindas à dor e à miséria, e, onde quer que seja possível, deveríamos tentar ajudar a humanidade. Em um capítulo posterior mencionarei como o ocultista interpreta a necessidade de servir a humanidade.

Enquanto mergulhava cada vez mais profundamente nos bosques, prados e, às vezes, nas selvas da Teosofia ia perdendo o contato com meus velhos conhecidos das viagens mentais mais imaturas. Abrigava dentro de mim o desejo intenso e sincero de avançar cada vez mais em minha busca enquanto eles permaneciam satisfeitos com o entendimento que já tinham encontrado. Achavam que pouco mais poderia ser descoberto no que diz respeito a verdade e alegavam que um envolvimento maior no assunto poderia levá-los de volta às antigas superstições e religiões, o que seria uma forma de degeneração mental.

Uma coisa que me deixou pasmo foi o número de pequenas sociedades que ensinavam o ocultismo e o misticismo, sendo a maioria delas, ramificações da Teosofia. O Rosacruzianismo Moderno, o Budismo, o Gnosticismo, o Misticismo Cristão e a Ioga da Índia, todos tinham muitos representantes. Com respeito à Ioga, eu proferiria uma advertência àqueles que, entendendo mal seus verdadeiros ensinamentos, tentam praticar a Ciência oculta da Respiração sem uma boa supervisão, porque, algumas vezes, poderão despertar poderes além do seu controle e isso causaria muito mais dano do que benefícios. Felizmente, a maioria das pessoas não tem perseverança suficiente para continuar estas práticas; além disso, muitos a procuram apenas para desenvolver poderes e alardear que são diferentes dos outros.

Também, algumas vezes, tenho notado o quão rápido e avidamente o materialista dará ouvidos, em certas situações, que pode conhecer o futuro através da leitura das mãos. Costumam entregar a palma da mão a primeira pessoa que diz ter esse conhecimento e ficam esperando respostas que atendam sua ansiedade em relação ao futuro. Empregadas domésticas não são a única espécie supersticiosa; parece morar no coração de todo ser humano uma crença secreta de que se pode saber o futuro e todos ficam esperando por aqueles que podem predizê-lo. De minha experiência prática acho que isto é realmente possível, mas não visitando um charlatão que somente declara o que os fregueses querem ouvir. De acordo com o que meu Mestre instruiu, não devem ser usadas coisas de uma natureza espiritual para ganho pessoal. Caso contrário, um tempo virá quando o clarividente será iludido pelo próprio Eu Superior, trazendo-lhe uma provável desgraça para si, a fim de que sua alma não se prostitua como mercadoria de supermercado. Isso é uma lei para todos os discípulos que estão no Caminho e para aqueles que ainda não estão, onde quer que leituras do futuro possam ser compradas com dinheiro; a pessoa "que vê" nunca é instrumento da fonte mais alta. Acredito, ainda, que existem métodos de adivinhação tais como a astrologia e a quiromancia que são permissíveis e válidos. Não obstante, as pessoas deveriam ter cuidado sobre o desejo de saber sobre o futuro, pois, às vezes, isto pode conduzi-las a um estado mental mórbido e muito doentio. O pensamento tem o poder de moldar nossas ações e o adivinho pode chegar a hipnotizar seu cliente e provocar os eventos que prediz. Essa é uma das razões pela qual o clarividente genuíno costuma dizer muito pouco sobre o futuro da pessoa e esconda o máximo do presente, a menos que lhe peçam para ajudar alguém, orientando-a para evitar o erro e o mal. Nesse caso, então, ele o fará livremente, sem esperar dinheiro ou algo em retorno.

Visitei muitas das pequenas sociedades místicas e apesar de achá-las interessante, nunca desejei unir-me a elas. Sempre sentia que estas organizações não possuíam a realização da verdade, sobre a qual tanto havia lido. Aceitei o fato de que todas elas possuíam alguma forma de verdade, porém sempre me interrogava se tinham alcançado a parte mais alta da verdade, a qual buscava. Não que tivesse qualquer experiência de natureza espiritual, pois se passaram muitos anos antes que eu recebesse ensinamentos demonstráveis.

Assim, esperei e estudei continuamente as filosofias das várias escolas, enquanto sentia que se vivesse de acordo com o que havia de mais elevado dentro de mim, encontraria, no final das contas, o que tinha buscado durante muito tempo e, muitas vezes, desesperadamente.

Meus amigos também permaneceram na Sociedade Teosófica. Davi às vezes estudava astrologia, geralmente vagando por pensamentos retirados do labirinto enevoado de seus sonhos; Paul voltava de suas viagens de descobrimento no estranho submundo dos ciganos,

sempre trazendo uma presa importante, geralmente era um artista alienado e estranho, do sexo masculino ou feminino e que nos impressionava com sua genialidade, a qual adorávamos por, pelo menos, uma semana. Depois, nos cansávamos e dávamos licença para que aquela estrela desvanecida partisse para outra luminária desconhecida dos céus, que aceitaria ou não nossa homenagem. Durante todo o tempo o Irlandês reclamava da vida e nós, dele.



A Quimera de Barro

O falso brilho da existência terrestre atrai os sentidos do espírito desencarnado para envolver seu corpo sutil nas dobras temporárias de barro que a princípio é frágil e um pouco perfumado com ecos de aroma soprados das doces flores dos prados divinos. Mas, lentamente, a atmosfera rarefeita que envolve o jovem se dissolve como as despercebidas ondas do mundo, colidindo contra o corpo, modelando e batendo a carne trêmula de vícios, dos hábitos, dos humores da vida, até que as pétalas delicadas se inclinam e sejam trançadas numa flor torcida.

Também aparente beleza do riacho-prateado e dos gramados que fascinam o espírito simplório por este reino, dissolvem-se suavemente dentro da selva, enquanto esta se enche com bestas luxuriosas e, neste pandemônio, a alma intoxicada de viver se embebedada com o vinho de Lethe(1), perdendo a lembrança de seu estado angelical.



(1) - *Lethe* - Rio da Mitologia Grega existente no Hades, região para onde vão as almas dos mortos. É conhecido como o "Rio do Esquecimento". Antes de encarnar, as almas têm de beber de suas águas para esquecerem as vidas passadas. (N.Trad.)

CAPÍTULO III

AS SELVAS DE MAYA

Como a maioria das noites da semana era livre aproveitávamos para visitar os cafés do Soho onde a Rainha da Boemia ostentava suas vestes coloridas, típicas de sua corte e abria o espetáculo com a música intitulada "Bebida, Drogas e Delírio". Com a face bizarramente pintada e uma esquisita cauda de pavão, ela andava de forma pomposa por todos os recantos, enquanto, em surdina, com a boca de través e a voz dissonante e intermitente, entoava hinos em homenagem a Baco e a Vênus.

Recordei estes lugares de glamorosa desarmonia, onde faces pálidas, descoradas e pintadas me despertaram impressões próprias de atmosferas confinadas e pesadas, deixando marcas nas almas desgrenhadas que ali buscavam o prazer. Os visitantes que ali se apresentavam tinham formas flácidas e desfalecidas (isso também seria um sinal de que aquilo era artístico) e faces variadas, algumas meigas e apáticas de aventureiros suburbanos; outras artísticas, outras ainda simples e, por fim, algumas indecentemente ardilosas. Certa vez um amigo me chamou a atenção dizendo que este era um lugar onde a simplicidade alimentou a engenhosidade para o ridículo. Tudo aqui se apresentava como uma selva mental, onde o macaco imaginário, o leão, a corça, o elefante, o tigre, o lobo e o periquito ensurdecedor se misturavam promiscuamente e brigavam encarniçadamente entre si. Era uma atmosfera insidiosamente pervertida que influenciava negativamente seus visitantes, caso estes fossem fracos ou permanecessem ali por muito tempo. Lembro ter recolhido deste ambiente muitas pessoas que falharam em suas ambições de viverem felizes em suas casas e isto, de certa forma me trazia medo. Ser ali um visitante esporádico é uma experiência interessante; porém visitá-los mais freqüentemente é algo sempre desastroso.

Aqui a celebridade artística, sentada com toda pompa e tendo sua juba mental alisada e penteada por seus admiradores empunhava o cetro do egoísmo que arremessaria incontinenti naqueles que tivessem a audácia de questionar sua alta categoria e só manteria em seu salão alguém geralmente mais notório do que artístico. Nestes lugares os egoísmos crescem tão rapidamente quanto cogumelos, e freqüentemente são acesas as chamas do ciúme nos corações daqueles que desejam estar sentados no trono da celebridade local.

Os súditos desses minúsculos reinos produzem muitas obras de arte, mas infelizmente ninguém pode vê-las, pois ficam dependuradas nos imensos corredores dos palácios, academias e salas de exposições do reino do "Amanhã", país saciado com a mais soberba das obras-primas e onde todo artista é uma celebridade cujo nome será maior que todos os outros quando morrer; uma terra onde cada um possui um harém de suaves e humildes acompanhantes que obedecem rapidamente e sem hesitar ao rugido mais lânguido de seu senhor; ali foram erguidas estátuas que superam em altura as montanhas; e onde os pássaros, os ventos e os rios cantam e murmuram os elogios de seus habitantes reais.

Visitamos estes lugares por várias razões. Paul, porque desejava conhecer pessoas diferentes; Davi, porque esperava ir se familiarizando com as pessoas que tinham crenças místicas, o Irlandês como diversão e eu, para encontrar literatura, pessoas e, finalmente como uma alternativa de mudança para os lugares que visitávamos de hábito. Paul encontrou muito rapidamente aqueles que estava buscando. Davi conheceu alguns sonhadores. O Irlandês adquiriu toda a diversão que poderia desejar. De minha parte achei pouca coisa. A literatura não morava ali e havia muitos versejadores modernos que desprezavam Shakespeare e, no entanto, seus conceitos não chegavam a superar meu desprezo por seus versos: ausência de tonalidade, de colorido, de imaginação, de técnica e de idéia; também carentes em inspiração, o que hoje em dia parece não importar muito, pois, segundo me contaram, a tão clamada inspiração nasce de uma emoção desenfreada e, embora seja verdade que a poesia resultante era pitoresca e em muitos

aspectos infantil e até mesmo encantadora, era porém fundamentalmente muito religiosa. Assim, as idéias eram freqüentemente expressas a mim por um "atleta de universidade", um Lancelot leviano de nariz empinado, editor de uma publicação moderna intitulada "A Caixa de Gelo", uma verdadeira bienal para os modernistas. Era um homem alto, esbelto, vagaroso, um pouco pálido e bonito de um modo clássico, porém frio; suas palavras eram altamente projetadas e enunciadas de forma lenta e perfeita. Muitos dos poemas que vi em sua publicação me levaram a lembrança de pássaros sem asas, pardais indefesos com pernas quebradas ou aleijadas, o que os fazia pular de uma forma curiosa e desajeitada. Em relação aos artigos, eles me deram a impressão de uma viagem desprovida do mínimo de água, por um imenso e árido deserto.

Também tive a oportunidade de conhecer muitos jornalistas e os encontrei singularmente desinteressados de tudo o que diz respeito à literatura, embora é certo que eu possa estar equivocado; provavelmente não desejavam falar sobre tal assunto, já que passavam todo o dia rodeados de jornais. Deste modo devo confessar que recebi pouco alimento intelectual e acho que poderia ter tido uma crise de indigestão com a dieta emocional que me ofereceram.

Tentar descrever o interior destes cafés seria tentar descrever o sonho materializado de uma mente doentia. Aqui um psicanalista poderia achar mais material num quarto pequeno do que num bairro inteiro, pois muitas das paredes estavam manchadas pela imaginação de quadros nascidos de estados de consciência vagos e caóticos. A feiúra ali existente era indescritível e permanente, resultado de muita conversa e contos asquerosos que deixavam o ar permanentemente viciado, sempre alimentado pela fumaça profusa de charutos e o cheiro de cerveja velha.

Nosso pequeno grupo sentava e observava este cenário fantástico enquanto bebia o altamente estimado chá russo servido em copos grosseiros e sem base. Podíamos ouvir as vozes altas e espalhafatosas das mulheres, muitas vezes dando risadinhas de conotação sexual para os jovens estudantes e homens negligentemente vestidos. Alguns cômodos eram pintados totalmente de preto, inclusive as portas e os tetos, e mobiliados com mesas pretas, com a finalidade de acalmar os humores preocupados das almas artísticas ali presentes. Outros tinham o interior pintados de rosa, verde, amarelo, vermelho e todas as cores possíveis, na forma de losangos, pirâmides, diamantes, espirais, círculos, quadrados - todas as formas que a mente poderia imaginar. Em alguns lugares as paredes eram perfeitamente nuas e em outros estavam enriquecidas com quadros futurísticos de uma natureza incompreensível, materializando a encarnação bi-dimensional de pensamentos inatos e sombrios. Provavelmente as pessoas estariam querendo descrever suas histerias traduzidas na pintura, de forma apressada, arrancadas do abismo e do caos e lançadas de violenta e selvagemmente nas paredes.

Estes quadros nos eram mostrados de forma orgulhosa e os nomes dos artistas eram murmurados em tons de respeito e respirações oprimidas provocadas pelo medo (os pintores geralmente eram bêbados ou usuários de drogas). Embora os apresentadores não fossem os artistas escutávamos com certo respeito os comentários sobre suas obras e concordávamos com o fato que estes trabalhos eram maravilhosos, mais pelo temor de criticar do que pela percepção de beleza nos mesmos. Afinal de contas, não éramos nada mais do que filisteus e posso dizer, agora, que quase todas as pessoas que freqüentam estes cafés são filisteus, porém têm medo de confessar esta verdade, ou seja, que o trabalho exposto era detestavelmente ruim e de natureza doentia. Acredito mesmo que teríamos feito a apologia do astigmatismo e de todos os que sofrem desta doença por se esforçarem em pintar ou escrever, saudados como se fossem os próximos gênios a serem reconhecidos pela humanidade, simplesmente por terem produzido algo torto em vez de reto e por terem imaginado que uma linha dobrada era melhor que uma curva. E como tal coisa ainda não tinha sido feita por nenhum grande artista, verdadeiramente, suas originalidades davam-lhes direito de admissão ao Panteão da arte. A verdade era que suas almas astigmáticas aumentavam o egoísmo de que eram possuídos. Mas nada podia ser dito sobre isto (1).

(1) - Na época em que este livro foi escrito (1926/27) já tinha surgido na Europa a técnica do cubismo (Picasso e Braque) e do surrealismo (Salvador Dali) e pela expressão do pensamento do autor, este não endossava o modernismo na pintura, apesar de que já no final do livro sua postura é outra. (N.Trad.)

Notamos que as poucas mulheres que ali estavam eram artistas e acredito mesmo que muitas estavam lá somente para inspirar alguns destes discípulos da arte. O que estas mulheres faziam era viver um mistério. Algumas, pelo que entendi, eram modelos; outras, atrizes e dançarinas; e muitas viviam com artistas, sofrendo com esta companhia. Algumas vezes um verdadeiro artista entrava, mas também costumava ser um esbanjador de horas, como os pseudo-artistas. Tal homem, normalmente deveria estar muito ocupado e não deveria gastar seu tempo em lugares como este, porém ali parece haver o mito de que, se uma pessoa era um bom artista, então devia ser degenerada, portando-se como uma completa besta, seduzindo toda mulher que encontrava e terminando sua vida bebendo até a morte. É verdade que um artista é obviamente mais emotivo e sensível que as pessoas normais e reage rapidamente ao seu ambiente; porém, para se tornar um artista, a pessoa necessita desenvolver força de caráter para poder estudar e completar seus trabalhos, o que em si só deveria e deve lhe proporcionar o controle e treinamento necessário para resistir às influências degenerativas que o cercam. É significativo que quando trabalha, tenta freqüentemente morar no país ou no Continente onde pode ter paz através de sua tarefa; entretanto, os artistas que encontrávamos nestes cafés eram freqüentemente fracos e ineficientes e geralmente trabalhavam não para ficarem inspirados ou apaixonados por suas artes, mas para ganhar mais dinheiro e gastar com bebida ou drogas.

Muitos visitantes aqui chegam por curiosidade e desejando observar como vive um artista e regressam para casa com uma concepção totalmente errada; outros vêm porque imaginam com isto estar ousando contra o convencional e, posteriormente mencionam este fato como tendo sido boêmios e se familiarizado pessoalmente com algumas celebridades (as quais provavelmente haviam visto sentadas no fim de uma sala e com as quais não ousaram puxar conversa). Outros, ainda, aqui chegam por estarem totalmente cansados da vida padronizada na cidade na qual moram. Para o místico ou para o coração e mente famintos de mudanças em que a cor, o romance e a galanteria, o amor e a paixão desempenham um papel importante ou, ainda, para o estudante de ocultismo, a aventura e o romance preenchem cada rua e casa deste lugar, mas, a maior parte desta comunidade não pode ou não quer ver, sob as trivialidades aparentes, as forças nobres e as negativas que sutilmente agem sobre o mais insignificante dos homens. Conseqüentemente, observando com pouco interesse e incapazes de trazer beleza ao seu próprio ambiente, visitam estes cafés ou boates com a esperança de neles encontrar aquela cor que falta em suas vidas, onde a pessoa pode despir as vestes da convenção e vestir a fantasia de palhaço e colombina.

Hoje em dia nos movimentamos pelas rígidas e inabaláveis estradas do hábito, sob a soberania de suas majestades o Rei Macaco e a Rainha Papagaio, sentados desajeitadamente no trono duro das convenções humanas. De alguma forma tememos mudar de nossos lugares habituais dentro da vida temendo que os olhos abertos de suas Majestades descubram nossa ousadia e com suas vozes roucas gritem para que seus vassalos leais nos prendam; e se formos muito fortes, para que nos boicotem. Assim os seres humanos, temendo as convenções, temendo fazer aquilo que seus corações lhes dizem o que deveriam fazer, visitam esses cafés apenas para expressar os difíceis desejos reprimidos na atmosfera de seus lares. Apesar de ninguém ser mais impiedoso que o inquisidor de fofocas, cujo mundo cinzento de mediocridade nos envolve, não deixa de ser uma sutileza infernal em se determinar que aquele que ofender estas convenções seja chamuscado continuamente até que o calor toste sua alma, tirando-lhe a pele e obrigando-o a caminhar como um pária definhante e torturado, porque nunca teve a coragem de expressar suas próprias convicções.

Nossas vidas costumam ser bastante ordenadas. Pela manhã digerimos, sem pensar, o indispensável e apressadamente escrevemos artigos sobre o noticiário; entramos no trem ou ônibus e viajamos desinteressados por estradas sem beleza; andamos sempre sobre as mesmas pedras de pavimento moldadas com regularidade, iguais e quadradas, passando pela fila monótona de postes de rua, cinzentos, iguais. As paredes brilhantes e as horríveis linhas férreas que são tão eretas que parecem seres humanos hipócritas, afetados e mesquinhos não nos chamam a atenção. Quando Samuel Butler escreveu em seu livro "Antes que", no qual fica claro que o resultado de muitas máquinas será nos tornarmos escravos delas fico meditando e achando que

isto já aconteceu. Fomos dominados pela máquina; fomos quase despojados de nossas artes manuais, essas habilidades que nos traziam prazer e beleza saudável aos olhos - olhos amorosos agora quase destruídos pelas máquinas - e elas permanecerão no trono para sempre ou não sabemos por quanto tempo. Somente estamos revoltados contra essa produção de coisas dispensáveis e que faz a humanidade esquecer seus poderes.

Foi desta forma que conhecemos, nos antros da boemia, todas essas almas que estavam cansadas de seus mundos padronizados. Somente mais tarde percebemos que a fraude era permanente sob este modo de fuga, embora este jogo de ambições pouco tenha nos prejudicado, pois cedo percebemos os perigos de permitir que nossas fraquezas crescessem e acabassem nos subjugando. Para nós, que desde pequenos já conhecíamos o ocultismo era bastante claro que muitos destes artistas eram pessoas obsedadas e que aquilo que chegavam a ver clarivamente tem a mesma origem onde o bêbado, em "*delirius tremens*" tem suas visões, embora em sua essência todas sejam repugnantes; sabíamos também que eles tinham perdido suas vontades e tinham se tornado portas abertas para o astral - vítimas das forças invisíveis e doentias do mal. Mas embora soubéssemos e entendéssemos o tipo de espírito destes lugares, continuamos visitando-os até que veio a época quando passamos a morar em nossos próprios quartos em Bloomsbury e tentamos levar a cabo nossas próprias concepções de inconveniência e liberdade.



OS PORTADORES DO ARCHOTE

Os imponentes jovens moradores destes eternos bosques são tão delicados como suas fontes imortais; suas faces infantis e meditativas estão, entretanto, preocupadas com os lânguidos e ainda apaixonados ecos da Terra lastimosa. Andando tão suavemente quanto o destemido cervo que pasta e se move ao lado deles, questionam e rezam aos belos deuses, cujas moradas estão nas montanhas, por entendimento e poder para interceder e destruir as plantas parasitárias do mal, que estendidas como os ramos tenros da videira, mas cinzentos e grossos, circundam as almas de nosso mundo.

Os deuses de olhos profundos murmuram de seus panteões cerúleo-relampejantes: "Se vocês chegarem a perder a luz destes refúgios tranqüilos e se tornarem cegos às nossas presenças, não mais verão os moradores perfeitos das estrelas e, então, ficarão surdos à melodia de suas vozes reais; se vocês deixarem enfraquecer seus sentidos e esconderem o fogo santo de seu ser em fibras vermelhas de barro vivo, serão carregados como as pobres folhas pelo vento, na respiração agressiva deste globo. Contudo, vocês podem fazer com que a Terra pare de se lamentar".

E os imaculados então abandonaram os riachos luminosos e os estreitos vales aveludados; a música tranqüila das árvores e as assustadas pombas; os antigos Templos em que flutuam os odores evasivos das tímidas flores e deixaram o maravilhoso povo das fadas e o cervo de olhos grandes para fluir sob as correntes invisíveis e pesadas dos pântanos e labirintos de uma morte viva o amor de seus corações.



CAPÍTULO IV

O ENCONTRO

O período durante o qual visitamos os cafés foi também marcado por nossa grande devoção à Teosofia. Embora mentalmente saciados, não tínhamos recebido nenhuma realização, no que se referia aos poderes ocultos da alma; acreditamos piamente na existência do mundo interno e escutamos vários conferencistas que alegavam sutilmente possuir conhecimentos ocultos, entretanto, de minha parte, admito que raramente falavam sobre a posse de faculdades paranormais, porque geralmente seus conhecimentos eram baseados em certos princípios retirados de "A Doutrina Secreta" e livros escritos pelos líderes da Sociedade. Conhecíamos um único homem que falou conosco sobre certos poderes que possuía, e não era bem um conferencista ou alguém muito conhecido, mas nos proporcionou algumas demonstrações provando, a nós, que havia coisas que não podiam ser facilmente explicadas por intermédio da ciência.

Caso contrário, tudo era conversa furada, bonita, sentimental e idealista, mas ainda assim conversa fiada; conversações sobre amor, beleza e misticismo, devoto e emocional. Alimentávamos nossas almas com colheradas de neblina. As pessoas ouviam murmúrios da Sociedade sobre iniciações, adeptos, mestres, profecias da vinda de um Instrutor ao Mundo e, também, pequenos escândalos e fofocas. Alguns membros reivindicavam uma superioridade acima de outros, pelo fato que tiveram publicado, no jornal da Sociedade, suas encarnações de algumas centenas de milhares de anos atrás, embora a razão pelas quais estas supostas vidas foram tornadas públicas é coisa que eu nunca entendi.

Provavelmente fiquei com ciúmes, pois nosso pequeno grupo era pouco conhecido. Embora fôssemos tratados amavelmente havia indiferença em relação a nós, pois nenhum líder da Sociedade se preocupou em descobrir o que estávamos fazendo um milhão de anos atrás, e sempre me senti um pouco triste em relação a isso, já que o assunto era importante. Em resumo, os membros da Sociedade eram tão humanos quanto qualquer outro membro de outra sociedade, e olhando para trás percebo agora que as verdades e realizações espirituais podem ser encontradas em qualquer parte do Globo. O axioma "*Quando o discípulo está pronto o Mestre aparece*" é perfeitamente verdadeiro. Também sei que um genuíno Iniciado nunca reivindicaria superioridade acima de pessoas mais humildes, embora certos membros da Sociedade o fizessem, pois o verdadeiro Iniciado sabe que o investigador mais humilde pode possuir um pouco de conhecimento do qual ignora. Também penso que discutíamos muitas coisas e eventualmente chegávamos a nos perder numa selva de palavras; nossos passeios nos conduziram à fonte de origem das coisas através dos rodopiantes vapores da confusão. Estudamos muito aquilo que realmente não importou tendo tudo se tornado numa aragem perfumada e numa neblina agradável; os significados foram distorcidos, maculados e esmagados, até que se tornaram irreconhecíveis. Permanecemos na Sociedade porque estávamos encantados com as sombras e fontes de emoção que jorravam em nossos sentidos, tornando-nos mais e mais sonolentos e depois de um longo tempo fomos forçados a admitir que tudo o que pudemos aprender era de natureza intelectual e que só poderia nos conduzir para uma miragem perpétua. Pois, acima de tudo, o que realmente desejávamos eram realizações que nos tornassem aptos para compreender o significado da vida, entender porque a humanidade sofre e curá-la. Já não acreditávamos que a vida surgia das paixões inconscientes dos elementos, emaranhava-se em si mesma e tecia, a seu modo, uma escadaria construída de ossos do menor número de vidas possível.

Só a mocidade não preocupada em mergulhar profundamente nos pequenos lagos do pensamento e a risada clara de mentes insignificantes que aceitam e vivem nas teorias dos grandes homens do passado negarão um significado interno às dores de humanidade. E foi por esta razão que deixamos a costa rochosa das aparências e velejamos intranquilos nos mares nebulosos e fantásticos da religião, sempre levados pelos ventos da ambição e esperando assim

descobrir as imortais Hespérides. Como mencionei previamente tínhamos aportado nas costas estranhas do Espiritismo e depois viajamos no reino da Teosofia imaginando que aqui encontraríamos tudo o que queríamos, porém, mais tarde, verificamos que até mesmo o mundo da Teosofia, que nos pareceu tão extraordinário e lidava com tantos aspectos da vida, acabou se tornando mais um fragmento minúsculo de um continente muito mais vasto. E, quem sabe, até mesmo esta terra mais distante, à qual meu professor me conduziu, seria ainda mais um pequeno reino que finalmente nos conduziria a regiões onde até mesmo os anjos das estrelas se sentem como crianças hesitantes, que tropeçam em continentes ainda mais imensos de sabedoria.

E novamente ficamos descontentes. Tínhamos descoberto várias novas concepções, e agora somente nos restava isto para entendermos os ensinamentos que havíamos estudado tão avidamente. Pois, afinal de contas, só quando a alma pode demonstrar certas verdades para sua própria satisfação é que pode realmente aceitar essas verdades, caso contrário deve permanecer esfaimada, até que se torne ressecada e sem esperanças. Então, em sua agonia clama por Deus, e isso provavelmente pode explicar o motivo de termos vindo para este planeta como se fosse para uma escola, onde, como crianças alegamos nossos olhos e mentes com uma fotografia de miríades evanescente cheia de glamour, que acaricia e preenche a câmara de nossos cérebros com entulhos de lembranças meio apagadas. A alma então é forçada, por causa de sua sede e fome, a clamar por seu corpo - que também deve ser alimentado - até que o corpo é compelido a escutar ao seu chamado e a mente é retirada do magnetismo das visões exteriores para ouvir a voz da alma que clama por uma realização da Verdade e da Liberdade Divinas.

Por essas razões começamos a nos sentir inquietos e visitar outras escolas de misticismo e ocultismo que eram pequenas, mas numerosas em sua diversidade de ensinamentos.

Como tantos mascates na praça do mercado elas alardeavam a beleza de suas mercadorias espirituais; algumas eram caras e outras eram baratas, outras altamente adornadas com decorações e algumas eram primitivas e simples. Havia os contorcionistas mentais e os conjuradores que faziam truques e usavam todos os artifícios possíveis para ganhar dinheiro. Ainda alguns eram bastante honestos e certamente tinham algumas verdades para oferecer; mas a maioria pegava informações umas das outras. Poderíamos aprender em toda parte os mistérios divinos por tantas libras ou por alguns dólares; se aumentássemos nossos pagamentos poderíamos nos tornar iniciados, e aqueles que possuíam o bolso maior se tornavam mestres; contudo acredito que só um milionário poderia se tornar um Logos.

Alguns eram pequenos mascates oferecendo bugigangas sobre suas bandejas, algumas peculiares, às vezes, insalubres, murmurando furtivamente a excelência de suas mercadorias. Outros gritavam que haviam visto Deus, mas seus vícios contradiziam aquela possibilidade e seu Deus pode ter sido um sátiro ou algum Elemental pervertido. Outros ainda falavam sobre o amor, mas a forma de amor que suspeitamos que eles possuísem era um amor por dinheiro. Encontramos também aqueles que nos disseram para deixar todos os outros distribuidores da Verdade, porque só eles a possuíam. Alguns chegavam a jurar que seus competidores eram magos negros. Aqui e ali pessoas também havia os “pregadores” que não precisavam de dinheiro, pois viviam em estado de fé; geralmente tinham a envoltura de um morcego e eram os mais salafários de todos estes negociantes. Encontramos também alguns que claramente nos ameaçavam, jurando que se não comprássemos deles seríamos assados em um inferno eterno depois que Deus tivesse destruído o mau, que certamente éramos nós mesmos: uma forma de chantagem que a civilização ignorou.

Havia negociantes presunçosos e gordurosos, que exalavam ambição, que sorriam maliciosamente e que olhavam de soslaio, grotescos em suas receitas. Alguns eram desequilibrados e outros equilibravam seus negócios com uma frieza tão científica que fomos repelidos pela falta de sentimento. Embora nossas mentes lógicas requisitassem razão e ciência, apenas desejávamos que possuísem apenas um pouco do sentimento de compaixão; por outro lado, sabíamos que os ensinamentos extremos baseados somente nos sentimentos necessitavam também do poder intelectual, o qual deveria esclarecer o que estava sendo ensinado. Ainda assim, apesar de todas estas coisas e apesar do conhecimento intuitivo que nos avisou de que muitos

destes ensinamentos eram falsos, mais tarde permitimos para nós mesmos ser desesperadamente quase apanhados. Mas aquela experiência é para outro capítulo.

Já vinha estudando Teosofia há cerca de três anos e estava ficando um pouco cansado, não das doutrinas, mas da falta de acontecimentos espirituais, quando conheci alguém que se tornou meu professor desde então, ou em terminologia teosófica, meu Mestre: um amigo e guia que me deu tanto ouro espiritual que as riquezas materiais de milhões não bastariam como reembolso. Não obstante, na ocasião em que o conheci ele não se revelou como sendo um adepto, nem agiu desse modo até que se passaram dois anos, período esse durante o qual eu estava sendo vigiado inconscientemente e sendo testado.

Onde o conheci não importa. É suficiente dizer que isto aconteceu na sala de uma organização a qual faliu há muito tempo. Para discutir alguns assuntos sem importância, algumas pessoas tinham se reunido num pequeno quarto e nós estávamos esperando por ele chegar antes de começar. Assim que entrou senti uma diferença imediata na atmosfera mental que foi enriquecida pela dádiva imperceptível do amor e de equilíbrio nascidos de uma personalidade impessoal. Até então havia brincado com tópicos triviais de conversação, mas logo após ele ter aparecido, nossa conversação subiu como se alada, de assuntos mundanos para assuntos místicos e ocultos. Eu sentia de um modo misterioso e sutil que ali estava alguém que tinha cavado mais profundamente que todos os outros que eu havia encontrado. Sentia como se a grama alta e desordenada que crescem em estradas antigas de algumas selvas Orientais de repente tivessem sido aparadas. Uma súbita corrente de atração me puxou em direção a ele da mesma forma como os planetas são atraídos pelo sol. A voz interna da intuição, poderosa e constrangedora, que tinha falado tão freqüentemente comigo no passado e muito mais nos últimos anos manifestou-se vigorosamente, porém sem palavras, deixando claro que o conhecimento que eu estava buscando tão desesperadamente morava dentro daquele homem. Modesto e de forma indiferente aos resultados, ele abordou temas simples em uma voz baixa e suave. Porém eu percebia as douradas realizações de coisas espirituais gravadas dentro dele e, neste estado expectante lhe falei do meu interesse em assuntos ocultos. Depois que a reunião terminou, perguntei se ele me permitiria caminhar um pouco ao seu lado e ele me respondeu em voz baixa que sentia que eu o veria novamente; antes de nos separarmos deu-me seu cartão e disse que qualquer dia desses me convidaria para ir a sua casa. Foi assim que o deixei, com grande alegria, mas um pouco ansioso, porque não sabia como pareci a ele; freqüentemente olhava o cartão que me tinha dado e desejei possuir a coragem para ligar para seu número de telefone, entretanto lutei contra a tentação e esperei.

Algumas semanas antes de encontrá-lo, Davi e eu decidimos abrir uma Livraria (uma ambição comum entre aspirantes a escritores), e depois de uma longa pesquisa verificamos que era um projeto exequível e o empreendemos. Assim, uma quinzena depois, no encontro com meu novo amigo, lhe contei o que havíamos decidido. Havia também mencionado a Davi o fato de que tinha encontrado alguém que considerava possuidor de grandes conhecimentos ocultos, e descrevendo-o para meu amigo senti novamente como tudo aconteceu e como estava ansioso para voltar a encontrá-lo. Numa tarde de sábado, de forma breve e inesperada, nós o encontramos. Apresentei-lhe Davi e, depois de um passeio curto, ele se foi, prometendo visitar nossa nova loja e nos desejou sorte.

E agora, embora me refira a ele como "M", ao longo do resto deste livro, não conhecia seu nome real até dois anos depois, quando me disse que lhe chamasse como tal. Não nos fez saber com certeza que era nosso verdadeiro Mestre até brincarmos com o fogo espiritual e nos queimarmos severamente, quando voltamos a "M" para nos curar. Mas sobre isto escreverei depois.

Depois que abrimos nossa pequena Livraria, visitou-nos como prometera, algumas vezes, falando sobre assuntos espirituais, solucionando muitos problemas e fazendo brilhar uma nova luz sobre a nossa eterna confusão. Relatou pequenos incidentes de sua vida os quais se publicados soariam como conto de fadas. Mas não era somente em conversação que ele nos ajudava. A fim de nos mostrar que aquilo que falava era científico, nos dava pequenas demonstrações, simples e de forma calma, geralmente dispensando toda a parafernália usada

quando uma pessoa reivindica poderes ocultos. Nunca nos pediu para fazer qualquer sociedade nem coisas de natureza excêntrica que geralmente são solicitadas aos membros de sociedades; nem se vestiu com alguma túnica para aparecer como um homem de mistério. Ele era humano, interessante, e com senso de humor. Somente em suas conversas e quando demonstrava certas faculdades paranormais é que ele se tornava diferente. Também só pessoas sensitivas ou os que possuíam certa compreensão das coisas espirituais perceberiam a diferença na atmosfera. Ele não pediu que nos tornássemos vegetarianos, nem fomos impedidos de fumar, nem de praticar os muitos prazeres do amor das pessoas jovens.

Acho que o motivo que mais atraía e contava para “M” era a sinceridade e verdadeira aspiração para ajudar a humanidade, junto com o desejo de conhecer a si mesmo. Muitas vezes dizia “Aprendam de ‘todos, escutem as crianças e os sábios, pois eles devem ter muitas coisas para ensinar a vocês”. Nunca zombava das escolas que pregavam o conhecimento completo dos mistérios. “Se você deseja escrever-lhes, faça-o”, disse uma vez quando lhe mostrei um anúncio de uma escola de ocultismo. Descobri posteriormente que ele sabia que eram charlatões, mas não me disse nada, preferindo permitir-me aprender por minha própria experiência, já que sou livre para escolher.

“Acima de tudo a Alma quer três coisas”, repetia, “Liberdade, Amor e Criação, e particularmente criação, porque a Alma é mais feliz com isto”. E uma vez, escutando-o falar sobre os Mestres, perguntei-lhe se poderia definir esse estado de consciência; como resposta trouxe-me um livro e ali encontrei a seguinte definição: “Um Mestre é um ser evoluído que aperfeiçoou seu corpo mental, no qual pode funcionar conscientemente enquanto estiver fora de seu veículo físico. Um Mestre com este grau de Força Divina consegue rapidamente contatar seu Corpo Solar evoluído e tem poder para entender e aplicar muitas das Leis que governam os fenômenos da Natureza”. E disse mais adiante: “Dante Alighieri faz menção do primeiro encontro com seu Mestre com estas palavras: ‘Pois ali, em meu quarto, apareceu uma névoa de fogo colorido, dentro da qual eu discerni a figura de um Senhor de aspecto terrível quando o contemplei, mas que parecia alegrar-me intimamente, que era uma maravilha de se ver. Falou de muitas coisas, das quais pude entender um pouco mais, e entre estas “*Ego tuus de Dominus*” (Eu sou teu Mestre)’”.

“M” disse-me que o livro que me emprestou (“O Conde de Gabalis”, comentado) possui uma grande porção de verdades e os comentários evidentemente haviam de ser escritos por alguém que possuía certa iluminação. O livro falava de outros incidentes, em que certos homens tinham encontrado seus Mestres, e “M” falou-me de casos ocorridos até nos dias atuais. Disse que o Mestre pode estar esperando no canto da esquina ou até vivendo na mesma casa na qual o buscador mora e ainda o Mestre não se revelará até que o discípulo esteja pronto. Folheando o Livro das Lembranças, agora pude ver novos significados no que disse, pois ele foi o nosso verdadeiro instrutor, embora não pôde nos dar mais informações sobre nossas perguntas até termos passado por certas provas, as quais certamente viriam oportunamente. E quando vieram, clamamos ter encontrado um porto para o embarque das almas, produzindo entre nós mesmos sentimentos de amor próprio e bolhas de arrogância que estouraram muito rapidamente, deixando-nos humilhados e, ao mesmo tempo, sábios.

Enquanto isso, as visitas de “M” a nossa loja nos traziam grande alegria, e ouvíamos ansiosamente cada palavra que ele proferia, bebendo-as como se fossem um néctar para a mente, que muitos buscadores dariam anos de suas vidas para provar. O motivo de sermos tão afortunados nunca pude entender, embora seja verdade que fizemos grandes esforços para viver de acordo com nossas crenças, mesmo sabendo que não éramos tão puros em nossas emoções. Muitos outros procederam da mesma forma e, talvez melhor. A explicação disso deve estar no fato de que, como declaramos antes, éramos sinceros. Pelo que aprendemos, acredito que deva declarar que qualquer pessoa que procura seriamente e deseja tornar-se um instrumento para os deuses ajudarem a humanidade, pode provavelmente encontrar, se perseverar da mesma forma como nós fizemos durante muitos anos, um amigo que o ajudará a realizar suas ambições.

Naturalmente ocorrem falhas, pois a batalha do corpo contra a alma é terrível, principalmente porque a conquista da mente também não é uma tarefa fácil. Apesar de estar aprendendo bastante, ainda reconheço que sou extremamente fraco e freqüentemente temia que

as estruturas que construí durante tantos anos pudessem cair em pedaços; somente através da ajuda de Deus, devo lembrar, é que podemos ganhar forças. Quando possuímos o conhecimento que a Alma tem uma herança divina; quando sabemos que esta herança só pode ser dada à Alma depois que aprendemos a conduzir em seu cárcere o animal que vaga pelo alvo monastério do coração; quando, enquanto a Alma está em prece, sentimos a respiração ofegante desse animal entre as abóbadas do claustro rosnando contra os tons profundos do órgão, até que o incenso da ambição esteja perdido entre os vapores de sua respiração; quando tivermos expulsado este monstro que rasteja na biblioteca de nossa mente, e tiver espalhado seu ódio sobre a mesinha dourada do conhecimento, então, e somente então, poderemos libertar o extasiante amor espiritual dentro de nós e lavarmos a alma e a mente em suas ricas águas, purificando e eterizando, deste modo, nossos elementos, e assim nos tornando mais sensíveis para ouvir a voz que nos governa, a qual jamais poderemos ouvir até estarmos com os canais de comunicação da alma totalmente limpos.

Quando tivermos percebido estas coisas, o clamor do mundo exterior morrerá e os homens com a Alma desenvolvida poderão então ler com facilidade a verdade no Eu Interior dos outros. E uma enorme ternura crescerá dentro daquelas almas que foram iluminadas, pois eles verão a magnificência latente do homem: a imaginação imperial que está adormecida dentro deles e suas possibilidades quando a despertarem; verão as Almas metalizadas em roupas de fogo. Verão os vínculos que os homens possuem entre si e com todas as coisas. Quando o estudante descobrir seus verdadeiros poderes, poderá então harmonizar todos aqueles conflitos elementares dentro de si mesmo: o animal tornar-se-á servo, a Alma, o instrumento musical para transmutar as harmonias da Natureza; a mente será a máquina equilibradora para balancear desejos e pensamentos; a imaginação, o cantil de vinho dos espíritos soberanos que regram e guiam seu pequeno mundo.

Mas não era só sobre questões ocultas de que “M” falava. Contou-nos também o que nossos talentos representavam. Naquela época eu era um pouco desajeitado e me esforçava bastante para escrever. Tinha tentado, como todos os aspirantes obcecados por tinta, a arte mais difícil: os versos, e, apesar de estar freqüentemente inspirado e sentir todo aquele brilho estático que vem do esforço da criatividade, estas borboletas mentais invariavelmente eram mais besouros do que borboletas, quando mostradas com orgulho paternal a todos que eram amáveis e tolerante o bastante para olhar para eles; normalmente provocaram risadas ou compaixão com lembranças suaves como “eu também escrevia versos quando era pequeno”. Nunca entendi porque os versos sempre foram vistos como uma forma de expressão adolescente; isto acontecia provavelmente porque rimar de certa forma é muito fácil e então as pessoas imaginam que fazer poesias seria da mesma forma algo fácil, quando na verdade ela é tão difícil como qualquer outro tipo de arte. Sempre que mostrava meus trabalhos a “M” ele não achou graça alguma, como tantos outros fizeram, mas encorajou minhas tentativas e hoje vejo hoje que meus trabalhos daquela época eram pateticamente ruins. Ainda assim, “M” me encorajou a praticar algum tipo de arte, pois uma pessoa sem cultura e pouco educada em sua juventude necessita sempre do máximo refinamento. E logo conheci uma garota que me ajudou depois a desenvolver minha técnica e foi só “M” que viu claramente algo dentro de mim, cuja existência eu nem podia imaginar. É verdade que desde que era pequeno, segurava a caneta com imensa fascinação, porém, como “M” chegou a perceber, eu só conseguia escrever versos quando esperava escrever prosas e isto sempre me confundiu.

O resultado de meus escritos foi que transformei a loja de livros em um estúdio, e embora nunca haja negligenciado um freguês, ficava consideravelmente aborrecido se me interrompessem no meio de um acesso poético, pois gastava horas sentado no balcão, meditando sobre uma frase rica e deliciosa e lambia, com minha língua mental, o sabor vibrante de uma palavra bonita, cantando-a suavemente até ficar intoxicado e ver o freguês perdido numa neblina quente, distante, enquanto o nome desfalecido de algum novelista barato e popular chegava até meus ouvidos. Não, eu era decididamente um livreiro incompetente, pois vendia livros enquanto sentado em um trono de fogo; que desejava centavos quando estava perdido entre os sonhos de haxixe; que desejava responder às senhoras idosas que fizeram de nossa loja suas casas e, ao mesmo tempo, capitanear as miríades de legiões de estrelas. E até mesmo quando deixei as torres

dos céus e dobrei as asas de minha mente enquanto discutiam, mesmo quando o fogo da raiva me atingia (ao invés do fogo da inspiração), aquecendo-me até o ponto de ferver e transbordar em cima daqueles que tiveram a audácia de descrever do que eu dizia. E a loja ainda existiu por um tempo, e vendemos livros suficientes para pagar nosso aluguel, enquanto Davi vagava por Londres atrás de livros mais baratos.

Mas apesar de nossos esforços, tivemos realmente poucos fregueses, porque a loja era situada no que alguém poderia chamar uma rua fraca, onde muitas outras lojas pareciam estar morrendo aos poucos, até que percebemos que tínhamos praticamente lançado nossas esperanças em algum lugar do Saara. Era uma dessas ruas que são esquecidas por estarem parecendo cavalheiro idoso e cortês em vive apressando as novas gerações. Nós escolhemos esta rua por muitas razões; em primeiro lugar, pelo aspecto artístico, - nós chegamos à conclusão de que as pessoas preferem comprar livros formais numa loja antiquada e agradável, porque penso que livros precisam de atenção e consideração, uma atmosfera calma e suave e não uma loja polida, nova e brilhante, nem tampouco numa casa encardida e pouco convidativa, onde o cheiro nos faz lembrar de uma loja de bugigangas. Se tivéssemos tido sucesso, poderíamos ter desenvolvido uma atmosfera jovial de insalubridade. Infelizmente nós só alugamos metade da loja, o outro lado pertencia a uma pessoa que não tinha contribuído com o nosso ideal. A segunda razão por que tínhamos escolhido aquele lugar residia no fato de que não era muito requisitado; e em terceiro lugar estava em Bloomsbury, que soubemos ser um bairro de estudantes, mas, infelizmente eles nunca descobriram nossa existência. Ainda acho que deveríamos ter aberto nossa loja em uma rua mais movimentada, onde poderíamos ter feito sucesso pelo fato de que entendíamos o valor dos livros; mas começar um negócio com pouco capital e grandes ideais nos destinava ao fracasso. A névoa dos ideais geralmente é desfeita pelo sopro dos grandes negócios e, por estas razões resistimos apenas por seis meses, quando nossos sonhos de obter sucesso rapidamente se transformaram em piche e em rochas de bom-senso, contra as quais quebramos a cara de forma dolorosa. A causa é que confundimos nossa fraqueza com bondade e nossa falta de prática como prova de sermos feitos de uma argila melhor; usamos a loja como salão e estúdio e tão somente atraímos principalmente os boêmios que naturalmente estavam sempre sem dinheiro.

Nada disso, porém, impediram as visitas freqüentes de “M” que aparecia tarde da noite conseguindo dissolver todos os nossos poucos descontentamentos e ansiedades. Freqüentemente falava para nos portarmos como verdadeiros comerciantes, o que não conseguíamos entender por sermos muito jovens e cheios de sonhos até a borda, preferindo mais usar a neblina dos ideais para alisar as bordas rugosas do mundo do que enxergar a verdade. O fato é que quase não notávamos tais conselhos, embora todo conhecimento oculto que fosse era tragado imediatamente por nossos corações.

Lembrar de tudo o que ele nos ensinou será muito difícil, porém relatarei todas as minhas lembranças ao decorrer deste livro. Muitas coisas eram de natureza fantástica, incluindo algumas experiências ocultas e aventuras que não seriam aceitas como verdadeiras se eu as trouxesse ao público comum, entretanto não tenho o menor motivo para acreditar que fossem falsas. Certa ocasião nos revelou muitos fatos sobre nós mesmos que acreditávamos nenhuma outra pessoa poderia saber, por serem coisas íntimas. Descrevia claramente pessoas desconhecidas para ele, mas que conhecíamos pessoalmente relatando seus hábitos, talentos, etc., porém todas essas demonstrações poderiam ser consideradas de menor valor em relação a outras que não podiam ainda nos ser reveladas por não estarmos prontos. Além disso, havia interesses mais importantes que as demonstrações de magia. Preconizou a prática de certos exercícios mentais e físicos com a finalidade de nos ajudar a atingir um certo equilíbrio antes de recebermos o conhecimento e o poder que poderia nos ser dado, advertindo que colocar explosivos na mão de uma criança não é somente perigoso para ela, mas também para o agente responsável por tal ação; essa é a lei do Ocultismo: o mestre será sempre responsável por seu discípulo.

Um outro aspecto é a satisfação da curiosidade das pessoas, e uma vez perguntei a “M” sobre isto. Contou-me a história de um adepto que desejava ostentar suas realizações na presença de algumas pessoas estranhas materializando um tipo de comida que só existia em um país distante; depois deste procedimento exibicionista perdeu totalmente seus poderes. Este

mesmo adepto certa vez jogou pela janela, por pura extravagância, certa quantia de dinheiro, por ser excessivamente rico. O resultado foi que morreu pobre e cego porque o dinheiro que possuía lhe tinha sido dado para propósitos superiores. Sendo um iniciado e possuindo mais conhecimentos do que um homem normal tinha agido de forma contrária às leis espirituais, pois, como disse "M", sabia que o dinheiro, depois da Sabedoria, é o segundo maior poder deste mundo; por causa disto teve de sofrer muito mais do que os necessitados de iluminação espiritual. O Eu Superior, disse "M" é muito severo, e age particularmente assim quando o corpo foi submetido a certas iniciações. A primeira lei espiritual é para que se use o bom senso.

Outro assunto sobre o qual questionei muito "M" foi acerca dos elementais, pois freqüentemente contava pequenas histórias abordando o tema. Estas narrações incluíam os gnomos representando a terra; as ondinas, representando a alma da água; os silfos, cuja região está no ar; e as salamandras, espíritos do fogo. Antes de relacionar alguns destes contos descreverei o estranho livro trazido por "M" com uma rica definição dos elementais da Natureza.

"A Consciência Humana", diz o livro, "está limitada à proporção direta do desenvolvimento dos sentidos da percepção. O Homem tem dentro de si, no sistema nervoso simpático e no cérebro-espinhal, centros de cérebro secundários. Quando, por pureza de pensamento e vida, e o uso correto da Força Solar (a Força Solar é o Paracleto (1), a luz do Logos) a qual, se energizada, torna-se o que pode ser descrito como viver em eletricidade contínua de incrível voltagem e dificilmente comparável àquela forma de eletricidade conhecida do físico. Esta força pode ser governada pelo homem, e quando governada é o instrumento pelo qual a alma penetra em outros estados do ser e descobre a si mesma e descobre estar vivendo num mundo pululante com inteligências e entidades que existem em certos reinos de consciência bem definidos e até agora desconhecidos e imperceptíveis para ela".

Paracelso trouxe luz para o método pelo qual o homem pode conhecer os Povos Elementais quando disse: "Nós chegamos à conclusão de que todos os Elementos não são unidos, mas que eles são só aéreos, ou ígneos, ou terrestres ou aquosos, sem se misturar. Também fica claro que cada Elemento nutre a si mesmo, ou faz com que cada qual seja único em seu mundo". Pois quando estes centros de energia no homem, que estão relacionados intimamente à distribuição das essências que nutrem a Terra, o Ar, a Água e os corpos de Fogo ou envoltório do espírito do homem, são regenerados, o homem se habilita a atingir graus de consciência co-extensivo com esses das quatro raças de seres que habitam as essências destes quatro Elementos, como os Povos do Ar, os moradores da terra, as Ninfas, ou Ondinas das águas e as Salamandras que recebem seus corpos perpétuos de uma essência diferente. Seus corpos são construídos dos melhores materiais que interpenetram a matéria grosseira e seus inter espaços, até mesmo melhores do que a matéria com a qual o corpo do próprio homem é construído.

"Ao falar dos quatro Elementos, sua gama de vibrações na matéria é significativa. A Chama, obviamente visível e transitória, não pode ser o hábitat de uma raça antiga. Ainda assim, o elemento Fogo, ou sua categoria de vibração, interpenetram toda a manifestação da Natureza, até mesmo nas mais grosseiras, assim como evidencia a descoberta de Radium na pechblenda(2), e isto claramente definiu a gama de vibração de uma raça de inteligência altamente diferenciada que evolui em seu ser. As essências da Terra, Ar e Água também estão cheias de vida consciente e destinada a um certo fim. Se o homem purificasse seu corpo emocional e mental ele poderia, por conhecimento da Lei que governa a Força Solar e a regeneração de certos centros do cérebro

(1) -Paracleto - O Espírito Santo, a 3ª. Pessoa da Santíssima Trindade ou Tattwa Akasha, a matéria escura e fria do qual são feitas todas as coisas existentes no Universo manifestado. É também a Binah da Cabala ou a Virgem Negra dos Católicos romanos. Pode ser entendida aqui como Kundalinî. (N.Trad.)

(2) - A pechblenda é uma variedade, provavelmente impura, de uraninita. Dela é retirado o [urânio](#), que é constituinte de muitas rochas. É extraído do [minério](#), purificado e concentrado sob a forma de um [sal](#) de cor [amarela](#), conhecido como "yellowcake". Yellowcake significa, literalmente, "bolo amarelo". Deve seu nome à intensa coloração amarela, característica dos compostos de urânio. O minério de urânio é retirado da [mina](#) e, após processos de extração, é enviado para usina de beneficiamento para obtenção do concentrado de urânio, cuja composição química é o diuranato de [amônia](#), conhecido como yellowcake ou concentrado de U3O8. O [Brasil](#) é dono da quinta maior reserva de urânio do mundo, de aproximadamente 300 mil [toneladas](#). (N.Trad.)

(3) - Isso hoje já está fisicamente compreendido com o advento da Física Quântica. (N.Trad.)

secundários, entrar em uma relação harmoniosa com os Povos Elementais ".

Apesar de saber que para o cientista as dádivas de Deus soam absurdas, pois a ciência nos ensina a não aceitar nada que a maioria não pode ver ou demonstrar, continuo falando destes assuntos porque sei que a ciência continuamente descobrirá, no futuro, ser verdade aquilo que hoje é indiscutível, embora continuará eternamente fazendo oposição às conjecturas ermas dos filósofos e místicos antigos. Sabemos que a rocha tão sólida do materialismo está transformando-se rapidamente em uma geléia, frouxa, trêmula e mole(3). O quarto de cacarecos da mente humana é escuro e cheio de teias de aranha, porém alguns raios fracos podem adentrá-lo, enquanto nos cantos há pilhas de ossos mentais sem carne, secos e frágeis, retirados dos museus do passado. Em cima de uma mesa há uma caveira, como se estivesse em um trono, moldada e trazida à vida pelo materialismo do passado, algo sem sangue e sem vida desde que surgiu. Suas cavidades sem olhos nunca viram, e a boca nunca falou, pois só serviu para que a cabeça fosse formada; nunca puderam ser completadas e nem poderão dar ao crânio membros ou carne ou coração, porque não se aventurariam aos reinos mais profundos da alma. As mentes dos cientistas se esforçaram para fotografá-las com precisão, mas o outro instrumento que poderiam usar - a intuição - está ainda adormecido. Quão filosófico é o selvagem que, com a mente de uma criança, e talvez por ser uma criança a qual falte ainda o pensamento científico, busca, em sua maneira imatura e estranha de ser, a causa subjacente das doenças atacando maus espíritos e poderes que não pode ver, contudo, intuitivamente, sabe existir, comparado ao materialista que só se limita à visão inexacta do olho ou do instrumento? Só recentemente os cientistas aceitaram o fato de que a mente tem um papel importante na saúde de uma pessoa; quem sabe logo começarão a achar que podem curar muitas doenças, muito provavelmente sem a ajuda de remédios, apesar de não terem ainda mapeado a anatomia das emoções, acreditando que elas sejam unas com a mente e a mesma coisa que ela. Provavelmente, no futuro, seremos compelidos a aceitar, de forma inequívoca, as crenças dos ocultistas que agora são ignoradas ou tratadas com desprezo. O ocultista, sendo mais sensível às percepções mais sutis por ter seus sentidos mais desenvolvidos tem maior conhecimento e entendimento sobre estas coisas ainda não reveladas e é por este motivo que se torna instrumento mais sofisticado para a cura do que a ciência poderia imaginar. Naturalmente o ocultista e o místico sentem o sofrimento da humanidade com a mesma intensidade como alguém sentiria o escaldar da água fervente nos pés.

Com certa frequência "M" ressaltava a importância do estudante não se misturar com pessoas que ainda enviam ondas de paixão e ódio. Da minha parte posso afirmar que mesmo ainda na condição de aprendiz posso dizer que há pouco tempo passei a sentir, através da prática de meus exercícios, as emoções, sentimentos e estados mentais dos outros tão fortemente quanto uma pessoa sentiria se fosse golpeada no corpo físico. Descobri também que as emoções enviadas pelas pessoas diferem em graus de acordo com a intensidade com que foram geradas. É assim que posso imaginar com quanto mais intensidade "M" deve sentir a aura de pessoas desagradáveis, porque os sentidos, de acordo com nosso desenvolvimento interno aumentam mais e mais até a pessoa sentir não só a paixão de um, mas as paixões daqueles que lhe estão próximos e até mesmo quando estão a uma boa distância. Conforme os sentidos vão se tornando cada vez mais sutis, mais a pessoa vai ficando isolada e, mesmo morando só, sentirá os sofrimentos e paixões daqueles que estão mais próximos, da mesma forma como se morassem juntos. Conforme se vai adquirindo a capacidade de receber essas impressões, também se adquire o poder de enviar outras impressões em retorno, ajudando de longe as pessoas de acordo com suas necessidades.

Da mesma forma que os cientistas têm provado quimicamente a unidade das coisas, o ocultista tem provado isto emocional e mentalmente. Sentimentos fluem contra ele como as ondas do mar, contudo, como uma torre de aço marmoreada com ouro, ele se levanta imóvel e tranqüilo; não ousa dar passagem a essas ondas, pois, caso contrário seria invadido por poderes que lhe causariam muitos danos por causa de sua capacidade de sofrer, que é maior que a das pessoas normais.

Contudo, os adoradores da caveira do ceticismo olham para ele, o místico que crê em Deus, de soslaio, com vaga expressão de divertimento e sorriem com os lábios fechados, como se sorrissem para uma criança por causa de sua imaginação, ou para o selvagem por sua

ignorância. “Por que?”, dizem eles, “por que não conseguimos ter as mesmas experiências que você tem e não experimentamos visões e não podemos fazer premonições? E mais ainda: por que os guardiães do futuro não nos contaram o que irá existir?” Da mesma forma poderiam argumentar com o botânico: “Caminhamos no campo que você caminhou e, contudo, não vimos a planta rara que você apanhou”, ou então ao garimpeiro que encontrou ouro, “Não achamos ouro e entretanto andamos pela mesma terra que você.” Quando o cético entra no laboratório de sua alma e faz experimentos com os elementos mentais e morais que lá encontra, depois de certo tempo naturalmente adquirirá resultados da mesma maneira como os pioneiros do reino da alma obtêm os seus.

E aqui novamente relatarei alguns fatos que “M” contou a respeito da existência de homens mais preparados do que os do Ocidente. Uma vez perguntei a “M” se poderia esclarecer algo sobre símbolos e ele apontou para uma corça jovem com um pedaço de fungo em sua boca que enriquecia um gabinete envernizado; mencionou que para o iniciado existe hoje, no mundo, uma aristocracia de inteligência em cuja esfera mental poucas mentes Ocidentais puderam penetrar; para estes iniciados o símbolo da corça e o fungo representam a sabedoria que viria a um homem idoso quando este colocasse sua mente em atitudes infantis ao receber instruções da natureza consciente, i. e., os elementais da terra, do fogo, do ar e da água. Para o ocidental este símbolo representa somente vida longa.

“Você percebe”, continuou “M”, “que quando os povos Ocidentais estavam morando em cavernas, enquanto roíam ossos e pintavam suas peles, os orientais estavam morando em casas de tijolo, sentados em mobílias bem-projetadas e se vestiam com seda. E hoje se você desejar contatar esta consciência do intelecto deve estender as vibrações de sua aura mental científica e, cheio de conhecimentos como é, procurar se harmonizar com os mais antigos da raça; caso contrário ela será um livro fechado a qualquer estudante. E acrescentou: “Certa vez um homem sábio desta casta de intelectuais me perguntou: “Por que você gasta tanto tempo ajudando e ensinando os homens de casta mais inferior?” e eu repliquei, “Não deve um homem, através de o trabalho sacrificial servir àqueles que estão abaixo dele?” Rapidamente ele retrucou: “Ajudando aqueles abaixo de você, às vezes será arrastado ao nível deles, e então as condições deles o impedirão de afirmar seu próprio nível à verdadeira soberania da Natureza em seu próprio plano”. E “M” me perguntou quem era o mais sábio, eu ou ele? Ainda estava confuso com a pergunta quando ele disse, “Freqüentemente, sob orientação do coração e não por sabedoria, impomos fardos não somente a nós mesmos, mas também para outros; por essa razão não trabalhe em função do indivíduo, mas busque sempre estabelecer uma relação melhor entre os homens da massa”.

A Ciência moderna tem feito muitas descobertas úteis, mas precisa aprender muito mais daquilo que ignora e trata com desprezo. É uma infelicidade que falte ao Ocidental a sutileza da mente que o Oriental possui. Os pioneiros no assunto relativo à alma fizeram experiências durante milhares de anos e, quem sabe o que descobriram? Seria provável que persistissem tanto em algo que não produziu qualquer resultado? Os Ocidentais já conseguiram produzir religiões tão magníficas, cheias de sutileza, lógica, sabedoria, psicologia e treinamento higiênico quanto os Orientais? É certo que se aqueles não houvessem descoberto certas verdades, suas religiões teriam morrido por falta de alimento; assim como uma concha oca é esmigalhada quando golpeada por um martelo, estes experimentos haveriam de ser esmigalhados se não tivessem obtido resultado positivo.

Afinal de contas, a ciência moderna tem apenas alguns séculos, enquanto a nossa Ciência possui milhares de anos; portanto a Sabedoria é que deveria sorrir para a recém-nascida e vigorosa criança chamada Ciência ocidental. Talvez num passado distante também tivéssemos algum conhecimento sobre a ciência no modo como ela hoje controla o mundo, pois acredito no que é dito de que algumas pessoas, no passado, possuíam modelos de aeroplanos há milhares de anos atrás. Quem sabe em alguns séculos, no futuro, estaremos capacitados a superar a necessidade de voar, no modo como conhecemos o vôo mecânico de hoje, ao irmos descobrindo os poderes secretos da Natureza?

Hoje em dia a Ciência descobriu forças que geralmente usa para propósitos destrutivos da mesma maneira que uma criança destrói seus brinquedos por não ter desenvolvido sabedoria suficiente ou equilibrada para tratá-los bem. Estamos tão ocupados descobrindo coisas de natureza externa que não temos nenhum tempo para escutar a sabedoria interna que mora dentro de nós. Hoje em dia rastejamos sob os arcos sombrios das circunstâncias, pois o bálsamo de Sabedoria não foi devidamente buscado e nossas mentes ainda pulam como pardais que apanha miolo de pão.

Escutamos as vozes dos gritos de nossos humores e as nossas impressões da vida são tecidas lentamente num padrão semelhante às cores flamejantes dos sonhos de um louco, e raramente um momento é gasto meditando no silencioso templo do espírito, onde a paz pode ser encontrada. Pensamos desesperadamente em nossas menores aflições e admiramos a agudez de seus fracos espinhos. O Homem perdeu sua mocidade; não existe mais a criança dançando despreocupada pelo tempo e que sugue das horas que passam todos os sabores doces e sucos. Ela entra cautelosa e medrosamente no caldeirão fervente dos dias acreditando que cada companheiro carrega um punhal e seu coração encolhe com a suspeita desses que muitas vezes desejam só amizade, pois seus lábios costumam deixar fluir palavras que têm somente um falso calor. Hipnotizada fita através das janelas dos olhos os sempre mutáveis e cada vez mais maravilhosos encantos que a atraem para longe da beleza escondida, trancada dentro das profundezas de sua alma.

O Ocultismo clama: “Volte criança, disfarçada de homem, num corpo de barro, como num mausoléu onde estão sepultados os maravilhosos segredos da época de ouro, emaranhados e acorrentados na terra cálida; segredos imperiais mais majestosos que os sonhos dos anjos; forças que transformaram os homens em reis e os trouxeram à comunhão com os elementais da Natureza dando-lhes poder para comandar a reverência das ondas e controlar os urros dos trovões e tempestades; comandar os gnomos guardiães para revelar e entregar seus tesouros para a construção e enriquecimento de templos e palácios onde os homens permanecessem como se estivessem lustrando jarros de chama enquanto marchavam com passos firmes no aveludado e vistoso firmamento da Terra, na posse do conhecimento sincero e impessoal sobre a totalidade das coisas”.

Tecidos de matéria etérea e receptáculos do licor divino da sabedoria enviado pelos deuses eles sabiam que a toda forma de vida deveria ser dado amor e não morte. Os poderes da alma devem ser convertidos em riquezas morais e mentais. Entretanto os homens que têm sido os causadores do definhamento do ambiente, embora tendo sido pesados nas balanças da harmonia, arrancando das idades as experiências que os ajudaram a aperfeiçoar e completar o modelo de seu próprio ser gastam, atualmente, as riquezas que as eras lhes cederam em dissipação mental e moral. Será que trabalharam todo esse tempo com todos os elementos, trazendo para si os poderes da mente e do sentimento, a maquinaria e a maravilha dos olhos e do coração - essas janelas da matéria e do espírito - apenas para que pudessem destruir tudo aquilo que foi armazenado dentro deles por algum propósito divino? Nós sentimos que, se os cientistas tentassem investigar as muitas reivindicações que o Ocultismo faz, entenderiam o plano e propósito da existência.

As intuições dos artistas têm descoberto verdades que somente agora estão sendo aceitas pela ciência:

*“Todas as coisas, por poder imortal,
Perto ou longe,
Ocultamente a todas as outras estão ligadas
E tu não podes mexer uma flor
Sem inquietar uma estrela”.*

Quando William Blake disse “um mundo num grão de areia” ele quis dizer com sua intuição o que os cientistas descobririam somente depois de muitos anos de penosas pesquisas, embora pessoalmente admitia que o que ele intuitivamente sabia pouco fez para avançar a causa da ciência.

Tenho falado com considerável detalhamento sobre a intolerância da Ciência, embora saiba que no desenvolvimento da humanidade ela também tem uma importante parte no

jogo; mas somente fiz isso para que os céticos demonstrem mais tolerância às narrativas feitas à mim por “M” e também em consideração aos elementais da Natureza.

“M” estava particularmente entusiasmado para relatar um conto. Era sobre um gnomo que, no passado, tinha sido encantado por um mago a certo livro, dando a este livro uma aura mágica. Este gnomo visitou “M” e lhe pediu que o desencantasse, e “M” procedendo desta forma ficou seu amigo e este conversava freqüentemente com “M” e lhe fez algumas perguntas. Uma vez ele disse, “eu sei o que você chama noite e dia; é a diferença de vibrações”. Na ocasião em que a grande guerra aconteceu, muitas forças ocultas das esferas inferiores foram evocadas, e aqueles que vivem nestas esferas estavam muito aflitos com o tumulto sobre eles. Prosseguindo, este gnomo perguntou a “M”: “por que é que a nós que não destruimos, deve ser negada a imortalidade?” “M” explicou a ele que com o tempo eles alcançariam a imortalidade e que o homem no passado também tinha evoluído de um elemento semelhante ao gnomo (esta doutrina particular também é Teosófica). “M” também me contou vários outros pequenos contos, os quais esqueci, mas deixou claro que os gnomos são bons amigos para aqueles que perderam coisas preciosas e que as pessoas nunca deveriam rir deles, pois eles levam isto facilmente como ofensa. Embora saiba que os acontecimentos que estou narrando serão encarados com pouca seriedade, escrevo sobre estes acontecimentos porque sei que existem pessoas que já tiveram alguma experiência com os gnomos, pois muitas são clarividentes o suficiente para chegar a vê-los.

“M” também conversava com certa freqüência sobre os silfos, pelos quais tinha uma grande admiração devido a sua maravilhosa beleza e pureza. Os mais elevados elementais não permitem ocultistas em suas esferas, a menos que eles sejam física, emocional e mentalmente puros, porque o corpo humano é ofensivo a eles; se o ocultista deseja visitá-los, deve obedecer as suas leis, pois o homem, dizem eles, é uma criatura destrutiva. Possuem, segundo ouvi contar, grandes conhecimentos na manipulação da mente material e podem ajudar ao Mago, mas não ajudarão àqueles que forem destrutivos. Uma vez um Silfo de maravilhosa beleza visitou-o, e “M” relatou como era magnífica sua cabeleira, a qual deveria ter levado muitos dias para ter sido formada e acrescentou: “Um pintor levaria um mês desenhando-a”. Contou também que estes seres possuem extrema beleza e recordou o fato de muitos místicos iluminados ao chegarem a ver um Silfo pensam ter visto o Cristo. Certa ocasião um Silfo disse para “M”: “Você não percebe que nós também temos instrutores que nos visitam, e que Deus nunca está afastado de Sua Criação?”

Embora conhecêssemos “M” há muitos meses ele nunca havia falado conosco sobre as diversas modas passageiras de comida que praticávamos. Como mencionei antes, tínhamos nos tornado vegetarianos; éramos não fumantes e abstinios, conforme a maioria dos membros da Sociedade Teosófica, Davi sendo muito mais rígido do que eu. Mas sempre nos esquecíamos de perguntar a “M” sobre estes métodos de saúde e atitudes que imaginávamos nos ajudariam a trilhar a Senda principal para a Iniciação; na realidade queríamos trazer estas coisas para concordância de “M”, porque não poderíamos conceber alguém mais espiritual procedendo de outra maneira. Entretanto estávamos destinados a ser estimulados a pensar com mais correção sobre o assunto.

Certa noite “M” convidou-nos para jantar em sua casa. Ali chegando Davi e eu nos sentamos de boa vontade e, por cima, esfaimados. Para nosso horror e consternação deparamos, no primeiro prato, pedaços de carne. Olhamos um para o outro e para “M” assombrados e ele, por sua vez, também fitando-nos com surpresa, pois evidentemente tinha tomado por concessão o fato de que comíamos carne. Minha surpresa foi muito grande, pois, como havia mencionado em outro lugar, nunca tinha encontrado alguém com uma aura tão pura, além do fato de que na Sociedade Teosófica havia muitos vegetarianos. Então perguntei a “M” a razão de ele não ser vegetariano (embora mais tarde disse-me que ele comia muito pouca carne realmente) e ele explicou sua intenção, pois sabia que as pessoas na Inglaterra não sabiam como fazer apropriadamente refeições vegetarianas como era praticado no Continente e Países Orientais; também que a aura das grandes cidades para uma pessoa verdadeiramente sensível é a responsável por muitos sofrimentos, particularmente quando tentamos viver a vida de um Iogue. “Outra razão é que numa terra de comedores de carne uma pessoa causaria muitos embarços quando visitando outras pessoas desejasse pratos especiais, e, depois acrescentou: “um ocultista de verdade nunca

deveria deixar outras pessoas desconfortáveis.” E finalmente, como um fim da linha para sua teia de argumentos, disse: “Os Tibetanos, que moram no centro espiritual do Budismo, comem ovelhas. E continuou: “o fato de sermos vegetarianos nos causa menos danos e é um bom treinamento de autocontrole, pois chegará a época, se nos esforçarmos a viver verdadeiramente como ocultistas, em que deveríamos nos tornar eremitas e praticar todo o ascetismo”.

Então, daquela noite em diante, Davi e eu retornamos novamente para a vida regalada, e, verdadeiramente, não em grande tristeza, pois muitos vegetarianos que tínhamos conhecido, não eram, fisicamente, muito saudáveis.

Outro tópico sobre o qual questionamos “M” foi sobre o casamento, se era asneira um estudante casar, e entendi perfeitamente quando disse que o estudante era perfeitamente livre para fazer o que quisesse, embora fosse desaconselhável uma pessoa que estivesse sob sua tutela e se desenvolvendo espiritualmente casar, pois com muito mais frequência estaria impedida de ser ajudada do que fazer certas coisas, particularmente se casasse ainda jovem. Apesar desta consideração, algumas vezes o casamento também pode ajudar, pois o estudante deve procurar equilíbrio, e quando chega nesta etapa, há pouco sobre o que reear. Como exemplo “M” mencionou o caso de um Mestre casado e com família, cuja esposa era completamente ignorante do fato de que seu marido era diferente do tipo comum de homem, salvo pela exceção de que ele possuía um vasto conhecimento que surpreendia sua família.

Outra questão sobre a qual pessoalmente inquiri “M” foi sobre falhas, e ele contou-me que muitos de seus alunos tinham falhado através do sexo, egoísmo e ciúmes. “Mas”, - acrescentou, “embora tenham falhado, eles não esqueceram, e há de vir uma época em que o aluno faltoso deverá receber outra oportunidade, pois os Instrutores são muito pacientes e podem entender as fraquezas da humanidade porque eles também sofreram, no passado, ante o mesmo acontecimento; trilhar a Senda é um caso de constante esforço e embora anos devam passar, a persistência em levar a cabo os vários exercícios deve, no final das contas, ser recompensada com o sucesso, pois, nem o menor esforço é jogado fora, e um momento vem quando algo é aberto, uma força adormecida é acordada, o estudante adquire uma nova percepção da vida e uma extensão dos sentidos o torna mais sensitivo às coisas passadas e não advertidas antes.

Além disso, às vezes, nosso fracasso, que parece um mergulho em condições mais materiais, só é aparente, e provavelmente mais tarde nos conduzirá a uma realização mais rápida e mais completa das verdades de Deus do que a daqueles que dão poucos passos em falso e sobem cada vez mais alto continuamente. Trouxe à baila o caso de um estudante mais místico e sensitivo do que eu, que teve algumas experiências espirituais quando era jovem. Por falta de experiências acabou se tornando tão pouco prático que seu Eu Superior afundou-o através de uma série de provas que o colocaram em contato com algumas pessoas grosseiras e materialistas, forçando-o a ver o mundo em tons menos cor-de-rosa.

Advertiu-me também que estas experiências geralmente elevam o estudante mais do que conseguem aqueles que nunca foram afundados na longa jornada da vida. “Sempre será preferível”, continuou, “subir devagar e corretamente do que subir parecendo um foguete e descer das alturas de forma não gloriosa”.

Poucas semanas após o Natal nossa loja começou a lamentar a falta de sustentação. O pequeno fluxo de fregueses secou e nós começamos a sentir que uma grande catástrofe se abateria sobre nós. Nossa visão de um grande estabelecimento, grande renda, e uma grande quantidade de lazer começou a retroceder, tomando de nós uma distância intransponível. Então percebemos que não poderíamos pagar nossas despesas por muito mais tempo. Entretanto, concordamos em cortar prejuízos, começando pela procura de um lugar mais barato, e esta idéia foi imediatamente posta em prática.

Cerca de uma semana depois mudamos e me familiarizei com uma moça chamada Estela, que conheci na Loja Teosófica. Ela ficou grandemente interessada em diversos ensinamentos da Teosofia e do Ciganismo. Ela desejava encontrar o estranho povo e viver aventuras desconhecidas. Estas últimas eu lhe prometi, e elas vieram mais cedo do que eu esperava, pois ao mesmo tempo entrei em contato com um novo professor dos Divinos Mistérios. Tal era realmente seu título, um hábito grandioso que falsos professores geralmente têm. Davi

trouxe o anúncio para que eu visse, e ele pareceu ansioso para assistir as palestras, e como também era meio casado com a Sociedade Teosófica, concordei em acompanhá-lo. Então, antes de escrever sobre minha nova casa, descreverei este novo professor.



ESPECTRO HUMANO

Pondere e olhe com atenção; espreite através da névoa os construtores de minaretes de areia, fantasmas que caminham, riem e trabalham. Você está encantado pelas sombras, pelos pensamentos e pelos sonhos ocultos das pessoas. Entretanto eles estão em seu quarto, possuindo em suas mãos os segredos que poderão transformá-lo num deus. Envolvem-no com suas invisíveis shekinahs (1) e sussurram em seus ouvidos internos e você é inspirado. Eles intitulam a si mesmos “humildes servos de Deus” e fazem com que você os chame de Mestres da Terra. E você é como uma imagem deles, refletindo seus pensamentos, suas emoções, porém desviando seus raios de poder para motivos deletérios e inundando a Terra de pensamentos maculados que voltam ao emissor, trazendo com eles destruição. Todavia, na égide de seu amor e sua divina paciência eles guiam você com firmeza através dos reinos verdejantes da experiência.



(1) **Shekinah:** A Divina Presença de Deus como é concebido na Teologia Judaica.

CAPÍTULO V

O FALSO PROFETA

Tendo lido muito e percebido pouco enquanto nos abrigávamos na habitação confortável da Sociedade Teosófica, envaidecemo-nos e desdobramos nossas recém-emplumadas asas e com grande incerteza voamos para as mãos do apanhador de pássaros que esperava lá fora, pronto para engaiolar e depenar seus infelizes prisioneiros e, casualmente, disposto a ensinar a seus cativos, canções de sua própria composição. Pelo qual, ao sermos capturados, o fizemos de boa vontade e alegres, pois éramos criaturas extremamente sujas e desarrumadas que modesta e silenciosamente deixavam à gaiola quando aprendiam todas as músicas.

“S”, pois só assim posso chamá-lo, era um homem que tinha estudado a psicologia dos pardais. Ele sabia quais miolos espalhar para atrair-nos. Falou-nos que estes eram do pão da fé, mas sabia e escondia que o trigo de que fora feito era cultivado nos campos da tolice e adubado com egoísmo. Também sabia quais melodias atraíam-nos: melodias honestas e descaradas com um toque de valentia, as quais imitávamos perfeitamente e assobiávamos em divertido contentamento. Da mesma forma sabia que chicote usar em suas doutrinações: o chicote do medo. Pois ele nos falava com frequência das terríveis aves de rapina que voavam fora de nossa gaiola; as águias malvadas dos demônios (seus demônios eram algo teatral, completado com coices, rabo e chifres, e segurando, segundo lembro, um enorme tridente). Era um diabo sorridente que controlava o mundo inteiro e estava preparado para o grande momento em que poderia arrebatá-las das mãos dos anjos, pois seu Céu era típico também – e reinava com malévola soberania sobre o mundo inteiro. E também nos ensinou que se recusássemos sua proteção seríamos afundados nos mais negros departamentos do Inferno com todas as outras criaturas más que infestam a Terra. Assim, o medo, a fé e a estupidez nos amarraram a ele tão fortemente quanto cordas de aço.

“S” era idoso com esparsos cabelos cinzento, acima da estatura mediana e com a face de um homem de negócios durão e um olho que era rápido e quase magneticamente atraído para um bonito tornozelo ou rosto. Pois lembro que sempre que ele vinha para fazer a palestra, seus olhos percorriam o cômodo, rápida e seguramente, notando, cada vez, a ausência de algumas mulheres atraentes, e por quem ele inquiria, dando boas vindas alegremente se elas apareciam. Costumeiramente perguntava se elas gostariam de visitar seu apartamento, com a proposta de tomar chá e conversar *tête a tête*, e se elas estivessem dispostas, lábio-a-lábio.

Quantos casais ele já separou nós não sabemos, mas sabemos de alguns; geralmente seus discípulos deixavam suas esposas, para segui-lo. Como Davi, Paulo e eu, eles eram sinceros, mas pouco educados. Rapidamente Davi e eu percebemos este fato por termos pertencido à Sociedade Teosófica, onde a maioria dos membros possuía certa cultura e refinamento, notadamente ausentes em nossos novos amigos.

As palestras realizadas por “S” eram, indubitavelmente, muito interessantes e vigorosas, embora freqüentemente exalasses fragrâncias com uma inspiração que certamente fluía de uma fonte diferente do espiritual. Da mesma forma, costumava estar verdadeiramente sempre muito inspirado; ele era uma curiosa mistura de Bem e Mal, entretanto normalmente era a besta que guiava as rédeas de sua conduta, tornando-o cruel, luxurioso e irrefletido; em verdade era um excelente espécime para um estudo para aqueles que têm fé não-raciocinada, para aqueles que nunca vão aprender que o homem é o molde de seus pensamentos: as ações de “S” expressavam o verdadeiro homem que havia dentro dele. Era extravagante, enquanto muitos de seus discípulos quase passavam fome para sustentar seu conforto; suas paixões descontroladas contradiziam seus ensinamentos de pureza e abnegação; certos toques de crueldade, sem nenhuma necessidade, que ornavam suas atitudes para com os outros provava a ausência dentro dele, do amor Divino sobre o qual ele incessantemente falava. Este era o homem cuja melodia nos atraía naquela época.

Somente agora é que percebemos o significado total de nossas ações do passado, ou seja, que nós mesmos, estudantes e inquiridores é quem tínhamos de escolher entre dois caminhos: o que levava à luz e o que levava à escuridão; mas naquela época não entendíamos o teste pelo qual estávamos passando. “M”, que observava e entendia tudo o que estava acontecendo, pouco podia dizer. Cabia a nós fazer a escolha, tínhamos de aprender que para sermos discípulos, deveríamos reunir experiência; tínhamos de escutar a voz espiritual que havia dentro de nós e obedecê-la, ou então ignorá-la. A ignoramos, apesar de sentirmos uma grande incerteza. Houve muito nervosismo antes que pudéssemos abrir nossas asas. Quem há de saber se não foi a voz interior falando conosco, nos fazendo ficar tão inquietos? Não obstante, “S” nos prendeu em seu viveiro.

Ansiosamente pensando que tínhamos arrumado um óleo espiritual através de seu fraseado solto e suas advertências, assistíamos atentos às suas palestras. Nossa primeira impressão foi muito decepcionante, pois ele não parecia nem um pouco com um iniciado, mas suas palavras de abertura foram certamente originais e francas, pois ele nos chamou de um bando de tolos e disse que éramos excessivamente ignorantes, o que definitivamente era verdade. E apesar de ficarmos chocados, também ficamos encantados. Ele era uma pessoa muito original.

Palestrantes de Teosofia costumam ser educados e encantadores, mas à nossa frente havia alguém que não se decidia entre ser encantador ou não. Certa vez chamou à sua frente um discípulo que havia passado por todas as iniciações divinas e misteriosas de “S”, fazendo uma porção de zombarias com ele. O discípulo aceitou tudo timidamente, certo de que havia feito algo errado achando que mereceu mesmo a situação vexatória por que passou. De nossa parte pensamos: toda a zombaria e ridicularização feitas por “S” sobre ele foram merecidas, pois se passou tantos anos como membro da escola de S. naturalmente deveria ter desenvolvido fé suficiente em Deus para abandoná-la. Mas naquela hora, não sabíamos da verdade, então sorrimos e achamos que S. era muito engraçado.

Vale mencionar aqui, tendo em vista nossas últimas descobertas sobre a influência hipnótica de “S” que, ao entrar no salão das palestras, Davi ficou muito impressionado com o fato de que o lugar estava fortemente carregado de influências psicológicas. Mas, se eram espirituais ou não, sua falta de treinamento o fizeram incapaz de compreender. Acabada a palestra, fomos rapidamente embora, e pelos dias seguintes, falamos de “S” para todos que achávamos iriam se interessar.

Oportunamente perguntei a Estela se gostaria de me acompanhar para ouvir um novo professor que tinha uma mensagem maravilhosa para os homens. Ela aceitou e ainda conseguimos incentivar o Irlandês a ir também. Assim, nós quatro fomos assistir a segunda palestra, que seria uma continuação da primeira. O Irlandês pouco falou no final, embora eu achasse que ele tinha muita coisa para pensar. Entretanto, foi um dos quatro que não quis entrar para a escola de “S”. Estela também falou muito pouco. Mas Davi e eu começamos a acreditar que lá havia um novo apóstolo de Deus, apesar de estarmos extremamente confusos com muitas coisas em relação à personalidade de “S” e sua doutrina. Sua terminologia cristã também não nos agradou, pois éramos mais acostumados a termos Sânscritos, onde os estados espirituais são bem definidos. Ele profetizava o fim do mundo, e naquela época, nunca tínhamos encontrado um professor que dissesse tais coisas, apesar de muitos Teosofistas esperarem a aparição de algum ser Divino; por essa razão seus ensinamentos apareciam como acréscimo ao nosso aprendizado rendendo-nos novas informações. Entretanto, depois viemos saber que muitos que profetizavam a mesma calamidade. Infelizmente, as datas se chocavam, e como cada profeta é certamente o que Deus escolheu, ele dizia que Deus o havia escolhido como seu único instrumento, e seus discípulos faziam afirmações positivas junto ao público para aquele fim. Mas as coisas começam a ficar ruins quando não chove fogo dos céus, ou a Terra não abre suas chagas. Perguntei a “M” se poderia me dar um motivo sério para estas profecias e recebi uma resposta interessante. Muitos destes pregadores são clarividentes e ouvem vozes de espíritos, pois a manifestação de grandes mudanças faz com que as pessoas esperem grandes mudanças, o que acho mais certo. Então, estes profetas de estilo próprio, inspirados por certo conhecimento e poder, fazem certas previsões, e acreditávamos que “S” seria um destes profetas.

Porém eu e Davi nunca havíamos ouvido coisas deste tipo, exceto o que era informado por astrólogos, de uma maneira muito vaga, que diziam que a Terra está se movendo em direção a outro signo do Zodíaco e, ao fazer isso, está produzindo novas influências nas mentes e modismos dos seres humanos. Desta forma, “S” dizia algo verdadeiramente novo e ao mesmo tempo esquecíamos que o território desconhecido para nós podia muito bem ser terra desbravada por outros, e ansiosamente adotamos essas novas crenças.

Quando nos dirigíamos a ele, o chamávamos de “Mestre”, sob sugestão de um de seus discípulos, pois todos se dirigiam a ele dessa forma, um título que sob a luz tardia do conhecimento era absurdo e totalmente errado, mas fazíamos conforme sugerido, pois éramos ignorantes e naquela época não compreendíamos que um líder espiritual de verdade não permitiria que seus pupilos o chamassem de “Mestre”, mas sim de professor. E aqui escreverei algumas coisas sobre este assunto passado posteriormente por “M” para mim.

“Não há líderes entre um grupo de pupilos, pois cada professor é um pouco de especialista e conhecedor de alguns assuntos. Às vezes pode ocorrer que um membro que está aparentemente menos envolvido com o grupo tornar-se professor do mesmo, e ainda assim ele não tentará obter ou forçar a obediência dos demais, pois a liberdade de cada estudante é considerada sagrada. Todos devem trabalhar na mais perfeita harmonia pelo bem geral e pelo bem da humanidade. Um dos momentos mais tristes na vida de um professor, prosseguiu, é quando ele é desafiado por mais conhecimento pelo seu pupilo. A alma do pupilo deve ter liberdade de expressão, e qualquer coisa que tenda limitar a expressão da alma traz, ao professor, a responsabilidade de carma, significando isto que qualquer um que tente ajudar uma alma e age de forma pessoal, encontra oposição nela. Acresce que o professor ou padre que aconselhe uma alma sobre coisas espirituais deve ser impessoal e, de forma alguma, deve desejar prender a pessoa a sua crença pessoal”. Entretanto, isto era exatamente o que “S” fazia. “M” continuou: “Um poeta disse:”, *“A verdadeira beleza acaba onde a expressão da intelectualidade começa”*; isto significa que o intelecto geralmente produz sentimentos pessoais. Sobre tudo, deixa as pessoas a sós, para que suas almas possam se expressar. O verdadeiro estudante questiona sempre como pode ajudar à alma de outro ser humano e, neste caso, a sua própria alma transmite a mensagem adequada ao serviço que será prestado. Manter a mente calma é a melhor forma de atingir a clarividência; a confissão, se feita de forma impessoal, é uma coisa espiritual. É notável que “S”, que chamou a si mesmo de Mestre, nada sabia sobre essas coisas e, também, como proporcionar verdadeiros ensinamentos a seus pupilos.

“M” nunca falou para nos dirigirmos pessoalmente a ele como Mestre e aqui devo avisar que a letra “M” não é de “Mestre”, mas de outro nome. Um professor não diz aos seus pupilos como fazer as coisas; pode sugerir e guiá-los para proceder sempre o melhor possível, assim como “M” fez conosco. Entretanto, o pupilo é perfeitamente livre para agir de acordo como sua alma dita. Não obstante, o professor sabe os pensamentos secretos e paixões dos seus pupilos, pois ele se conecta à consciência deles, e “M” me disse que às vezes usou seus poderes ocultos para saber como eu estava indo, e às vezes senti sua presença, pois o professor pode visitar o pupilo em seu corpo mental (para esse assunto estou devotando um capítulo inteiro mais à frente) ou ver claramente o que ele está fazendo. “M” também me contou sobre as ondas de pensamento e emoção mandadas para ele, e como ele pode distinguir qual estudante ou amigo fez isso, pois cada pessoa possui uma atmosfera diferente, sendo também de cores diferentes, e com a responsabilidade sobre seus pupilos, pode-se entender como o professor tem que observar cuidadosamente os que desejam ser escolhidos. Mesmo assim, aqui estava “S”, rogando ao fim de cada aula por pupilos, aceitando qualquer um que quisesse pertencer à sua escola. Embora não houvesse diretamente qualquer pergunta sobre quem queria ser seu discípulo, e evidentemente nenhum questionamento ou conhecimento sobre sua responsabilidade em relação aos seus ensinamentos falava sobre as iniciações que proporcionava, um termo sutilmente usado quando se referia ao despertar dos estados espirituais de consciência de seus discípulos. Outra atração que “S” nos mostrava foi o fato de que, com sua ajuda, poderíamos concluir nossa peregrinação sobre a face da Terra. Poderíamos fazer o que quiséssemos, poderíamos permitir todos os nossos desejos animais, contanto, de acordo com “S”, que tivéssemos fé e abnegação, e mesmo a palavra fé

significava para ele que deveríamos sentar e esperar que o mundo nos cobrisse, nos alimentasse e nos mimasse. Em tudo isso, "S" teve um sucesso admirável. Quanto ao verdadeiro significado de fé, "M" me esclareceu dizendo que esta era "energia determinativa", o que não se enquadrava dentro da ótica de "S".

Os discípulos de "S" procuraram também nos instruir para não notar ou olhar questionando qualquer de suas ações, já que ele realmente era o que se pode descrever como um tipo de homem livre e feliz, que às vezes ficava intoxicado, mas fora isso era inofensivo. "Não preste atenção na minha personalidade", dizia ele, e naturalmente nós procedíamos assim, porém acho que agíamos dessa forma principalmente porque ainda não sabíamos dos seus outros vícios, que não nos eram mencionados de forma alguma e que só chegamos a descobrir bem mais tarde. Alguns anos antes havíamos conhecido um palestrante Teosófico que tinha um posicionamento semelhante ao de "S", embora mais limpo e direto nas suas ações e, tolamente, imaginamos no nosso primeiro encontro com "S" que este era parecido com o homem que conhecêramos antes e que "S." possuía um conhecimento muito maior. Por essas razões estávamos preparados para escutar "S" deixando abaixo a resposta de "M", quando perguntei a razão de nossa aventura com "S".

"M" respondeu a minha inquirição da seguinte forma: -"A razão pela qual as forças negras mergulham o estudante em grandes níveis de experiência e sofrimento é para produzir equilíbrio, permitindo ao instrutor colocar o estudante no centro do caminho e advertindo-o para não sair muito para nenhum dos lados". E "M", com quem discorriamos sobre nosso encontro com "S", subitamente nos avisou sobre os poderes hipnóticos de "S"; mas evidentemente necessitávamos dessa experiência. Mas não pudemos deixar de perceber que mesmo sendo baseada nos ensinamentos Teosóficos e Gnósticos, a ótica empregada por "S" possuía uma terminologia diferente.

"S" chegou a escrever muitos livros, todos de maior interesse para nós, os quais estudamos séria e continuamente. Davi chegou a vender todos os seus livros sobre ocultismo, e eu fiz o mesmo, pois fomos avisados que não havia mais necessidade dos mesmos e que eles deturpariam nosso desenvolvimento. Em poucas semanas estávamos completamente sob o domínio de "S". Negligenciamos nossos negócios cada vez mais e passamos a viver durante cinco meses de esperança e fé, levando uma existência irresponsável e meio hipnotizada em nossos novos refúgios, sobre os quais agora passarei a descrever.



A CASA ESCURA

Aqui, o homem despende seu tempo como se estivesse numa casa escura lamentando a perda dos velhos candeeiros que uma vez iluminaram seus cômodos, ou seja, os profetas e seus poderes, cujas mentes calmamente pairam no meio dos poderosos relâmpagos ziguezagueantes de Deus. No pórtico sombrio, esses irmãos se reúnem e esperam, ouvindo as pesadas badaladas do relógio que indicarão o sinal para que possam entrar e novamente levar luz às câmaras sombrias. Têm como missão abrir novamente as poeirentas janelas e acender as lareiras; novamente destrancarão as portas das bibliotecas e trarão para os homens o conhecimento antigo que por tanto tempo foi negligenciado, abrindo pergaminhos amarelados e as monumentais obras literárias estampadas com o símbolo de ouro da Verdade. Em seguida, os sonoros tons do relógio vibrarão tão ruidosamente que o seu eco repercutirá em cada cômodo, acordando os homens de sono pesado, que abandonarão o sótão, o porão, a sala de estudos e o quarto para se reunirem na sala da casa, e mesmo ouvindo os passos daqueles irmãos na varanda, não se apressarão para abrir as portas, porque os parafusos se desenroscarão dos soquetes sem a ajuda de mãos e as portas se abrirão, deixando entrar uma rajada forte de vento que purificará toda a casa.



CAPÍTULO VI

NO PORÃO

Enfim a Liberdade! Liberdade das autoridades do País; liberdade das tramas da conveniência; liberdade da pressão implacável das virtudes reforçadas, liberdade para ouvir os sussurros dos Vícios. E, a maior liberdade de todas, a luxúria da preguiça e iniciação a na felicidade colorida da vida boêmia, onde ganhamos o direito de nos corromper o mais rapidamente possível e sem nada e ninguém que pudesse nos interromper. Liberdade e amor, fome e mendigaria, e por fim o último bem escondido pela severa Mãe Natureza que ultrapassa as altas muralhas da lei, ainda que naturalmente nada saibamos da flagelação que poderá acontecer.

Com os corações alegres, rapidamente erguemos a bandeira do inconventionalismo e a sacudimos na cara de cada amigo e conhecido chamando todos à nossa nova casa: o mendigo, o artista malsucedido, o completamente louco e o meio louco. “Sentem-se à nossa mesa,” dizíamos para todos, “mas tragam sua própria comida e um pouco para nós. Faremos um banquete de alegria, e nossa imaginação transmutará esses alimentos simples em comidas saborosas. O que importam as paredes pouco atraentes e o teto descolorido, as escadas rangendo ou a saboneteira rota? Agora moramos no palácio das pretensões, onde todos os mentirosos serão bem-vindos.”

Mas não se imagine que começamos a arrumação da casa com tais conceitos. Nossa degeneração começou depois. Queríamos realmente continuar vendendo nossos livros e tivemos um certo sucesso, pois conseguimos viver três meses com nosso estoque; depois disso as coisas ficaram ruins.

Nossas novas acomodações eram situadas em um grande e tosco porão, em um dos quarteirões de Bloomsbury(1), uma dessas casas construídas para serem forte, porém pouco artística, como as que existem neste distrito. Este porão parecia estar saturado de uma atmosfera insalubre e doentia. Uma sensação vaga e medonha de maldade parecia se espalhar e se impregnar nos quartos sombrios e escadarias da parte mais baixa da casa, e o único motivo pelo qual alugamos um dos quartos foi o preço. Além disso, o inquilino do apartamento de cima era um amigo de nós dois e havia fundado um clube nos andares de cima, que mais tarde se desfez, por causa de fofocas de alguns membros e da doença do fundador. Antes do desmembramento do clube, muitas brigas aconteceram, resultando num desconforto considerável entre todos nós. E aqui é interessante notar uma peculiaridade deste lugar, pois as súbitas mudanças de humor de qualquer destas pessoas parecia arrasar o bom humor das outras com tamanha rapidez que parecia uma onda invisível. Lembro particularmente de uma tarde, quando, após uma caminhada pacífica e cheia de meditações, ao chegar a casa percebi uma onda de ódio violento me atingir, transformando meus pacíficos pensamentos em uma intensa irritação com Davi, que se encontrava no quarto. Parece difícil de acreditar, mas jamais esquecerei a sensação que tive neste incidente. O lugar aparentemente possuía uma qualidade magnética curiosa, a qual nunca conseguirei definir e acresce que estes acontecimentos e muitos outros só começaram a suceder bem depois, pois, quando mudamos não havia nenhuma preocupação ou escrúpulos em relação ao mesmo.

O cômodo que ocupávamos era bem grande, mas úmido, com chão de laje e paredes desbotadas, cujo gesso e pintura se transformavam em pó quando as tocávamos. Fizemos algumas vãs tentativas de limpá-las e pintá-las, mas com exceção de uma parede de madeira, todas falharam miseravelmente. Esse lugar havia sido a cozinha da casa, pois havia um forno tão

(1) Este nome se refere a um distrito de Londres onde, entre aproximadamente 1907 e 1930, um grupo de escritores, filósofos e artistas ingleses se reunia costumeiramente para discutir questões estéticas e filosóficas. (N.Trad.)

grande que poderíamos fazer comida suficiente para abastecer um restaurante que poderia ser erguido no final do cômodo. O ambiente já era sombrio e o tornamos ainda mais, dividindo-o em dois cômodos com a ajuda de uma grande cortina verde-escuro; uma para guardar os livros do estoque e outra para dormirmos, comer e receber nossos amigos. Davi dormia em um dos lados do quarto e eu no canto oposto.

As sombras feitas pelas cortinas deprimiam e estavam em perfeita harmonia com a atmosfera doméstica e melancólica do quarto, as quais se somavam a umidade e escuridão reinante. Era um estúdio em tons cinzentos e tristes e como infelizmente não tínhamos dinheiro pra comprar tecidos ou almofadas coloridas para melhorar seu visual, tivemos que aceitá-lo sem qualquer restrição. Para jovens que entravam nos domínios da boemia os portais eram do tamanho exato, e só agora posso entender que a nossa imaginação e otimismo eram de proporções titânicas para conseguir ver, naquele lugar, uma luz dourada capaz de nos proteger das influências depressivas do ambiente.

Finalmente, sendo pobres demais para comprar móveis, fomos obrigados a tomar emprestado móveis que nossos amigos não queriam mais. O tesouro sem dono de Davi era composto de uma velha cama de ferro, uma cadeira desconfortável e uma escrivaninha de péssimo aspecto que podia ser usada na loja. Comigo trouxe duas cadeiras pequenas e humildes, que haviam sido usadas por tanto tempo que tinham um ar perpétuo de usadas. Do mesmo modo, enriqueci nosso apartamento com um sofá, preto e cheio de buracos pelos quais o estofamento havia saído quase totalmente, fazendo com que o tecido preto ficasse em cima de uma grande tábua de madeira. Nossa ingenuidade em tentar manter os móveis inteiros foi consideravelmente taxativa e uma pequena mesa que havia sido pregada de forma inadequada completou nosso lar. No resto da casa, havia livros. Uma máquina de escrever primitiva, comprada num impulso tolo foi o único sinal de minhas sérias intenções de fazer algum trabalho literário. Infelizmente, a máquina foi quebrada por David praticamente uma semana depois, quando ao ver Rita, ficou em êxtase e a deixou cair. Assim acabava minha aspiração literária, apesar de duvidar da minha capacidade para poder escrever qualquer coisa naquele lugar onde, mesmo tendo feito muitas outras tentativas, todas falharam, restando de tudo a única coisa na qual eu persisti com denodo, que era me apaixonar. Acresce que a tudo isso, vários amigos, descobrindo nossas novas acomodações, ficaram impressionados com o nosso modo de vida livre e fácil e rapidamente se sentiram em casa.

Mas o incidente mais desagradável ocorreu praticamente na nossa primeira semana na casa: foram os pesadelos de Davi. A partir desse dia, começamos a acreditar que o lugar era mal-assombrado. Podíamos inclusive ouvir passos à meia-noite (a hora convencional dos fantasmas). Numa noite, quando estava sozinho – Davi havia saído –ouvi passos lentos de alguém lá fora; e apesar de ter procurado por toda a casa, olhando na adega e todos os outros cantos e cômodos pequenos, fiquei aliviado por ter ficado desapontado, pois não encontrei ninguém.

Porém, viemos a conhecer outras pessoas que moraram lá antes de nós, que reclamavam de ouvir alguém subindo e descendo as escadas por volta de três horas da manhã. Ainda procuramos uma explicação para os pesadelos de Davi, que aconteciam após eu apagar as luzes. Como mencionei anteriormente, dormíamos em lados opostos do quarto; Davi na cama de ferro e eu no sofá. Sempre tive o hábito de ficar lendo até tarde, com luz de velas, e tudo ia bem enquanto as velas queimavam. Mas, tão logo elas se apagavam, Davi começava seu lamento: “Michael, rápido, uma luz, uma luz. O árabe, o árabe!” E uma rajada de ar gelado vinha de direção dele, como um vendaval gélido. Após algumas tentativas trêmulas, acendi as velas novamente. Davi disse que via um homem moreno vestindo uma capa longa, vindo em sua direção, e nesses pesadelos, o homem era sempre o mesmo. Esta aparição vinha a ele constantemente, mas confesso que nunca vi nada. Porém, em uma coisa concordamos: na natureza maligna daquele lugar.

Contarei a última prova da existência de tal força encerrando este aspecto de nossos quartos. Recentemente, um amigo nosso também alugou um quarto aqui. Era inventor e um dos homens mais materialistas que conheci. Certa noite descobriu o segredo de como fazer uma fuga rápida e, repentinamente, começou a acreditar em fantasmas, pois jurava que havia sentido um

passando através dele na escada. Era, como disse, uma névoa escura e espessa em forma de silhueta humana e estava diante de sua janela pela qual uma lua gélida, clara e cheia brilhava. Passou devagar, descendo as escadas e através dele, fazendo com que sentisse espinhos afiados e gelados e todos os pêlos de seu corpo se eriçaram. Infelizmente, meu amigo não permaneceu lá para investigar este fenômeno, pois logicamente deveria tê-lo feito; agiu como um grande número de pessoas que estudam alguma ciência: quando confrontados com fenômenos sobrenaturais, no qual certamente não acreditam, saem ilógica e não-cientificamente correndo.

Assim, em nossas novas acomodações, tínhamos todos os elementos para uma existência interessante e romântica: Boemia, amor, ensinamentos místicos de nosso novo professor, enquanto no fundo, nosso verdadeiro mestre esperava paciente e silenciosamente – e por último, fantasmas. O que mais alguém poderia desejar, pois considerávamos ter encontrado paz e verdade, amor e liberdade, mas, na realidade encontrávamos mesmo era no reino das ilusões. Nos ensinamentos Teosóficos o estudante é advertido a evitar o reino das ilusões. Imaginávamos que isto acontecia quando alguém se torna iniciado, viaja por um certo plano astral no qual todas as coisas parecem atraí-lo para desviar sua atenção de seu verdadeiro objetivo; evidentemente havíamos esquecido que é totalmente possível um estudante passar pelo reino das ilusões no plano em que vivemos, e foi exatamente isso o que aconteceu conosco.

Meu próprio caso amoroso terminou desastrosamente, apesar de felizmente para aquela que me deixou apaixonado. Eu mencionei anteriormente alguma coisa sobre Estela, que me acompanhou às palestras de “S”. Ela era morena, bonita, com cabelos cacheados, magra, de altura mediana e levava consigo uma sugestão de severidade e praticidade, apesar de deixar transparecer um estilo romântico e uma estranha atração pelas coisas ocultas. Possuía ainda uma percepção mental rápida, embora minha lembrança mais clara a seu respeito seja sua severidade e clara perspicácia, características muito necessárias quando se muda freqüentemente de ambiente. Sua inteligência, interesse por ocultismo e rápida percepção das sutis formas de significado foram as principais bases sobre as quais construímos nossa amizade.

Atirei-me de coração aberto numa tempestade de intensa paixão; como é difícil acender novamente um fogo tão doce e insuportável, que durante aquele período queimou dentro de mim. Agora, parece que fui jogado em um rio flamejante, que cantava músicas calmas e eternas para mim, enquanto era empurrado e atirado violenta e repentinamente em uma deserta e desolada praia. Ainda que tal aventura tenha sido boa para mim e, embora essa viagem tenha durado três ou quatro meses, amadureceu e enriqueceu minha mente pela experiência. Acho que o motivo pelo qual me apaixonei foi o glamour do ambiente. A namorada de Davi, Rita, era o oposto de Estela, em aparência e temperamento: formosa, graciosa, corpo bonito e muito mais intuitiva do que intelectual, além do aspecto alegre, despreocupado e o sentido de companheirismo. Acho que muitas qualidades intelectuais e críticas acabam por arruinar um relacionamento, embora não possa dizer isso de Estela, pois enquanto estava entre nós, não deixou aflorar suas críticas. Devo admitir que eu possuía uma considerável quantidade de qualidades críticas, qualidades essas que geralmente impedem que as opiniões de outras pessoas sejam claramente expressas por causa da oposição mental que sofrem, pois ela age sobre o corpo mental como uma lança, esfaqueando o pensamento da pessoa, produzindo antipatia e desarmonia.

Pouco tempo após termos nos mudado, dois novos amigos nossos, Paulo e o Irlandês vieram morar conosco. O agradável e perigoso passatempo de Paulo - o de procurar almas estranhas nos asilos sem guardião, ou seja, nos esquisitos cafés da boêmia - estava forte como sempre e trazia ao nosso porão tipos imundos e fora do comum, artistas vagabundos, débeis delirantes de visões inúteis, que despejavam em nós fragmentos despedaçados de farrapos arrancados das túnicas das musas e exibidos orgulhosamente para nós. Eram pessoas sufocadas pelo nevoeiro de sonhos incolores, nos quais prontamente nos envolviam, nos deixando engasgados e com a mente divagando. Ouvíamos ansiosos estes gênios recém descobertos e ainda desconhecidos, alimentando seus ideais impossíveis e, algumas vezes, alimentando suas necessidades materiais também. É importante dizer que muitos deles também eram completamente falidos, apesar de terem tido algumas boas oportunidades de subir na vida. O

discernimento abalado destruiu seus sentidos de proporção, magnificando excessivamente seus pequenos talentos, aumentando seu egoísmo e emoções, o que os tornava incapazes de viver em conjunto com as pessoas sãs das quais zombavam e chamavam de Filisteus. Também entre eles os escoceses eram muito freqüentemente considerados frouxos.

Assim, nos reuníamos aqui neste pequeno porão, tarde após tarde, gastando nosso tempo em discussões fúteis e escutando o Irlandês rosnar para as mulheres, as quais ele julgava serem a maldição da criação, reclamando sobre os vícios modernos da vida e de outras coisas que não consigo lembrar agora, sendo suficiente lembrar apenas que ele só reclamava. Mesmo assim, ele possuía atributos de generosidade e amizade e todas as suas reclamações pelo menos eram sinceras, e ele mesmo, sem dúvidas, também o era. Apesar de seu criticismo, era um estudante sincero das coisas espirituais, e talvez muito de sua irritabilidade fosse causada por ser muito sensível. Costumava sentar-se com as pernas esticadas sobre outra cadeira e dando baforadas em seu cachimbo preto nos contava de suas aventuras em vários países em que estivera; ou ainda lia passagens de um pequeno livro que carregava em seu bolso por vários anos chamado “Bhagavad Gitá” tentando definir suas inúmeras idéias místicas ou, às vezes, recitava poemas de Walt Whitman a quem admirava por sua força, louvando suas torrentes de palavras. Algumas vezes levantava-se de maneira abrupta e nos deixava, como se estivesse chateado conosco, pois não ficávamos tão animados com as passagens que ele tanto admirava. Outras vezes quem também falava era Paulo fazendo eco das crenças do Irlandês e repetindo eventualmente, de forma irritante, o salmo “Tudo é ilusão, tudo é ilusão” mudando às vezes para “Tudo é Maya, tudo é Maya”, o que significa a mesma coisa. Não obstante adquiriu um interesse em tudo e em todos possivelmente mais agudo do que o nosso. Enquanto isso Davi se atinha a uma paz oriental escutando as explosões de raiva do Irlandês contra as mulheres com evidente prazer, embora desde então ele fosse o primeiro do grupo a se casar; pálido e cada vez mais sensitivo (apesar de todos nós sermos sensitivos), ele ficava sentado ouvindo em silêncio. Eu, de temperamento agitado, similar ao de Paulo, quando ia argumentar era instantânea e implacavelmente impedido pelo grupo, que ainda me considerava um dos últimos bárbaros da raça “normal” do planeta por não ser tão inconveniente como eles queriam e me faltassem algumas das virtudes espirituais que somente os eleitos possuem.

Encontramos na casa um lampião antigo sobre um grande e mal pintado guarda-louças (mais tarde foi quebrado por Paulo para virar lenha, quando ele foi nomeado vigia pelo senhorio). Quando aceso, o lampião iluminava com fracos raios de luz nossas precárias reuniões, ocasiões nas quais freqüentemente algumas pessoas puxavam o sofá para junto do forno e tentavam se aquecer, pois o cômodo era grande demais para ser aquecido pela pequena pilha de carvão que dispúnhamos, a única que podíamos comprar. Só quando Estela e Rita nos visitavam é que ficávamos sozinhos; caso contrário, fora o Irlandês e Paul, vários conhecidos vinham participar dessas reuniões. Estela sempre trazia frutas e Rita algumas flores para dissolver aquela atmosfera depressiva com um pouquinho de cor. Estela não nos visitava tanto quanto Rita, e eu pude perceber que ela estava bastante insatisfeita com nosso modo de vida. Nosso futuro parecia tão nebuloso, estávamos construindo as fundações de nossas vidas com as obscuras matérias-primas de idéias e crenças extremamente vagas. Nossos pensamentos sobre futuro estavam sob a égide de nosso recém descoberto Mestre “S” e não eram muito bem considerados. Eu, da minha parte, nada escrevia, apesar de ela sempre me perguntar se havia escrito algo, encorajando-me e esperando para ver se levaria o trabalho literário mais a sério.

Porém, eu e Davi estávamos vivendo despreocupadamente. Nunca pensávamos no que poderia nos acontecer após vendermos nosso estoque de livros, que terminava rapidamente, pois nunca pensávamos no amanhã atendendo os ensinamentos de “S”, que constantemente afirmava que se tivéssemos fé em Deus, ele usaria de seus meios para prover nossa subsistência, e que deveríamos viver cada dia sem nos preocuparmos com o amanhã. Entretanto, apesar de ser possível que Deus pudesse prover nossa subsistência, não deveríamos aceitar este fato como motivo de inação como estava acontecendo, mas infelizmente, esses ensinamentos se encaixavam à nossa visão de como a vida deveria ser. Achávamos que tínhamos conseguido abrigo espiritual e segurança. Lendo os livros de “S”, como todo estudante viciado e fanático por menor que

fôssemos, encontramos augúrios e significados em cada acontecimento do mundo e estudávamos cada página várias vezes, encontrando escondidos novos significados além dos percebidos nas primeiras leituras. E era realmente impressionante como conseguíamos encaixar o detalhe mais trivial de modo que se harmonizasse com o esquema geral de sua filosofia. E aqui devo ainda acrescentar que, no aspecto geral eram bem escritos e de certo modo conseguiram rapidamente nos fazer esquecer nossas antigas idéias, não permitindo que fôssemos de forma alguma perturbados em nosso novo esquema de vida.

Mas não entramos logo em sua escola; esperamos algumas semanas quando, certa manhã acordei e, num impulso momentâneo, lhe escrevi uma carta pedindo para me tornar um de seus pupilos. Anteriormente havíamos investigado mais profundamente os ensinamentos de outras escolas, o que já mencionei em algum lugar; mas uma era muito fria e intelectual, outra muito limitada, e uma outra liberal demais. Acabamos por concluir que o verdadeiro conhecimento estava em nosso novo professor. Na mesma manhã em que escrevi pedindo para ser admitido, Davi fez o mesmo, e ambos concordamos em escrever uma carta a “M” (que ainda não havia se revelado como nosso verdadeiro mestre) e declarar que havíamos encontrado nosso destino espiritual. E resolvemos também quebrar por definitivo nossos vínculos com a Sociedade Teosófica.

Verdadeiramente entusiasmados, nos esforçamos para arrastar alguns amigos conosco, Paulo, Estela, Rita e o Irlandês e alguns novos conhecidos. Até perguntamos a “M” se gostaria de assistir uma das palestras de “S”, e em resposta ele veio até nossa casa e disse que assistiria a uma palestra. Tempos depois, perguntamos a ele porque agiu de tal forma, percebendo o quanto “M” sabia mais que “S” em assuntos espirituais. Disse-nos que deveria ter as atitudes de uma criança para com todos os ensinamentos que clamavam ser espirituais para assim poder aprender com as forças mais inesperadas; disse também que “S” havia tido algum contato espiritual, assim, ensinando muitas verdades, mas, por outro lado, cedendo a seus vícios libertinos com todas as mulheres que conhecia havia despertado poderes malignos agindo em oposição aos seus próprios ensinamentos. A respeito disso, já sabíamos sobre algumas coisas, mas como as mulheres ficavam caladas, achávamos que tinham descoberto o que ele realmente era, e para nossa surpresa, evitavam-no. Somente acordamos para a verdade quando ele praticamente hipnotizou a esposa de um dos nossos amigos e a estória do seu poder hipnótico se tornou pública.

Outra coisa que costumava fazer era aceitar o dinheiro que podíamos lhe dar, apesar de saber sobre nossa situação miserável. É verdade que não passava de alguns centavos, mas significava grande quantia para nós. Ainda assim ele aceitava tudo e como éramos material flexível, nos hipnotizou para acreditar em tudo o que fazia, sem uma palavra de questionamento. O que importava nossos textos, estudos e filosofias abstratas quando não tínhamos o dom da visão espiritual para discernir entre o verdadeiro e o falso? Contivemos nossas emoções e, como se nos faltasse equilíbrio mental, ficamos cegos e pasmos.

Enquanto isso, em segundo plano estava nosso verdadeiro professor; aquele que nunca nos forçou a dar-lhe qualquer valor em troca de sabedoria ou para entrar em uma sociedade; que não nos passava sermões ou nos coagia, não dizia que seus ensinamentos eram a única verdade e que o resto era tudo mentira. Ao invés disso, ele esperou calmamente que aprendêssemos nossa lição, repetindo constantemente uma frase, que não tínhamos juízo suficiente para obedecer, “Sobre todas as coisas, o que a alma quer é liberdade, amor e poder de criação”. Os ensinamentos de “S” não nos davam essas coisas. Necessitávamos perceber o quanto antes quanto essa frase poderia nos ter poupado tanta dor psicológica mais tarde. Porém éramos jovens e impulsivos. Queríamos realizações espirituais, sem buscá-las arduamente, e “S” as prometia.

Foi nessa situação que começaram as discussões entre nós. A maioria era contra “S”, e eu e Davi éramos fanáticos por ele. Tentei fazer com que Estela se interessasse, e implorei para que entrasse para a escola, o que mais tarde ela fez, mas saiu quase que imediatamente. Algumas semanas depois, ela já estava cansada de mim e deixou isso claro em uma carta. Agora, ao me lembrar de todo o tempo que desperdicei naquela época concordo com tudo o que ela fez.

Estávamos nos degenerando rapidamente, nos enredando em uma teia de sensibilidade descontrolada, jogando fora todo o pouco refinamento que fazia parte da civilização naquela atmosfera de boemia. Rapidamente, todos os nossos livros foram vendidos e Davi começou a vender sua coleção pessoal; enquanto isso, as pessoas que nos visitavam eram de muito pouca cultura e inteligência, tomando os lugares daquelas mais educadas, que tinham se desgostado de nossa sociedade e de “S”, o que nos permitiu, posteriormente, um campo mental limpo para semearmos e colhermos. Por todos esses motivos incluindo o fato de que não se permitiria ficar vagando num navio à deriva, Estela sabiamente rejeitou minha companhia.

Quando isto aconteceu, ao tomar conhecimento de uma carta inesperada de Estela senti que meus tormentos haviam começado quando decidi fazer parte da escola de “S”. Compreendi que sacrifícios precisavam ser feitos e ainda que a melancolia persistisse a me assombrar, pranteando e chamando-me para aderir às hostes de amantes desprezados que, em alegre desgraça, se queixavam de suas perdas ante seu santuário. A dor em mim estava um pouco ensurdecida por causa de minha crença de que dera o primeiro passo na Senda.

Olhando para trás, posso perceber que minha vaidade foi muito mais ferida do que meu coração e isso costuma acontecer muito com as pessoas. E, afinal de contas, porque deveríamos perguntar àquela que amamos “Você me pertence?” É apenas um desejo da carne, o desejo de ganhar poder sobre o corpo e a alma de uma pessoa. E ninguém tem esse direito, só Deus. Acredito que Amor é quando um casal se harmoniza em todos os planos, o físico, o mental, o emocional e o espiritual, e este deve ser o motivo de tão poucos casamentos darem certo, pois poucas pessoas conseguem amar de modo abnegado. E de um conhecimento posterior, posso afirmar que eu amava a melodia do amor, e não o músico que a cantava.

Agora, nosso porão parecia bem mais sombrio e melancólico. O pingar compassado da torneira soava como se chorasse em consonância com os acontecimentos, enquanto os transeuntes caminhavam com passos despreocupados. As sombras furtivas na parede sacudiam pesarosamente suas cabeças, como se por tristeza, e os móveis surrados pareciam mais surrados ainda rangendo tristemente e testemunhando o quanto tudo era severo, pesado e bagunçado. Na rua as casas eram mal construídas, o azul do céu parecia azul demais e as sombras não eram escuras o suficiente parodiando a noite que não chegava a ser negra como deveria. De manhã, pássaros cantavam bem longe, como uma lembrança triste e distante acordando-me para mais um dia maçante e pesado; onde antes eu falava alto, agora apenas sussurrava e passei inclusive a andar nas pontas dos pés.

“A única coisa que você tem de fazer”, disse Davi sabiamente, “é se embriagar e esquecer-la. Hoje vamos comprar uns biscoitos, bolo e uma garrafa de vinho. Eu tenho alguns centavos e Rita também vai contribuir. Venha fazer compras conosco”. Então, como uma figura arcada e preocupada fui atrás deles negando receber ajuda e engolindo seco. Tendo feito todas as compras voltamos para o calabouço, que havia ficado mais escuro desde que saímos, e arrumamos a mesa para a desabitual comemoração.

Davi encheu um copo de vinho e me ofereceu.

“Mas para que me embriagar?” pensei. “Ela se foi”. Olhei tristemente para Davi, que tomava o vinho alegremente.

“O vinho é bom?”, perguntei timidamente, por gostar de vinho.

“Sim, é um vinho excelente”, disseram, beijando-se nos lábios e me oferecendo mais vinho, que eu educadamente recusei. Eu gostava de meu sofrimento mais do que qualquer vinho no mundo.

“Vamos dar uma volta”, sugeriram “Está uma noite linda”, disseram sem se lembrar da minha dor.

Respondi quase chorando, “Não quero dar uma volta e não está uma noite bonita”.

“Coma algumas frutas”, Davi sugeriu e me ofereceu uma maçã, a qual achei totalmente sem gosto.

“Não posso comê-la”; suspirei e olhei tristemente para a mordida na maçã.

Então Davi sugeriu que deveríamos ir ao campo e passar o fim de semana lá, pois o feriado Whitsun⁽¹⁾ havia começado. Humilde e tristemente, concordei, e então combinamos de sair

de Londres e passar a noite ao relento em duas barracas pequenas, as quais infelizmente tínhamos comprado para usar no ano anterior, nas festas de fim de ano, quando nos empenhamos para viver de modo simples em algum lugar de Devonshire. Acordando cedo naquela manhã; Davi e eu partimos, e finalmente chegamos no local, que ficava a umas vinte milhas de Londres, e armamos nossas barracas. Ainda atordoado com a rejeição de Estela, fui caminhando, como se estivesse em estado de hipnose.

O primeiro dia se transformou em uma noite alegre e meditativa à luz do luar, o tipo de noite que faz o músico de ocasião compor temas tristes e calmos para as almas dos apaixonados; disposições evasivas e suaves vagueavam em ondas silenciosas nos corações fluorescentes de ouvintes letárgicos e com os corações acelerados.

Estávamos acampando em um camping público ao lado de um pequeno lago cheio de pequenas ondas e todo prateado. Enquanto o murmúrio das vozes dos amantes ondulava sonolentamente e se aproximava de forma acariciante de meus ouvidos, como se fossem o último eco do canto de um cisne, o ritmo existente no ar foi se extinguindo. Havia muita alegria serena nas notas e eu queria escutar seu tom triste e solitário, pois tinha a certeza de que o compositor daquela noite tocava sumas de músicas deliciosas com um desejo brutal e malicioso para me ferir.

Davi há muito havia entrado em sua barraca, e eu fiquei olhando para a lua sem nuvens, gorda, sorrindo em auto-satisfação, inquirindo-me por que algumas nuvens cinzentas de chuva não entravam em sua frente, apagando-a dos céus; escutei também os remoinhos dos sons lânguidos e sonolentos da miséria, até que quando estava quase me afogando na depressão, entrei em minha barraca e procurei por Estela em meus sonhos.

Depois de três dias miseráveis, voltamos para casa e ao abrímos a porta nos deparamos com o cachorro que Paulo havia emprestado de algum lugar para tomar conta da casa enquanto estávamos fora. Ele estava tão ansioso para voltar para seu lar que nem se preocupou em nos receber, pois praticamente voou porta afora o mais rapidamente possível. Eu não o culpo, pois provavelmente era um cachorro bem treinado. Ao entrarmos em casa encontramos o chão sujo e cheio de lixo e, enquanto ponderávamos sobre a estranha bagunça no chão, Paulo nos recebeu borbulhando com a notícia importante de que havia conhecido um novo grupo de pessoas estranhas. Isso naturalmente esclarecia o mistério da sujeira do chão. Mais tarde acabamos descobrindo que estes novos amigos eram piores que todos os anteriores.

Depois disso, me determinei a abandonar o porão, sua atmosfera sombria e depressiva, as brigas, a quase-inanição e a umidade. Uma semana depois abandonei o sofá quebrado, às duas cadeiras velhas que viraram grosseiras estantes para os antigos donos, e fui embora.

Mas ainda assim minha história com o porão não havia terminado. Davi e Paulo ainda moravam lá, apesar de Davi estar se preparando para sair e se casar com Rita. A Paulo foi permitido que ficasse e se tornou o vigia do prédio inteiro por gentileza de nosso amigo, o senhorio do andar de cima, Essa ocupação foi perfeita para ele, pois lhe deu a oportunidade de ajudar e abrigar temporariamente todo o tipo de vagabundo que encontrava em suas investigações noturnas pela boemia. Paulo se satisfazia ajudando os oprimidos; mas infelizmente não fazia questão de tentar descobrir se eles eram dignos desta ajuda ou não. Quantas pessoas dormiram no porão durante seu reinado nós não sabemos, mas conhecemos um número grande deles, pois havia lugar para quase vinte pessoas, sem atrapalhar aqueles que pagavam pelo dormida. Infelizmente, o reinado de Paulo logo chegou ao fim ao se tornar amigo de dois vagabundos, um dos quais havia atacado o patrão de Paulo, que teve a temeridade de insistir que Paulo fizesse algumas tarefas. Tudo aconteceu mais pela indignação das companhias de Paulo, que consideravam seu benfeitor acima do trabalho servil que realizava, declarando em linguagem mal-educada esta atitude. O resultado foi que Paulo, assim como seus companheiros foi imediatamente enxotado do prédio.

Na mesma época, "S", que estava procurando um lugar onde pudesse fazer suas reuniões e realizar suas palestras aos discípulos e àqueles a quem enganava, alugou, através de

(1)- Whitsun - É o nome dado, na Inglaterra, ao Feriado de Pentecostes, no sétimo domingo após a Páscoa. (N.Trad.)

nossa recomendação, um lugar na parte de cima do porão. Como nos sentimos orgulhosos! Um verdadeiro Mestre estava trabalhando no mesmo prédio em que habitávamos, e mais ainda, notícias mais maravilhosas: dois outros discípulos seus haviam se tornado Mestres, sob sua tutela. Contemplávamos esses dois homens com um certo temor, e nos aproximávamos deles com a devida reverência e humildade, encantados por termos sido notados por eles; encantados por respirarmos o mesmo ar que saía de seus pulmões reais; encantados por sentarmos ao lado deles e ouvirmos sua soberana sabedoria. Mais tarde um truque cruel foi aplicado em um desses assim chamados Mestres, nos dando uma idéia sobre o caráter de "S" e ainda sobre o perigo de levar a fé a extremos absurdos. Este Mestre estava levando, por esforço de seu trabalho árduo, uma vida razoavelmente exemplar. Era idoso e tinha cabelos grisalhos, apresentando-se sempre de forma encantadora e gentil. Gostávamos dele como uma personalidade diferenciada. "S" mandou que deixasse sua casa - que havia conseguido com muito esforço - e ficasse numa outra em que até homens treinados considerariam difícil de viver. A razão de "S" ter mandado que tomasse esta atitude não chegou ao nosso conhecimento, e quando soubemos das notícias, ficamos muito surpresos e um pouco chocados com sua ordem. Provavelmente satisfazia a vaidade de "S" saber que aquele homem lhe devotava muita fé.

Não obstante continuávamos apaixonados e cheios de esperança em seus ensinamentos. Se ele possuía certo poder sobre as pessoas, ou se isso era mera imaginação, ainda hoje isso nos deixa perplexos, pois cada vez que assistíamos a uma de suas palestras, nossos olhos ficavam cansados e ficávamos entorpecidos, como se uma verdadeira força emanasse dele e nos hipnotizasse. Mais tarde esta descoberta resultou na decisão de nos desligar de seu poder sobre nós.

Certo amigo nosso, a quem persuadimos a se juntar a nós, trouxe consigo a esposa. Alguns dias depois, ela foi encontrada caminhando em estado depressivo. Seu marido, ao procurar um médico soube após os exames que ela se encontrava em estado de hipnose. Após isso se espalhou a notícia de que "S" havia ficado interessado nesta mulher e evidentemente tentou hipnotizá-la, pois isso era o que declarava. Nosso amigo, que não apareceu por algumas semanas nos fez uma visita e contou o motivo de sua ausência, ou seja, o alarmante incidente com sua esposa, e sugeriu que "S" era uma fraude e uma influência maligna. E só estou mencionando a primeira descoberta que fizemos. Depois disso, muitos outros acontecimentos foram ditos sobre ele por aqueles que foram infelizes o bastante para ficar sob seu poder.

Na noite seguinte a este desenredo, "S" veio dar sua palestra semanal, e naquela noite eu estava determinado a lutar contra a influência sonolenta que me causava e ver como ele reagiria. Também contei ao seu discípulo chefe essa novidade, mas ele respondeu que não acreditava nisso. Retruquei que tinha motivos sinceros, mesmo que estivesse errado, para desacreditar da integridade de "S" e que não aceitava que alguém que buscasse sinceramente a verdade poderia ter algo a temer, portando-se como eu pretendia. Mesmo assim, "S" havia desenvolvido tal poder sobre mim que temia as conseqüências de uma revolta de minha parte contra ele; já tinham nos dito que somente os eleitos seriam salvos, e todo o resto da raça humana pereceria na tormenta, afirmação baseada numa velha concepção que acredito que muitas religiões do passado tiveram. Mas estes ensinamentos eram novos para nós no que dizia respeito aos nossos estudos sobre a Teosofia Antiga. E eu costumava me preocupar com o fato de as apostilas de "S" serem feitas somente em inglês. Hoje, passados alguns anos, me pergunto: - O que será das raças que não falam inglês? Será que perecerão por não saber a linguagem inglesa?

Foi com grande temor que decidi confrontá-lo, e quando ele começou a falar olhei firme e continuamente para ele. Vendo-o tão sutilmente, senti que havia percebido nossa raiva e pensei: - se ele não for o hipócrita que acredito que seja explicará calmamente nossas questões, principalmente onde a explanação se tornava necessária. Porém pude ver que ele estava inquieto e sua palestra rapidamente se tornou ridícula. Não conseguia nos encarar, gaguejava e repetia as palavras. Logo parou a palestra e pediu licença para se retirar, liberando os discípulos, e essa foi a conclusão de sua função de mestre. Deixou Londres imediatamente sem nenhuma explicação e, posteriormente, lhe mandei uma carta sugerindo que permanecesse ausente permanentemente.

Isso ele admitiu, e como prova futura de que havíamos descoberto suas trapaças, concordou em ficar longe da cidade.

Como sonâmbulos que são acordados repentinamente e consideravelmente humilhados olhamos timidamente uns para os outros imaginando o que nossos amigos diriam. Piadas e zombarias certamente seriam lançadas contra nós. Nós, que havíamos desejado ganhar conhecimento espiritual de forma rápida e fácil, fomos açotados em nossas feridas; havíamos adquirido um pouco do caráter de nosso professor e degenerado; chegamos a nos tornar dogmáticos e passamos a negar os aspectos importantes da vida material; consideramo-nos eleitos, pois este era o termo que “S” usava, e havíamos imaginado que a textura de nossas almas era mais sutil, e o barro do qual éramos feitos, mais sagrado que o barro do qual os mortais comuns são feitos – porém, quando olhamos mais atentamente no espelho de nossas mentes, ficamos chocados ao perceber o quão rapidamente havíamos decaído; esta reflexão certamente não nos encantou. Mesmo assim sentíamos ter adquirido uma experiência inestimável, e que ao menos havíamos escapado antes que fosse tarde demais. Muitos ainda permaneceram na sociedade de S” mesmo conhecendo seu caráter, mantendo-se fieis às suas instruções e faziam questão de obedecê-lo em todas as coisas. Entretanto, tínhamos em “M”, que se manteve em silêncio, um amigo que esperava silenciosamente, ouvindo pacientemente nossos pequenos dogmatismos, observando nossa imaturidade e ar superior de sabedoria que fazíamos questão de demonstrar.

Então, uma semana depois escrevi para “M” contando tudo o que tinha sucedido, pois senti que depois que as cortinas caíram sobre nossa pequena tragédia espiritual, eu havia perdido tudo; o amor, a fé, a esperança. Minha peregrinação mental havia me levado para um precipício no qual eu quase caí. A estrela que segui não havia se transformado em um grande lume, mas minguado, transformando-se num cisco de luz quase imperceptível e foi só através dos cuidados de “M” que acreditei poder acordar uma nova coragem e entusiasmo dentro de mim. Em resposta à minha carta, “M” pediu que o visitasse e, quando o fiz, pedi a ele, assim como muitos pupilos haviam pedido a seus mestres através das eras, por conhecimento e compreensão sobre as coisas espirituais.

Naquela noite ele me deu a primeira lição da Ciência Divina, e a partir daquele período, me ajudou a entender um fragmento de seu vasto conhecimento. Por ser tão imenso, fala pouco sobre si mesmo, principalmente porque pertence a uma Irmandade cujo conhecimento é imenso e cujo Conselho está verdadeiramente governando nossa esfera.



A LEGIÃO DE SONHOS

Com estandartes flamejantes, os anfitriões cantores vão marchando adiante das cidades sombrias, das florestas envolvidas pela noite, das vilas e dos vales. Sem o menor ruído, caminham, pois são os sonhos nobres dos que dormem, cantando o hino do espírito. Asas de ouro os vestem, salpicadas com finos veios de cores brilhantes, enquanto acima de cada sobancelha brilha um pequeno lírio de fogo, e sobre cada haste há uma pomba. Das montanhas eternas flui uma música distante, batendo com seus tons rítmicos contra os portões lacrados do coração da humanidade. Por muitas eras pulsou e jogou seus poderosos sentimentos contra essas portas fechadas, e agora os portões estão despedaçados, trazendo a liberdade para esses sonhos imortais.



SEGUNDA PARTE

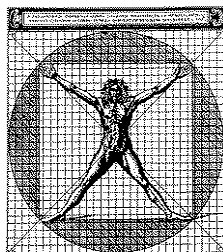
PREFÁCIO

Aqui, na Segunda parte deste trabalho, relatarei as várias experiências pelas quais passei sob a tutela de meu professor, muitas das quais sei que irão soar impossíveis e fantásticas, apesar de muito ter sido omitido, pois existem vários segredos que não devem ser escritos, e se o fossem soariam ainda muito mais fantásticos do que os acontecimentos estranhos que eu tentarei descrever.

As improbabilidades fantásticas de hoje se tornarão as coisas óbvias e comuns amanhã⁽¹⁾. No momento, muitos pesquisadores estão tentando desvendar alguns dos segredos estranhos e alguns poderes guardados ciumentamente pela mente. O que a mente guarda? O que a mente esconde? As respostas cruas de ontem não estão sendo suficientes; as respostas e os tubos de ensaio não são delicados o suficiente ou não tão discretos para resolver estes mistérios.

Os investigadores da ciência do hipnotismo já evocaram estados estranhos de consciência que provaram a existência de poderes que contradizem as teorias mecânicas do Universo.

A Sociedade de Pesquisas Psíquicas tem há muito tempo provas de uma natureza paranormal. E sabendo que todos estão buscando certa iluminação no que diz respeito aos mistérios da mente, "M" sugeriu que desejava contribuir com outro aspecto em relação à mente; um aspecto oculto que, até onde se sabe, não chegou ainda ao conhecimento do mundo. Sugeriu que eu relatasse as experiências mentais pelas quais me guiou, em minha busca por conhecimentos ocultos. É com este objetivo em vista que descreverei adiante algumas dessas aventuras de quando viajávamos pelos reinos da mente.



⁽¹⁾ - Com o advento da física quântica em nossos dias, podemos compreender melhor o que o Autor do livro pretendia dizer sobre o assunto. (N.Trad.)

Quando a Terra Despertar

Por ter o Planeta Terra viajado através das longas e escuras estradas do Tempo e em sua peregrinação ter sido pilhada pelos ladrões da Estrada da Ganância que dela roubaram sua beleza e suas rotas vestes, estes não devem pensar que Ela esqueceu, ou que Deus, seus guardiões e os outros deuses estão dormindo.

Os olhos da Terra observaram e sua alma esperou. Preenchida com um poder interior terrível em sua intensidade, ela algumas vezes alimentou sua ira pela devassidão dos homens, destruindo-os totalmente em alguns momentos.

Na época atual, quando o amor e a esperança se tornaram cinzas, quando o espectro da Inteligência sentou-se no trono da sabedoria, a fé em Deus e na alma da Terra são olhados apenas como ilusões de ignorantes. As finas espirais da música esvoaçante da flauta de Pan⁽¹⁾ só foram ouvidas pelos poetas apaixonados e donzelas saudosas. E por ter o homem perdido esta herdada intuição e o dom da imaginação, vive de acordo com as leis de suas paixões e desejos, escondendo sob a mortalha da negação os poderes mais sensitivos e belos que já reinaram supremos em seu interior. Agora, ele escuta as orações de suas paixões baratas, que se empenham em fazê-lo destruir o que odeia e a beleza que o ofende.

Mas os becos sombrios percorridos pela Terra por tanto tempo têm um fim, e além deles, os deuses impacientes esperam, cada um com um presente para a peregrina cansada. Suas honras a trarão novamente ao êxtase prístino. Alguém cantará para o coro dos elementos uma nova sinfonia; alguém com um jarro de ouro a banhará com nova doçura⁽²⁾; outro despertará de seu âmago os adormecidos poderes da magia e da sabedoria; e outro ainda a guiará para seus templos antigos, onde o homem pode vir a se tornar seu sacerdote e servo.



(1) PAN -O grande Deus da Natureza do qual deriva a palavra Panteísmo. Pan é o Deus dos pastores, caçadores, agricultores e habitantes do campo. Segundo Homero seria filho de Hermes e Driope. Foi o inventor da chamada flauta do Deus Pan e nenhuma ninfa que ouvisse o som deste instrumento podia resistir a fascinação do grande Pan, apesar de sua grotesca figura. Pan guarda certa semelhança com o macho cabro de Mendes, só que este último representa um talismã de grande potência oculta, a força criadora da Natureza e assim como o Baphomet era inegavelmente um talismã cabalístico, o nome de Pan era de grande virtude mágica no que Elifas Levi chamava "Conjuração dos Elementais". (N.Trad.)

(2) Aqui o Autor se refere à figura de Ganimedes, símbolo da Era de Aquário, onde estão previstas grandes mudanças na estrutura do pensamento da humanidade. No Evangelho de Lucas, cap.22 vers.10, escrito provavelmente há mais de 1.700 anos, Ganimedes é citado como o homem com o cântaro de água que anunciaria o lugar (a época) onde seria feita a Páscoa do Mestre Jesus com seus discípulos, ou seja, a Era de Aquário. (N.Trad.)

CAPÍTULO I

VISÕES E MAGIA

Antes de relatar minhas experiências ocultas, acredito que um capítulo lidando com as várias visões que tive serão de interesse em relação às coisas vistas após este período, com o auxílio de “M”.

Se as visões da imaginação são tão substanciais em seus próprios planos de manifestação quanto às coisas vistas neste mundo pelo olho físico deixo ao julgamento do leitor. Mais tarde tentarei explicar, à luz do novo conhecimento ensinado por “M”, o motivo pelo qual acredito serem elas tão reais quanto os elementos de nosso próprio planeta

Quando as vi possuía grande realidade e uma beleza muito maior do que qualquer coisa que este Planeta já possuiu e que faz parte do conhecimento da atual humanidade. Estes esplendores não foram vistos durante o sono, porém algumas vezes eram vistos com o auxílio de intensa concentração, embora em outras ocasiões acontecessem muito inesperadamente e com o objetivo deliberado de saber qual beleza se escondia além do estreito campo de visão do olho físico. Estas maravilhas aconteciam dentro de minha mente com formas distintas e espontaneamente e possuía uma atmosfera que me enlevou e preencheu com um êxtase quase intolerável. Conheço outros estudantes que já viram estes lugares secretos e sagrados e que relataram em seu próprio trabalho as formas destas deslumbrantes e cintilantes pedras preciosas trazidas pelos deuses ⁽¹⁾.

Aqueles que vêem tais maravilhas ficam admirados com seu poder de imaginação e lamentam que as pessoas não tentem despertar o dom da clarividência que habita dentro de todos nós. Da mesma forma como a pessoa que nasce cega não pode conceber a existência das cores, a maioria das pessoas é mentalmente cega e questionam a sanidade daqueles poucos que desenvolveram o dom da visão interna julgando-os como desequilibrados mentais.

Naturalmente, com a ajuda da clarividência, amigos deram-me descrições detalhadas de lugares que nunca visitaram e que somente eu conhecia. Possivelmente tratava-se de um caso de telepatia, uma forma de transmissão mental de imagens que acredito estar mais ou menos provada. Então, não é possível que os lugares que descreverei possuam uma existência real? A diferença consiste no fato de serem feitos de uma substância mais sutil e pertencerem a uma diferente ordem de vibração. Aqui não me refiro ao plano mental, pois desconheço o plano em que estes seres e templos habitam, embora seja muito provável que a maioria destes lugares esteja nos reinos mentais, porquanto possuem a pureza e a magnificência que somente um plano elevado pode manifestar.

Nessas visões ressalto o fato de que “M” não estava ao meu lado, pois muitas delas aconteceram antes mesmo de eu o conhecer. Além disso, ver esses lugares e ir até eles são duas coisas diferentes. “M” me levou a certos lugares mencionados no capítulo que trata da mente. O que vi, vi sozinho, algumas vezes quando estava andando pelas ruas de Londres, algumas vezes sentado em pontos de ônibus, algumas vezes caminhando no campo. E há um dia inesquecível, quando vi por muitas horas um lugar chamado *The Joyous Land*², mas isso foi há muitos anos atrás, e aquele panorama cintilante está enfraquecido pelas brumas dos anos, embora o brilho daquele dia ainda permaneça vivo, mesmo se tornando cada dia mais fraco.

(1) “Candle of Vision” publicado por Macmillan & Co. Inglaterra. (N.Trad.)

(2) Mundo da Felicidade ou Mundo da Alegria. (N.Trad.)

A visão mais bonita que tive foi a de um templo de fogo. Era um lugar que parecia dotado de vida, feito de uma substância impalpável que pulsava e estremecia como as cordas de uma harpa, e sua força dava a impressão que algum ser vivia dentro das colunas majestosas que tremulavam como chamas. As janelas tinham bordas com uma massa de flores brilhantes, flores ígneas, cujas cores e pétalas de ouro caíam, em cachos rodeados de chamas girantes. E as sensações de meu espírito banharam-se no êxtase que jorrava de cada parte de sua glória, enquanto a música e o perfume pareciam misturados numa coisa só; tive a sensação de haver derretido e me juntado a esta forma de vida suave e aconchegante. Uma serenidade nunca sentida até então me envolveu e me manteve suspenso em graça paradisíaca.

Somente mentes régias e divinas poderiam ter moldado esse esplendor, pois parecia um hino de adoração ardente e imortal criado como um relicário para Deus. Era a cristalização de um fogo flamejante, amoldado como o desenho de uma imagem cuja riqueza impregnava o sonhador coroando-o, temporariamente, com uma realeza de magnificência insuperável. Poderia a imaginação do ser humano inventar tal estrutura, tão profundamente detalhada e de tão grande riqueza como vi? Não era uma imagem pintada sobre tela; era em três dimensões e somente pelo fato minha concentração ter sido muito intensa é que pude guardar em minha memória tantos de seus detalhes, perdendo entretanto outros pelo desconhecimento das palavras adequadas para descrever seus detalhes. Caso contrário eu poderia ter escrito um livro inteiro exclusivamente sobre os inumeráveis desenhos que completavam este templo.

E esta visão se elevava como um gigantesco sol, brilhando no mundo sombrio de minha mente. Não era como a brisa do ânimo que ondula suavemente as águas do pensamento e vai embora. Pois me trouxe mais elevada compreensão, alegria e uma suavidade colorida que me arremessou ao mais alto ápice da inspiração, pois parecia derreter sua beleza dourada em meu ser e, por alguns momentos, me purificar.

Nesta mesma noite em que vi este esplendor, fui a muitos outros templos, porém minha lembrança mais clara é a de um saguão que chamei de “O Saguão dos Pavões”. Lá, o artista havia usado como tema um estudo de três pavões, cujas caudas estavam arqueadas como uma cúpula e o final das plumagens encontravam-se no centro dessa cúpula formando um teto de olhos dourados que brilhavam e iluminavam o saguão inteiro. As aves estavam sobre três pilares que foram esculpidos para assemelharem-se a dissonantes troncos de árvores; no bico de cada ave estava suspenso um lampião. Esse saguão era claramente iluminado, e quando perguntei a “M” sobre ele, disse-me apenas que o significado simbólico dos pavões para os Indianos é a sabedoria⁽¹⁾.

Em outra ocasião, enquanto estava sentado na casa de um amigo, veio até mim, tão rapidamente quanto à luz, a imagem de um templo, em formato de cúpula, e com duas grandes asas abertas. Foi um incidente interessante, pois quase dois anos mais tarde, em meus vãos mentais com “M”, fui a um lugar que era igualmente alado.

Outro exemplo da rapidez da visão espiritual ocorreu numa tarde, após uma caminhada. Frequentemente me perguntava sobre a destruição do espaço pelo pensamento, pois por muitas vezes me foi mostrado, com o auxílio da clarividência, que o pensamento pode percorrer distâncias imensas muito mais rapidamente que um raio de luz.

E com esta idéia em mente, pensei que seria uma experiência interessante concentrar-me num planeta distante. Naturalmente encarei tal tentativa como algo puramente fantástico, porém, como sabia que o tempo e o espaço são concepções mentais fiz o experimento. Concentrei-me no planeta Mercúrio, e assim que fiz isso, rapidamente tive a visão de uma construção estranha, nítida e de contorno similar a um templo pagão Chinês, porém as linhas eram de prata e pareciam cruzar-se umas com as outras, como espadas fixadas de maneira inclinada. Essa imagem da construção não foi a primeira, certamente. Se o planeta visto era Mercúrio, isso não pode ser provado, embora seja interessante notar que a arquitetura era, até

(1) É interessante ressaltar que no mundo mental os símbolos representam uma linguagem muito mais rica que as palavras e os seres da evolução dévica, ao externarem seus pensamentos o fazem desta forma. (N.Trad.)

onde vai o meu conhecimento, muito original. E se a imaginação é capaz de produzir uma imagem completa e uma nova forma de arquitetura, então acredito que se deve admitir que a imaginação supera miraculosamente até o milagre de atravessar o espaço em direção a outro mundo.

Outro exemplo interessante de Mercúrio foi quando tentei escrever sobre uma viagem imaginária àquele globo. Enquanto estava escrevendo minha mente foi ficando quase ofuscada com uma luminosidade prateada que fluiu diante de meu olho interior. Parecia que eu estava observando os elementos Terra, Ar e Água se misturando e dando forma às suas essências, como se eu estivesse observando a criação de um mundo por uma multidão de elementos vivos. É extremamente difícil descrever um processo que precisaria de palavras ainda inexistentes e, muito provavelmente, novas concepções, para ser entendido.

Vivenciei essas experiências e aqui as relato como as vi, porém não sei se podem ser explicadas pelo processo normal de pensamento. É suficiente para mim que tenha tido provas positivas sobre a existência da telepatia e outros aspectos da mente ainda desconhecidos. Acredito que os psiquiatras devem considerar esses fenômenos mentais muito difíceis de serem explicados como também acredito que a telepatia, durante os sonhos, seja outra característica da psicologia que tem sido muito negada, embora possa explicar o significado de alguns sonhos sem o auxílio da psicanálise. Ainda me aventuraria a sugerir que a ciência moderna tocou apenas as águas rasas do imenso oceano da mente e que os iogues e outros estudantes de ocultismo poderiam relatar, se assim desejassem, experiências semelhantes e, possivelmente, dar algumas demonstrações de alguns fatos que deixariam os psicólogos modernos maravilhados e, ao mesmo tempo, humilhados.

Minha experiência mais interessante sobre sonhos telepáticos foi quando sonhei que alguns amigos meus estavam muito preocupados em razão de uma carta que receberam. Acordei um pouco ansioso e então, após pensar um pouco, descartei a hipótese como sendo somente um sonho. Uma ou duas semanas mais tarde, visitei-os, e me contaram sobre uma carta que receberam que os deixou com um nível altíssimo de ansiedade. O resto da história é um pouco extraordinário demais para ser acreditado, e eu não relatarei. Mas sei que isso me deu uma percepção sobre o fato da atuação das forças maléficas que habitam outros planos e de que maneira elas atacam as forças do bem, usando as pessoas mais débeis e negativas como seus instrumentos para inconscientemente ferir seus amigos.

Retornando às minhas visões, lembro de uma tarde em que vi um palácio de graciosíssimas linhas. Antes disso havia visto a figura de um ser que era totalmente masculino em suas características, mas feminino em sua forma, que parecia nadar no ar. E enquanto olhava-a, me percebi num palácio construído com um material estranhamente macio e alvo. Uma alta e esbelta cúpula em estilo gótico, porém ainda mais estreita, subia imponente enquanto as portas eram arredondadas como pétalas gêmeas e que se destacavam pela riqueza de imagens nelas incrustadas, as janelas acompanhando igualmente o mesmo estilo. Também percebi que as colunas que suportavam o palácio obedeciam a forma voluta e desdobravam pilares menores, como os ramos de uma árvore. Uma noite após esta experiência vi “M” e contei sobre este lugar, e ele disse que também o tinha visto. Então, provavelmente neste caso, foi telepatia. A propósito, acredito que seja interessante mencionar que muitas das coisas que tenho visto através de visões ou sonhos - nestes últimos os detalhes não eram muito claros - quando as contava a “M” ele geralmente me recordava de outras características menores que eu havia esquecido de mencionar.

Somente em poucas ocasiões encontrei pessoas em meditação e elas eram tão reais para mim quanto qualquer outra coisa que habita a superfície da Terra. E numa noite inesquecível, quando ia pra casa, uma força saltou para dentro de mim e me arrebatou para dentro de uma tempestade de beleza e força. Era um ser enorme e ainda consigo me lembrar de sua face, brilhante, com uma beleza entorpecente, a pele suave de mulher, mas ainda assim saturada de uma força que era puramente masculina. O perfil tinha a beleza de um Grego antigo e de um guerreiro viking. Tinha uns 5,5m de altura e seus cabelos pareciam cachos de fogo que ondulavam num vento que eu não sentia. Nunca mais o vi desde então, mas a memória de sua majestade jamais foi esquecida.

Em várias oportunidades também ouvi música, porém eram acordes que glorificavam meus sonhos, uma experiência que acredito muitas pessoas já tiveram. Porém, certa manhã acordei com os últimos acordes de uma música longínqua, um acorde que se repetia continuamente, e para mim parecia que era a música do sol enquanto rodopiava em seu caminho ígneo. Nesse momento passei a imaginar tais forças tocando seus ritmos reais no interior das almas confusas da humanidade, aumentando oitava após oitava, cada vez mais alto, porém cada vez mais suave. E esta música fluía através das inúmeras formas de vida, transmutando as paixões de todas as coisas vivas que se movem neste globo em direção a algo mais puro e altruísta, semelhante a um oceano de música que varre todos os escombros e pequenas mágoas e as transforma em esquecimento eterno, deixando o mundo novamente puro. E estes acordes me elevaram até que me vi banhado em uma rapsódia de sons.

Como podem aqueles que experimentaram essas coisas desacreditar num poder muito maior que está muito acima dos homens? Quem nos governa e nos guia dando às nossas almas livre-arbítrio, aos nossos ouvidos um fraco eco de suas melodias maravilhosas e aos nossos olhos uma visão vaga de seus domínios de imaculada beleza? Acho que algumas páginas sobre as forças aprisionadas dentro do homem e suas aspirações por coisas que podem lhe trazer a visão espiritual serão de grande interesse neste capítulo.

Existe um poder que sempre fascinou os homens até mesmo antes do desejo de descobrir a verdade, mesmo antes de o Tempo ter espalhado seus flocos de neve ou ter sido chamado de hora, e este poder é a força da magia. A magia da mitologia, dos estranhos encantamentos, dos contos Orientais e até mesmo das fantasias modernas de hoje, sempre evocou excitação e desejo por anéis mágicos nos corações jovens; o poder para comandar gênios; o manto da invisibilidade; a bota de sete léguas, na qual alguém poderia quase voar para salvar a dama capturada pelo ogro; os cavalos alados e tapetes mágicos, a beleza escondida no terror das florestas fascinantes; a aventura no palácio encantado, a profundidade de florestas assombradas por bruxas, tudo isto é desejado pelo canto romântico das almas de corações infantis.

Para essa vivência haverá sempre um jovem galante revestido de uma armadura dourada e prateada morando no coração imaculado da humanidade que, em corcel ricamente ajaezado, jornada por terras perigosas, matando o ogro e o dragão com sua espada mágica.

É interessante observar que no enredo destes contos mágicos sempre fica inserida a mensagem de uma batalha entre o bem e o mal; a fada vence a bruxa e o cavaleiro vence o bruxo. Nenhum conto onde a magia negra tenha conquistado a branca sobreviveu aos séculos, e aqui fica a prova do bem inerente que habita dentro dos homens, apesar de seus vícios e fraquezas. Também permanece a crença no Mago cósmico que vigia nossos sofrimentos e vem resgatar as vítimas que caíram no redemoinho do mal e da dor e esse acontecimento psicológico tem dado aos homens força para lutar contra problemas aparentemente insolúveis, pois quase todos até hoje continuam acreditando em magia, na magia das orações e na crença de que o Mago Supremo tem as respostas para seus clamores desesperados. E se estudarmos cuidadosamente os dons e a ajuda que vem repentinamente àqueles que estão afundando por uma última vez nas águas da derrota, ficaremos surpresos ao descobrir o quão são numerosos estes resgates. Investiguei este assunto muito atentamente e descobri que é quase uma lei, e embora seja inexplicável sob qualquer ponto de vista científico, ainda assim diria que esta é uma forma da magia que possivelmente ocorre diariamente.

Eu não definiria magia como sendo a ação de leis sobrenaturais, mas como a ação de leis naturais de outros planos afetando nosso mundo, e o resultado seria o inusitado incutido nestes acontecimentos que aparecem para as pessoas que são envolvidas nas teias coloridas destas leis como beleza e aparente milagre. Vivemos num mundo de efeitos, e desse modo poderíamos naturalmente constatar que tudo é magia, pois desconhecemos o que seria o espírito e o poder que protege, auxilia, e até algumas vezes fala conosco destes reinos invisíveis. Mas estamos absortos demais nas nebulosas loucuras de hoje que se desfazem quando encontradas, aparentemente para nos fazer observar somente as linhas brilhantes de encantamento que se espalham em nossas almas e ações. Os clamores e leis de outros mundos são aceitos por nós como coisas naturais e

passam despercebidas, embora quando um indivíduo lê um conto de fadas, deseja que os acontecimentos, resgates e encantamentos ali narrados sejam verdade.

Hoje em dia caminham entre nós magos que são conhecedores do mundo das causas e que transitam com a mesma familiaridade pelos reinos de encantamento como se caminhassem pelas ruas e campos de nosso planeta. Mesmo possuindo poderes para fazerem de si mesmos os governadores ocultos de nosso mundo se mantêm no anonimato; são homens e mulheres que geralmente levam vidas pacatas, mas que, ainda assim, unem-se em consciência a seus irmãos de outros planos ajudando-os a levar adiante o plano e propósito de seu trabalho nesta encarnação, opondo-se às forças sombrias que tentam enganá-los e impedi-los de continuar com seus trabalhos particulares nesta vida.

Mesmo sabendo que as verdades acima fazem parte de nossa realidade cotidiana poderíamos receber a resposta de que a magia dos contos de fada não existe. Onde estão o tapete mágico, a capa da invisibilidade, o gênio e as fadas, os gigantes e os deuses, as ilhas encantadas? Na exposição que faço a seguir tentarei ilustrar da melhor forma possível a maneira com que essas coisas existem e acontecem.

O homem é uma cabeça que fechou seus olhos. Estes não estão vendados, porém o homem nunca faz qualquer esforço para abri-los. E vai lentamente boiando, seu corpo sendo seu navio, cujas velas são sopradas por uma miríade perversa, de modo que vaga por regiões estranhas e desconhecidas. Algumas governadas por monarquias destrutivas e proibidoras que se deleitam em provocar tempestades, em levar o navio na direção de pedras submersas e contra despenhadeiros encouraçados de granito; outras governadas por gentis e humildes príncipes de Deus, que buscam conduzir o navio às baías plácidas e às enseadas dos imensos continentes da Verdade e da Beleza. E, de acordo com os desejos do capitão seguem as brisas ou os furacões. E somente quando ele se encontra perto das pedras ou do porto é que abre seus olhos repentinamente e vê por qual tipo de região andou viajando. Também descobre que toda a sua carga era de tesouros inimagináveis, dentre os quais havia dons que poderiam tê-lo ajudado a tornar sua jornada mais rápida e muito mais interessante.

Percebe, então que havia instrumentos mágicos em várias partes do navio desde o início da viagem, mas que não foram notados, pois pareciam sem expressão e antiquados. Ali havia um frasco fortemente fechado, com um estranho símbolo desenhado. Se houvesse aberto o frasco, encontraria um gênio tão poderoso quanto o espírito que assombra os contos de fadas dos Árabes; uma força que poderia ter levantado o navio sobre os limites da Terra; uma força que poderia se contrapor à todas as leis desconhecidas do Planeta; um poder que transcende a tudo e que o homem de hoje não suspeita de sua existência. O gênio da Lâmpada não é uma fantasia e seu poder é baseado numa força que está adormecida dentro da alma do homem; uma força mágica conhecida através das eras por todos os místicos e ocultistas. Toda a humanidade possui esta força, apesar de ser um bem o fato de que a maioria não a tenha despertado, pois ela pode fazer do homem uma entidade maléfica ou um deus, de acordo com seu uso, tanto para o bem quanto para o mal. Então, de certa maneira, é bom que o capitão não abra o frasco, embora se tivesse feito esforço nesse sentido, talvez obtivesse sucesso em acessar este poder.

Outro instrumento mágico existente no navio é um velho telescópio há muito descartado, guardado em uma maleta de couro, e por causa de sua idade, é visto pela ciência como uma relíquia e um objeto de curiosidade, porém de pouco uso. Mas se o capitão o tivesse aberto, o encontraria repleto de magia, uma magia que poderia anular o tempo e o espaço. Com ele, o capitão poderia ver o que estaria para acontecer há milhares de quilômetros à frente e há milhares de anos atrás. Poderia estar a par do que viria acontecer, pois com o auxílio de tal magia poderia despertar o dom da profecia e predizer os desastres e alegrias vindouras. Mais uma vez teria condições de presenciar a Queda da Babilônia e a pompa das cidades que ainda não foram construídas sobre a Terra, embora já planejadas nos planos espirituais. Pois o telescópio da clarividência, um instrumento de que muitos dos homens de hoje zombam, quando completamente aberto, possui poderes tão esplêndidos quanto o mais perfeito instrumento dos tempos modernos.

Além disso, será que não existe uma capa de invisibilidade? Sim desse poder em particular faço menção no capítulo destinado à exposição de minhas viagens mentais, e juntamente com ele abordo os poderes da “Bota de sete léguas” e do Tapete Mágico, todos dentro da embarcação, comprovando que os métodos de viagem descritos nos Contos de Fadas são apenas símbolos de certos poderes escondidos no interior do homem.

E os bosques e florestas assombrados? Deixe que o homem abra seus olhos e ele verá maravilhas e fantasias que estariam além do poder de descrição dos contadores de histórias; enquanto o homem é o príncipe ou o jovem pobre que busca resgatar a princesa, seu espírito permanece aprisionado no castelo de argila. E as ilhas encantadas? Será que existem? Quando a imaginação é alimentada com os orvalhos dourados do espírito, nossos olhos adormecidos abrirão e poderemos ver o glamour que envolve cada ilha de nosso pequeno globo.

Acredito sinceramente que todas as nossas invenções e descobertas nada mais são que pobres imitações das forças que estão ocultas e adormecidas tanto no mais humilde dos selvagens como no pensador mais régio; que todos os instrumentos científicos que os homens são compelidos a usar nada mais são do que muletas até que possa despertar dentro de si seus augustos e divinos poderes.



OS GUERREIROS DA ETERNIDADE

A fortaleza branca é invadida; as casas de alabastro e mármore bem como os monumentos outrora aureolados por uma irradiação prateada agora estão obscurecidos pelas sombras; as largas avenidas antigamente banhadas pelo sol, agora ressoam com as vozes da batalha dos guerreiros de elmos dourados. Porém, não é contra a fúria de homens barbudos ou inimigos parecidos com macacos que lutam, mas com monstros que foram arrotados pelas bocas das negras cavernas e abismos que ficam abaixo das fundações da cidade.

Ostentando garras duras como aço aparentemente soldadas em braços que possuíam cabelos ondulados e músculos firmes, eles saltam das trevas empunhando suas espadas e lanças contra a multidão que, com rostos bem formados, mas tensos, por sua vez lançam dardos prateados de fogo contra seus atacantes. Por longo tempo a batalha já vem acontecendo, porém nenhum dos lados ainda conseguiu conquistar a vitória e, por conseguinte, nenhum dos lados se considera derrotado. Eles vêm dos espaços infinitos entre o dia e a noite e se reúnem na antiqüíssima cidade da mente, em cujo centro há uma torre, lisa e esbelta, semelhando-se a um raio lunar congelado. Nela, um comandante parecido a um deus, com cabelos em forma de cachos de luz e olhos mais profundos que dois lagos gêmeos que se assemelham a portas esféricas abrindo-se sobre imensidões silenciosas olha meditativamente para os contendores impetuosos. Ele é o arquiteto divino que constrói e planeja, mesmo enquanto os dois lados lutam, para o dia em que a trégua for declarada entre os dois oponentes e às sombras regressem para seu mundo inferior.



CAPÍTULO II

SAÚDE

Entre os maravilhosos ensinamentos passados por “M” em nossos colóquios, ficou muito enfatizada a grande importância da saúde e dos exercícios físicos, porém com moderação em tudo. Também ensinou a maneira como deveria me sentar e caminhar e, particularmente me interessou muito suas lições sobre como caminhar, pois me fez recordar um conto estranho que havia escutado há algum tempo e envolvia a história de um iogue e seu futuro pupilo.

Um jovem oriental certa vez desejou sinceramente se tornar um iniciado nos Mistérios Divinos, e com esse propósito, se aproximou de um iogue que estava sentado no fundo de uma enorme sala. Enquanto o jovem se aproximava, o iogue o observava e simplesmente mandou que retornasse após um ano. O jovem estudou profunda e seriamente durante aquele tempo, e voltou a marcar hora para falar com o iogue; mas novamente este o mandou voltar para seus estudos e retornar um ano mais tarde. Pensativo, o estudante fez como lhe foi mandado, e o ano passou rapidamente em suas tentativas de aprender a sabedoria. Então novamente veio até o iogue, que o mandou pra casa mais uma vez. Ao fim do terceiro ano ele visitou o iogue, e este, olhando-o, disse que agora estava pronto para se tornar seu discípulo e explicou o motivo de tantas dispensas. O iogue percebeu pela maneira como ele andava qual iluminação espiritual que havia adquirido e, desse modo soube se possuía ou não certo conhecimento necessário à sua pretensão.

“M” passou instruções minuciosas sobre este assunto exemplificando como poderia chegar a perceber quando a parte animal ou espiritual controlava a pessoa. Disse ainda que o pupilo deve aprender muito através da observação; que as coisas pequenas e simples, ignoradas pela maioria, às vezes são de muito mais importância para o estudante de ocultismo do que as coisas óbvias que atraem as multidões. O fato de que se pode aprender muito com as pessoas em geral e com qualquer coisa em particular me impressionou sobremaneira. E aqui devo salientar que o místico ou o sonhador que caminha continuamente em terreno nebuloso deixa pra trás muito conhecimento por seu desinteresse nos assuntos naturais e humanos. O ocultista verdadeiro deve ter uma mente tão treinada para a observação quanto o cientista, com exceção do fato que usa métodos diferentes para experimentação sendo seus instrumentos o pensamento e o sentimento, além de outros sentidos ocultos, dos quais a maioria dos cientistas ainda não percebeu a existência.

Normalmente o ocultista é aquela pessoa que já treinou sua sensibilidade a um nível extraordinário chegando a perceber também as razões invisíveis que influenciam um indivíduo ou uma multidão. Por exemplo: com naturalidade se pode dizer que certa pessoa cometeu um assassinato, embora isso não prove que a pessoa o fez em seu livre-arbítrio; pode ter acontecido, com muita probabilidade, que uma entidade obsessora possuiu o criminoso.

A pessoa que comete suicídio repentinamente, como acontece constantemente sem uma razão plausível, pode ter sido, muito possivelmente, obsedada por outros seres que destruíram seus corpos em existência anterior numa situação semelhante e foram obrigados pela Lei a vagar pela Terra; ou podem ter sido atingidos e sugados pela corrente de emoções que perdurou no lugar em que estão ou estiveram e serem vítimas da mesma, pois acredito seja muito conhecido o fato de que influências antigas permanecem vivas por muito tempo após as pessoas que as hospedaram ou criaram se mudam daquele lugar (1).

(1) No livro “Perfumes do Egito” de C.W. Leadbeater, da Editorial Kier (Buenos Aires) estas situações aparecem bem descritas quando se trata de casas assombradas. Também no livro “Nosso Lar” de Francisco C. Xavier é descrita situação idêntica em relação as vibrações contidas no espelho de uma casa antiga. (N.Trad.)

Outro aspecto de um crime é o fato de que pode ser causado por hipnose à distância. Pode-se atribuir muitos motivos para algumas ações e nenhum deles necessariamente ser o mesmo; embora, admito, nenhuma delas poderia ser provada à satisfação de uma corte ou juiz, que utilizam de métodos de exame diferentes e dar explicações gerais óbvias sobre o caso que, geralmente ao ocultista, podem estar erradas.

Quando falamos do ocultista, fica entendido que também incluímos os místicos, pois o verdadeiro ocultista desenvolveu seus princípios emocionais simultaneamente aos princípios mentais, pois ele precisa ser equilibrado se deseja compreender as experiências pelas quais passa e as verdades sobre o mundo. Sabemos que existem muitos estudantes desequilibrados e sentimos que é necessário declarar isto, pois muito tempo é desperdiçado quando nos recusamos a aceitar o fato de que encarnamos em um mundo para podermos entendê-lo. O ocultista não é um ermitão exceto em algumas ocasiões em que necessita desenvolver certos poderes e se torna necessário que ele habite em uma parte quieta do mundo e passe a viver tão perto da natureza quanto é possível. Entretanto, muitos estudantes confundem o lado prático da vida com o lado místico sem compreenderem que o ocultista não pode viver num lugar deserto por toda a sua vida e, da mesma forma, viver em cidades por toda a sua vida quando deseja desenvolver seus poderes interiores. É possível que a pessoa que você imagina ser a mais prática, mais saudável, mais trivial e a mais mundana ser, com bastante probabilidade, muito mais um profundo ocultista do que a pessoa excêntrica ou a contumaz sonhadora que chama a si mesma de estudante de tal assunto, pois esta pode estar tão longe desse propósito quanto a Terra do Sol. Excentricidade, comportamento duvidoso e conversações sobre visões delirantes são as provas mais insatisfatórias de que a pessoa é um iniciado e devemos dizer também que as pessoas que querem manter a mente saudável devem evitar o contato com este tipo, pois as doenças mentais também são transmissíveis.

Mais tarde, durante meus estudos, "M" ensinou o valor de certos exercícios respiratórios, uma forma da respiração simples que pratiquei constantemente desde então, e que me ajudou muito no sentido de clarear minha mente e me deu forças para estudar muito do que me é ensinado. Também me ensinou certo ritmo respiratório e controle, o que era necessário para que eu visitasse os planos mentais, aos quais devotarei um capítulo mais à frente. Porém sobre a respiração repito o comentário abordado neste livro no capítulo intitulado "O Encontro": - *"Pela concentração na meditação em um determinado assunto, e pelo esforço da respiração regular, quando a inalação e exalação ocupam o mesmo espaço de tempo, a mente deve estar contida, pois não deve haver espaço para outros pensamentos além daqueles pertinentes ao objeto ou símbolo de expressão sobre o qual o homem deseja obter conhecimento"*.

Quando o homem persiste nessa prática, ele pode entrar num relacionamento harmonioso com a Divindade interna, e dessa fonte pode obter o conhecimento resultante da experiência da própria alma em suas passagens pelos mais elevados e mais inferiores estados da matéria. Ao mesmo tempo, ao se concentrar nos planos mais elevados, pode evocar de seu interior o Poder da Força Solar e que, se for ascendentemente dirigido fará despertar e revitalizará as glândulas ou órgãos da percepção até agora impedidos de seu uso perfeito. Se é verdade que viemos de Deus e a Deus retornaremos, o propósito da vida é apenas a obtenção desta consciência, que é de Deus. O ser humano desconhece sua verdadeira identidade e seus poderes até que começa buscar sua reconciliação com seu Princípio Vital Divino, quando, então se inicia sua verdadeira evolução e a manifestação dos poderes que estão dentro de si. Acresce que o fato de concentrar-se na meditação mantendo a mente receptiva à Divindade interna, numa atitude positiva de repressão a todos os pensamentos externos, constitui uma forma exaltante de oração ou comunicação com a Divindade e com a Natureza. Procedendo assim, o homem se torna um participante das maravilhas da onipotência de Deus e recupera sua soberania perdida.

Muito do que foi exposto acima deve ser considerado uma tentativa de validar, mostrando resultados, do que tinha sido mencionado anteriormente. A meditação e a respiração produziram em mim uma sensibilidade crescente, a qual, se não houvesse desenvolvido sem alguma força adicional do meu bem-estar físico, teria produzido um sofrimento intolerável. Mencionei esse aumento de sentimentos a "M", e este me disse que agora eu poderia entender o

que, aquele que foi estudante por muitos anos deveria sofrer, - “mas”, continuou ele, “os deuses não permitirão que você sinta além de sua força de resistência”.

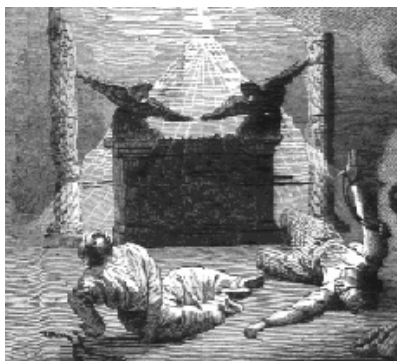
Tive provas dessa sensibilidade aumentada, pois sentia as atmosferas mentais e emocionais tão claramente quanto aqueles que nadam sentem as ondas. Esse é o motivo pelo qual mencionei anteriormente que os ocultistas utilizam instrumentos diferentes daqueles utilizados pelo cientista comum para chegar a uma percepção mais acurada das forças que nos cercam e, portanto conhecem os poderes internos e motivos que levam pessoas a cometer crimes e fazer coisas estranhas sem nenhuma razão aparente. Com estas explicações creio que também agora pode ser entendido porque o místico, que não desenvolveu equilíbrio, mas sim uma sensibilidade aumentada continuamente, está sujeito à que seu ser se torne negativo, o que acontece com muitos Espiritualistas, quando obsedados.

Quando se aborda os resultados alcançados a respeito destas várias experiências ocultas, não se conhece nenhum estudante que não possua alguma vitalidade singular e poderosa nesses planos. Particularmente “M” possuía em grau avançado todos estes aspectos.

Em relação à respiração, “M” uma vez me disse: “A energia derivada da respiração harmoniza as condições da pessoa e proporciona uma energia singular que está além dos conceitos normais da mente humana. Quando respiramos estimulamos alguns princípios ativos no interior de nosso ser e obtemos energia de seu equivalente mental. O ato da respiração ocultista se compara a um homem jogando uma corda a um centro de energia sutil, e essa energia se une a ele para harmonizá-lo com a natureza de suas essências”.

“M” sempre impressionado com a relatividade existente entre a contraparte superior e a inferior de nossa natureza. Certa vez disse: “As pessoas gostam sempre de ter uma muleta para auxiliá-las a andar, mas raramente sabem como usá-la, pois o melhor amigo do homem é a lei de sua soberania, pois ela acende o fogo que ilumina sua inteligência. É fácil falar destas coisas, porém somente pelo esforço próprio é que o ser humano poderá obter o pleno uso de seus valores mais elevados”.

Acredito que com esses poucos fundamentos o estudante sincero poderá encontrar muito do que lhe será útil em sua tentativa de resolver alguns dos problemas que o afligem quando começa a se aventurar através das terras da ilusão em direção a Grande Realidade que sempre ampara e cuida das almas pioneiras.



A ILHA DO TEMPO

Por todo o sempre, as ondas da eternidade carregam os grãos esvoaçantes espalhados na praia do Tempo. Seguem reunindo as sementes do acaso, os destroços das horas e, interminavelmente, implacavelmente, lava as vilas e cidades dos anos no vasto oceano do espírito.

Enquanto isto acontece, numa nova maré ondula uma carruagem cujos guias e mestres são os deuses que regressam da viagem aos alvos reinos do espírito atracando barcas com pesados carregamentos.

Antigos são estes navios, mas ainda assim permanecem iluminados com as sombras de poderes esquecidos navegando grandes extensões por portos e baías do tempo de sua época, onde milhares de escravos dos anos estão prontos para se reunirem neles como sua estranha carga.

Muitos desses escravos são surdos e cegos e muitos são prisioneiros, mas obedecem a seus mestres, que são seus Eus Superiores, e constroem conforme predeterminado plano. Das águas materiais que lhe são trazidas constroem toscamente vilas com casas e castelos estreitos e com doentia aparência de cor cinza criando cidades, mas entorpecendo sua beleza com o espetáculo extravagante somente concebido por mentes embrutecidas. Outros escravos, porém, cujas amarras em seus membros estavam mais frouxas e eram menos surdos ao diapásão das Águas Eternas compreendem quem é que os controla para que construam; entendem que a carga que esses navios trazem são as antigas realizações forjadas em vidas anteriores e, com este conhecimento, constroem novas imagens, cidades adoráveis, novas maravilhas e glória sobre o terreno varrido pelas ondas mais antigas que ainda se refletem no Oceano Eterno, e embora saibam que os esplendores que agora estão erguendo também serão varridos, da mesma forma sabem que a iluminação destas douradas estruturas deixarão um brilho eterno e imensa sabedoria em seus espíritos imortais.



CAPÍTULO III

VÁRIOS ENSINAMENTOS OCULTOS

Neste capítulo relatarei alguns dos ensinamentos que me foram dados por “M” durante os vários períodos de nosso convívio, com a adição de alguns comentários feitos por mim. Os ensinamentos de “M” estão entre aspas.

Como sei que o estudante de ocultismo sempre está interessado em novos conhecimentos que dizem respeito às suas pesquisas escrevo este capítulo na esperança de que encontrem soluções que possam servir de esclarecimento para naturais dúvidas motivadas pela ausência de uma bibliografia mais completa sobre estes assuntos. Sei que em muitos casos a resposta não será completa por causa da impossibilidade de fazê-lo sem um afastamento do verdadeiro objetivo deste livro, que trata primeiramente com ensinamentos que dizem respeito e estão relacionados aos planos mentais. Portanto, embora este capítulo possa parecer um pouco incoerente e de difícil entendimento, ainda assim espero que ele atraia o estudante sincero.

Sei que na prática exotérica os ensinamentos que dizem respeito à iniciação obviamente vêm primeiro, porém aqui transcrevo a resposta dada por “M” em relação a esta pergunta.

“Dentro da alma de cada mortal habita um Guardião que espera pacientemente pela hora em que sua tutela lhe permitirá proclamar a existência de uma consciência mais consentânea com as realidades divinas, e quando isso acontecer, este Guardião interior guiará o pesquisador por uma série de experiências que o aperfeiçoarão e o tornará apto para adentrar os templos da Verdade. Onde quer que o pesquisador habite, seja ele branco, amarelo ou negro, habite uma cabana ou um palácio, desejará imediatamente se tornar um servidor da humanidade e passa a trabalhar em unidade com as leis do espírito, ouvindo diretamente à voz compelidora da intuição que o convida a buscar além do glamour dos acontecimentos externos, e ele obedecerá. Quando isto acontece o Guardião interno o leva para uma viagem que só termina quando o pesquisador encontra a si mesmo. Porém, enquanto guia-o, o Guardião também lhe dá várias chaves, chaves estas que abrirão cada uma das sete portas que levam à câmaras antigas, onde pode-se encontrar livros escritos pelos outros eus do passado, trabalhos nos quais estão inscritos os símbolos dos poderes divinos. Somente através da perseverança e busca implacável é que o pesquisador pode alcançar seus desejos. Pois em sua aspiração pela iniciação, ele não deve permitir que suas energias sejam dissipadas nos clamores mentais de vozes parasitas e interesses vagos, que são moldados de neblina e trazem somente sustentação temporária. A iniciação real, pois, consiste em descobrir as suas próprias limitações, embora também se descubra uma afinidade com os elementos da natureza e do universo. Então chegará uma hora em seus estudos ocultos em que penetrará através das cortinas etéricas e descobrirá novas regiões, novas leis e verdades que o levarão a construir em seu caráter poderes que poderão demonstrar à humanidade a existência de forças e reinos mais elevados”

“A verdade não vem ao homem após sua morte, pois os Valores Celestiais devem ser procurados e encontrados enquanto ele ainda anda sobre a Terra. Como mencionei anteriormente, cada civilização não perece em vão, pois seus poderes, apesar de adormecidos, permanecem cheios de vitalidade. O homem encarna para ganhar novas experiências e também para a ampliação de sua consciência que, como lâmparas de chama eterna, trarão a ele a perpétua iluminação interna.”

“Além disso, quando sete diferentes fontes (1) oferecem seus filamentos a aura mental do pesquisador, ele passa a possuir poderes que lhe proporcionarão uma consciência muito mais ampla”.

Posteriormente menciono neste capítulo certo conhecimento sobre símbolos acreditando que o leitor os associará a estes princípios de iniciação.

Uma peculiaridade sobre a natureza humana que sempre intrigou o homem:

- Porque as boas ações e bons pensamentos quase sempre são devolvidos com maldades?

- Porque as pessoas que ofereceram amor e carinho devem receber em troca ódio?

Muito comumente as pessoas encontram outras pelas quais são atraídas, e após tornarem-se amigas, descobrem que seu amor acaba por evocar uma qualidade negativa neste outro amigo, o que causa aos dois sofrimentos inenarráveis.

“Porque,” eles perguntam “um amigo que amo deveria me magoar?”

Carta vez perguntei a “M” se ele poderia me dar um motivo para esse aspecto estranho da vida, e logo fui respondido: “Há dois tipos de humanidade neste planeta, naturalmente conhecidas como os brancos e os negros, ou então ‘os irmãos da mão direita’ e ‘os irmãos da mão esquerda’. Você poderá encontrar a resposta que estou lhe dando na maioria dos livros sagrados escritos pelos grandes professores religiosos do passado, mas lhe darei a resposta em minhas próprias palavras”.

“Havia um tipo de Mônada que respondeu ao chamado da “Realidade”(2) ao qual foi dado o sopro da vida e mandado à matéria. Este é denominado ‘alma branca’ por haver respondido ao chamado. Um outro tipo de mônada não respondeu, mas seguiu as fases naturais de evolução, e é conhecida pelo ocultista como ‘negra’ ou ‘opressora’; porém é necessária para a evolução da ‘branca’, pois mergulha a humanidade em grandes campos de experiência, até que na mente do homem seja gerado o desejo da busca pela verdadeira fonte de seu ser.

Estes opressores, com o decorrer do tempo, também obedecerão ao chamado da “Realidade” e receberão o sopro da imortalidade, significando tudo isto, eu acredito, que são negros apenas porque lhes falta a consciência espiritual possuída pela “Alma Branca”.

“O estudante de ocultismo leva muitos anos antes de poder determinar, num relance, o símbolo sobre as sobrelhas desses seres. E o tipo de relacionamento do estudante com este tipo de pessoas não é governado pelo coração, mas pela sabedoria. Como o professor de Galileu disse, - “Coloque-se ao lado de teu adversário” - e também que se deve ter “a sabedoria de uma serpente”.

“Está na natureza destes opressores odiar e costumam evocar uma força latente neles que usam de modo a descobrir nossas fraquezas, as quais exploram trazendo-as à tona. Ao lhes oferecer amor, você também lhes dá uma força que podem usar para lhe ofender; eles reconhecem a fraqueza existente no interior da pessoa e agem de várias maneiras, sempre em proveito próprio. E “M” concluiu: É sábio não opor-se a eles”.



Antes de escrever o capítulo que trata de minhas viagens mentais, “M” entregou-me um grande número de anotações relativas à mente; e acredito que será de grande interesse colocá-los neste capítulo que trata de ensinamentos ocultos.

O sol desperta a mente para diversas atividades, enquanto a lua a adormece e lhe dá poder para absorver mais Sabedoria Divina do material dos eus interiores.

A lua tem uma parte importante nas atividades mentais, pois ensina a mente mais mundana a vibração que pode uni-la à mente mais elevada e, com isso, trazer equilíbrio mental, pois o poder da mente vem de sua ligação com as órbitas solar e lunar e é na luz do sol que ela

(1) As “sete diferentes fontes” se referem aos 7 centros de força (chacras) principais do corpo humano. (N.Trad.)

(2) “Realidade” Esta palavra é usada pelo Mestre M. para significar o Deus de todas as religiões e que se manifesta no ser humano através do “Íntimo” ou Divina Presença. (Ver glossário do livro OS DEUSES ATÔMICOS (N.Trad.)

desenvolve seu direito de ser nas atividades mentais; porém a lua age no sentido de produzir intensidade de expressão.

Quando passamos a nos alimentar de acordo com a Natureza, desenvolvemos um poder similar à força do mago branco, pois a Natureza é o corpo mental auto-desenvolvido do Íntimo; porém a força espiritual que a Natureza guarda não é dada a qualquer um a menos que a pessoa tenha adquirido a consciência dos estados internos do ser (no capítulo sobre viagens mentais, descrevo como isto sucede). Este é o motivo pelo qual fazemos viagens mentais e deixamos o corpo funcionando apropriadamente para contatar esta substância mental que é de natureza mais sutil que a assim denominada “matéria mental humana”, embora esta diga respeito à aura mental inferior dos seres humanos; todos os pensamentos, questões e preocupações da humanidade ficam, como uma nuvem, pairando entre a verdadeira e a falsa mente de cada ser humano. O estudante deve analisar seu próprio eu e buscar a substância de sua própria mente a fim de passar pelas auras materiais da personificação substancial da Natureza. Quando viajei para fora do corpo, “M” continuamente me instruí para aspirar, a fim de que eu pudesse atingir certa faixa vibratória, que era a verdadeira expressão de meu ser mais interior e mais elevado.

“O homem tem dentro de si as forças governamentais pelas quais pode controlar os elementos fogo, ar, água e terra e o poder de chegar à consciência mental de cada uma destas diferentes esferas elementais”. No capítulo intitulado “O Encontro” falo de uma aristocracia espiritual que aprendeu a utilizar estas forças.

Existem muitas pessoas que detêm o conhecimento desta consciência Elemental, e podem ver coisas dos planos mais sutis tanto quanto do plano humano; este dom é encontrado particularmente em inventores que têm uma fraca percepção das verdades da Natureza e que, entretanto, buscam tirar proveito destas leis desconhecidas. Eventualmente, muitas pessoas tropeçam intuitivamente nos segredos da Natureza, mas não têm o treino científico para materializar este conhecimento. Esta ignorância deve ser transposta antes que o homem se torne um mago. Portanto, mesmo essa ciência experimental tem sua serventia e até o cientista materialista, em seus esforços para descobrir os segredos da Natureza, também abre caminho para Deus.

“Escute somente as instruções do Eu Interior, pois muitas das leis reconhecidas da ciência estão falsamente explicadas. É interessante notar que muitas das explicações que os antigos possuíam para alguns fenômenos, apesar de terem sido zombadas pelos cientistas modernos, estão aos poucos sendo aceitas. Um exemplo interessante do que diz respeito às energias da Lua deve ser considerado, pois, como é bastante conhecido, os antigos e pessoas do período medieval declaravam que, se certos elementos fossem reunidos em certa hora em que a lua estivesse em uma determinada fase, as ervas, ou qualquer outra coisa que fosse reunida sob seu toque de luar possuiria ou careceria uma certa influência. Essas crenças soaram tão improváveis que os cientistas nem se importaram em investigar o assunto. E agora leio comentários informando que a lua, além de possuir influência sobre as ondas, produz diferença no crescimento de algumas árvores podadas em certa fase da mesma. E se essa influência se faz nas árvores, porque não nas ervas? Não posso afirmar se os antigos conheciam essas coisas, entretanto, muito provavelmente usavam seus sentidos mais sutis, os quais já foram mencionados anteriormente. Se fossem feitas investigações científicas adequadas, creio que muitas das chamadas superstições compeliriam o mundo da ciência a mudar seu ponto de vista sobre as poéticas superstições dos antigos. Quando leio sobre a maneira arrogante com a qual certos cientistas dispensam, através de rude intolerância, as coisas descobertas por aqueles que não têm posição acadêmica, fico chocado. Pois, acima de tudo levo em consideração que toda a busca por conhecimento deveria ser impessoal e a maneira com a qual estes cientistas se opõem as teorias novas e antigas prova suficientemente que estão mais preocupados com eles mesmos do que com a verdade”.

Os métodos de ensino de “M” eram completamente indutivos. Tentou levar-me para os reinos onde a mente encontra sua força numa expressão mais definida e elevada. O tópico principal raramente era de cunho pessoal; lidava mais ou menos com os campos próximos e mais claros do pensamento. Explicava que quando encontramos a mente desvinculada de sua natureza

objetiva discordante podemos fazer uso de uma aura mental mais sutil que sempre estaria à nossa disposição e se constituía de uma força de pensamento mais forte e estimulante, capaz de dar o poder da visão quando se está fora do corpo. Vulgarmente falando, ele dividiu a matéria ou substância mental em três estágios diferentes, pelas quais tive que passar; eram como revestimentos mentais. Disse-me para observar o caráter dos pensamentos que vinham à minha mente e analisá-los, e então perceber se estes pensamentos possuíam uma contraparte de expressão superior, pois enquanto estiver nos planos internos e mais elevados o Estudante deve aprender a traduzir os pensamentos emocionais que são enviados a alguém percebendo a natureza dos mesmos. Intimamente deve traduzi-los tornando-os reconhecíveis pela mente mundana, pois a linguagem destes planos elevados é realizada por pensamentos emocionais, e o estudante leva muitos anos para poder entender tal linguagem. Esforçava-se para me ensinar o mesmo processo pelo qual teve que passar enquanto aprendia.

“Muitos artistas”, disse, “intuitivamente traduzem as emoções dos planos mais elevados”. Acabei percebendo que quando estou inspirado, não é bem uma questão de pensamentos, mas sim uma forma de êxtase, a qual acredito ser a linguagem do espírito e da mente superior. É importante notar que antes de cada capítulo, coloquei um prólogo, que em estilo e expressão, são totalmente diferentes da minha escrita normal. Os críticos dirão que tentei ser estilista e superficial, e esta suposição está totalmente incorreta, pois apenas expressei as emoções superiores fazendo com que se adequassem à linguagem comum, pois aprendi, através dos ensinamentos de “M” e através de muitos experimentos que podia contatar diferentes estados de consciência, e que os mesmos podiam alterar meu método de expressão.

Como mencionei anteriormente, tinha pouco conhecimento nas habilidades literárias. Meus esforços repetitivos foram empregados na forma de uma natureza fantástica e imaginativa e também nos argumentos, ponderosos e filosóficos. Mas após conhecer “M”, minhas aspirações mudaram, e fiquei encantado em descobrir a alegria que havia em escrever versos, que também necessitavam de muitas qualidades, tal como lógica, concentração, paciência e persistência. Certa vez perguntei a “M” se ele poderia me dar uma boa definição do que considerava boa arte, e aqui escrevo sua resposta:

“As palavras de um bom professor são diretas e concisas, e ditas sem esforço. Um poema das esferas mais elevadas do ser é de determinada energia simplificada. Provoca o despertar da mente à natureza da esfera da qual o poema foi derivado e faz ainda com que a mente se harmonize com o equivalente superior do poema. Por esta razão, um bom poema exige grande trabalho, pois ajuda a mente a sair do meio-ambiente mundano e a trás para a esfera na qual o pensamento pode ser gerado”.

É muito importante que o artista não mostre seu trabalho até que esteja completo, pois muitos espíritos invisíveis que habitam os planos mundanos podem vê-lo quando o artista comenta sobre o trabalho e mostra-o a seus amigos. Isto é como trazer à vida um corpo que ainda não foi terminado e as muitas forças ignorantes que envolvem o ser humano nos planos mais inferiores tudo fazem para impedir que o artista termine seu trabalho, ou ainda, procuram uni-lo com uma fonte de arte mundana para que, uma vez completado o trabalho, não fique tão bom quanto tivesse sido terminado com as inspirações iniciais com as quais foi concebido. Acredito ser do conhecimento de muitos que quando as pessoas falam muito sobre algo que vão fazer, quase nunca conseguem realizá-lo.

Novamente, “M” informou que nos planos mais elevados, o artista constrói seu próprio material, e muita vez tem assistência para que possa contatar sua própria energia criativa, a qual estabeleceu nos planos interiores. Acrescentou que muitos poemas são apenas pobres traduções dos verdadeiros temas internos do poeta, e que, geralmente, quando saímos do corpo, encontramos um poeta estudando sua própria poesia e tentando trazê-la à uma forma mais material para que possa lembrar dela quando estiver na Terra, com sua consciência acordada. Já mencionei anteriormente que geralmente completo meus poemas durante os sonhos, e até agora continuo me lembrando das formas e assuntos dos mesmos.

“Algumas vezes o poeta lê suas criações nos planos mais elevados, e então toma as providências para que elas passem pelos planos intermediários tentando fazer com que sua obra,

que pode ser um poema, um quadro ou um livro corresponda com a inteligência do plano intermediário, e tanto aqui quanto no plano superior, ele recebe o auxílio de um professor que tenta imprimir na mente do artista seu trabalho, para que quando acorde no plano físico consiga se lembrar com minúcias de sua obra. É sempre o auxílio destes professores que ajuda os artistas a trazerem a este plano um trabalho natural de esferas mais elevadas. Eles também tentam ajudar o artista a manter a mesma vitalidade de pensamentos emocionais que o trabalho possui nos planos mais elevados”.

“Existe uma fraternidade de sábios que governa este planeta desde sua existência primária. Este Grupo de seres altamente evoluídos se detém em observar, proteger e ensinar aos estudantes que são considerados fortes o suficiente para se tornarem instrumentos para a realização do destino do espírito: instrumentos pelos quais a consciência da realidade pode se manifestar, e estes estudantes são carregadores de archotes que estimularão as mentes da humanidade a pensar por si mesma. O âmbito destes ajudantes é ilimitado; através das artes, da ciência ou do comércio, qualquer um que busque seriamente pode se tornar um instrumento dos planos mais elevados ou mundanos. Até o cartão de Natal mais barato para a mente de menor cultura é de suma importância para a que possui maior cultura. Ella Wheeler Wilcox¹ foi uma grande estimuladora para milhares de mulheres operárias que precisavam de encorajamento. Há almas para atender a todos. A realização do destino do espírito nunca é recusada àqueles que buscam dar o melhor de si para a humanidade. Certa vez, um grande professor americano viajou da China exclusivamente para ministrar uma oração a um indiano mestiço que morava em algum lugar nas terras de Labrador (2) e que clamava por ajuda espiritual. Este professor, juntamente com seu pupilo, fez uma longa viagem somente para dar as primeiras instruções àquela alma que clamava numa região erma”.

Voltando aos artistas que intuitivamente usam os métodos sutis de expressão em suas obras, “M” mencionou Whistler³ como exemplo de alguém que chegou a desenvolver uma admirável percepção e a mais elevada mentalidade utilizando, de forma admirável, uma nova percepção de sombreado em sua obra a qual, embora no começo houvesse sido ridicularizada e não bem compreendida, mais tarde foi aceita pela maioria dos artistas. “Ele era”, disse “M” “um antepassado que veio para ensinar o mundo a ver”.

A essência material do mundo mental, da qual me tornei familiar ao viajar para fora do corpo é o espelho no qual os pensamentos e as emoções mais elevadas das pessoas são lidos. Porém esta percepção costuma ser de forma nebulosa por causa de que muitas pessoas não conseguem ver ou receber impressões e pensamentos de outras pessoas, pois aquela aura suave é geralmente envolvida por seu equivalente mundano, no qual vivem as larvas da intolerância e os escombros de mentes não-pensantes.

“M” sempre procurou entender mais os motivos do que as ações de seus pupilos, daí enfatizar a necessidade de se ter cuidados quando se fala sobre assuntos que dizem respeito ao bem-estar de nossos semelhantes. Algo que mencionarei posteriormente ficará agora melhor entendido na luz deste novo conhecimento, pois geralmente as emoções expressas pela maioria das mentes humanas algumas vezes são perturbadas e inclinadas indevidamente pelos fragmentos de outras emoções e das mentes inferiores. Isso prova, penso, que poucas pessoas chegam a se expressar verdadeiramente, pois não conseguem alcançar a parte verdadeira de si mesmos que lhes traria uma nova perspectiva e entendimento de seu ser interior. Concentração é a chave da motivação, e ninguém deveria manter a verdade longe das emoções internas e elevadas, indiferente ao que os críticos possam dizer. E também se deve obedecer à voz da intuição, pois ela nunca é falsa, nunca trai a confiança, como a emoção às vezes faz.

(1) Ella Wheeler Wilcox (5 de novembro de 1850 a 30 de novembro de 1919) foi uma [poetisa](#) e autora [americana](#). Sua obra mais conhecida foi “[Poemas de Paixão](#)”, e sua autobiografia, “*O Universo e eu*” foi publicado em 1918 pouco antes de sua morte. (N.Trad.)

(2) Região do Canadá (N.Trad.)

(3) James A. Macneill Whistler (1834 a 1903) pintor e gravador de vanguarda norte-americano. (N.Trad.)

E em resposta a futuras questões sobre a mente e como atingir tal estado de verdade e clareza da consciência, “M” me esclareceu: “Você deve dizer ao mundo que existe uma grande consciência espiritual que jamais se separou de seus membros. No passado, houve uma grande civilização, e embora seus membros tenham sido espalhados e reunidos e ainda espalhados diversas vezes, ainda assim, cada membro considera esta civilização como seu pai e sua mãe porque o tem alimentado tão cuidadosamente. Ainda hoje há um sentimento subjacente se estendendo daquela época de ouro para os assuntos considerados de nosso interesse, pois esta civilização traz em si mesma sua evolução para nosso presente e até mesmo para nosso futuro. Se desejarmos atingir sua consciência e o conhecimento do plano e propósito de sua manifestação e se tivermos olhos para ver, poderemos perceber que nossas mentes são um pequeno filamento ainda conectado com esta grande consciência, que é a criação dos ideais alimentados pela Natureza e nutridos pelo incansável espírito da eternidade”.

“Tudo isto tem hoje seu lugar e manifestação em nosso mundo mental e proporciona àqueles que percorrem o Caminho que leva à Atividade Correta o conhecimento que os libertará da escravidão desses fragmentos mentais que normalmente nos sobrecarregam. Por seu grande ideal podem se tornar os professores de toda a humanidade, pois o ideal que foi dado a esta grande consciência encarnada foi para estabilizar na mente do homem o conhecimento das relações entre os seres humanos. O homem ignorante diz: ‘Mas o que pode esta aristocracia da mente ter a ver com o julgamento justo e o controle do mundo? E a resposta é: Eventualmente, um grande ideal controlará o mundo e coração algum ficará livre dele. “Assim como o corpo do homem é nutrido pelos elementos ou produtos da Natureza, similarmente sua mente será nutrida se ele se determinar a absorver de alguém superior estes elementos suaves que ilumina o corpo mental do homem liberto.” Se através da aspiração e do desejo o homem busca retomar sua soberania na Natureza, ele pode retirar força e estimulação mental das mentalidades correspondentes das quais a Natureza está dotada. A mente do homem é apenas um sustentáculo com o qual poderá harmonizar os muitos atributos mentais da Natureza”.

Meu professor tem me impressionado constantemente no que diz respeito à importância de estudar e se tornar instruído sobre as mentalidades do fogo, do ar, da água e da terra. Ensinou-me que podemos dividir a mente em três fatores determinantes para nos auxiliar em nosso desenvolvimento mental, conforme mencionei anteriormente. Estes fatores também devem estar estabilizados em seus verdadeiros lugares e posições na consciência da Natureza para que se tornem, eles mesmos, conscientes de seu objetivo na evolução; e devem, concomitantemente, assumir, cada um, sua determinada faculdade ou força na Natureza, pois seu ideal está determinado, e este ideal deve se tornar conhecido do estudante antes que ele possa assumir seu verdadeiro lugar e reivindicar este ideal na Natureza.

“Se você pudesse perceber”, disse “M”, “como a Natureza é uma legisladora virtuosa, não contrariaria suas leis. É importante nos dirigirmos a esta Grande Mãe a fim de obtermos o conhecimento da lei das energias diferenciadas que nos envolvem, pois este conhecimento é a idéia básica, fundamental para o sucesso (1). Entretanto, o detentor do simples conhecimento das energias mentais e diferenciadas geralmente sucumbe ao desejo de se obter poder, poder e conhecimento que os magos tanto buscam alcançar, mas que nunca obterão por causa da ausência do alimento que a Grande Mãe somente revela para seus verdadeiros filhos”.

Como mencionei na pequena nota sobre os silfos superiores, eles não permitirão que os que são mental e moralmente poluídos entrem em seus puros e elevados reinos, pois estes poderosos seres vêem o homem como uma criatura destrutiva, idéia da qual também participo. Imagine as forças malignas representadas pelos magos negros ou os irmãos da mão esquerda, entrando nestes reinos, que poder terrível de destruição possuiriam. Confirmando tudo isso, quero deixar claro que quando o homem questiona a existência dos deuses e dos povos elementais, a resposta para a questão deve ser: “Porque não os vêem?” Quantos são aqueles dignos de entrarem nestes reinos?

(1) - Aqui o mestre está se referindo ao conhecimento da Ciência dos Tattwas. (N.Trad.)

“M” vai mais além: “Os mestres da coragem (1) não são cegos pelo egocentrismo egoísta. Eles não têm personalidade, pois não a necessitam e são dirigidos e individualizados como unidade, uma consciência unida que será verdadeiramente reconhecida por aqueles que partilharam da sabedoria da Natureza. Eles são necessários porque estimulam as mentes a assumirem sua herança legítima: isto dito em relação aquelas mentes que se esforçam para trabalhar em harmonia com as leis da Natureza e, desta forma abrem a fonte de energia criativa mental e espiritual para a humanidade. A mente é a expressão de um ideal que alimenta e nutre a humanidade para que unifique o homem com a Mãe Terra; proporciona alimento para a Mãe Ar e extingue a sede daqueles que buscam ultrapassar os planos da ilusão”. Nossos corpos físicos necessitam da nutrição do alimento fornecido pela Natureza. As pessoas percebem de onde vem sua nutrição mental? Embora não me seja permitido esclarecer completamente os planos e os métodos pelos quais obtemos nutrição mental, devo declarar que esta nutrição não vem da comida física com as quais nutrimos nosso corpo, mas de uma fonte completamente diferente.

Hoje em dia, os psicanalistas declaram que praticamente todas as nossas idéias, invenções, inspirações, etc. são produto das emoções sexuais transmutadas, tornadas belas ou não, pela ação da mente subconsciente. A força sexual transmutada me aventuro a sugerir, deve ser a energia necessária para começar e concluir nossas concepções artísticas ou nossas invenções. Deve ser o poder físico que dá força à concentração, porém não dá inspiração – a inspiração vem de uma fonte totalmente diferente, e isto é importante. Devemos conceber a mente como um instrumento sem fios que precisa de certa quantidade de energia para captar as vibrações mais sutis e a energia usada é a força sexual. Obviamente a inspiração é colorida e moldada pela personalidade. Há outro aspecto do subconsciente que acho muito confuso, e na luz dos ensinamentos de “M” poderei resolver o problema. A pergunta é: Como pode uma parte subconsciente e automática de nós produzir uma obra-prima unificada, perfeita e harmoniosa como as que nos deixaram muitos gênios do passado? Estavam verdadeiramente inspirados? Os ocultistas em relação a isto afirmam que sempre existiu dentro de nós, em todas as eras, muitas unidades autoconscientes que trabalham em harmonia entre si e obedecem aos comandos da soberania espiritual. Certamente tal crença simplifica todas as teorias tortuosas e insatisfatórias, por serem apenas teorias, pois os psicólogos apresentam pouco do que atualmente se provou ser cientificamente verdadeiro. Os cientistas estão relutando em aceitar a mais remota possibilidade de algo maior do que eles mesmos, que os fará envolver espontaneamente a si mesmos numa rede de concepções fantásticas que às vezes chegam a ser mais improváveis do que a possível existência dos deuses. Quando alguém experimenta, como muitos já experimentaram, premonições, intuições e os vários insolúveis mistérios da alma, não seria tolo alguém negar a existência dos poderes conscientes que clamam constantemente sua existência dentro de nós? Se pudéssemos olhar para o homem como se ele fosse uma colméia onde as abelhas buscam o mel, não das flores mais próximas, mas de flores que florescem em terras estrangeiras e invisíveis, certamente poderíamos ter um entendimento completo e verdadeiro de suas forças interiores.

No que diz respeito a tais poderes internos, acredito que as anotações de “M” sobre símbolos não ficarão deslocadas. “Periodicamente, três grandes forças hierárquicas descem sobre a humanidade, estimulando e engendrando a mente com um novo elemento criativo, proporcionando ao homem o poder para apreender e fazer com que sua consciência tenha conhecimento das leis. Por exemplo, em uma época, Assírios e Babilônios tinham um verdadeiro e completo conhecimento sobre astronomia e astrologia; os Egípcios tinham conhecimento e compreensão das forças ocultas da Natureza e os Gregos, uma consciência do ritmo e da beleza”. Acredito, considerando a existência dessas forças hierárquicas, que elas poderiam facilmente explicar o motivo pelo qual a humanidade em diferentes períodos adorou e criou deuses e símbolos que foram expressões bem-definidas dos poderes interiores existentes no ser humano e que a humanidade atual ainda não contactou, isto porque, naturalmente devemos passar por várias

(1) - Coragem = uma qualidade da mente ou temperamento que permite a pessoa a se insurgir rapidamente em face a oposição, sofrimento ou perigo. Sim, coragem é uma qualidade da mente em oposição ao medo que anula e escraviza a mente às forças sombrias. (N.Trad.)

fases, todas em diferentes aspectos e hoje, as forças que regem a humanidade possuem uma forma diferente de consciência, a qual, quando for completamente expressada, também se findará. Entretanto, como mencionado anteriormente, estas energias hierárquicas novamente retornarão para tecer nas novas raças suas formas antigas, porém novas de expressão divina.

Continuando suas explicações sobre este assunto “M” deixou claro que “somente quando a grande época de ouro retornar, todos os tons adormecidos da consciência serão despertados e se fundirão harmoniosamente, fazendo-se presente em todos os homens e tornando o corpo humano na fonte de êxtase, de fogo, de sabedoria e de glória dos deuses”.

Portanto, acredito ser tolice considerar os antigos como selvagens, mas sim supersticiosos e poéticos. Pois seus métodos de aproximação dos problemas da vida eram tão lógicos quanto em nossa época atual. Afinal, porque não deveria ser possível harmonizar todas as concepções da vida e do universo, aparentemente contraditórias? Com isso quero dizer que provavelmente muitas das idéias antigas e modernas podem estar corretas. A teoria mais fantástica pode ser perfeitamente científica em seu plano de manifestação. O iogue ou ocultista que possui conhecimento destas leis desconhecidas pode produzir fenômenos sobre a Terra que, não sendo compreendidos pela ciência, são considerados trapaça. É uma lástima para nossas mentes que hoje nos recusemos a aceitar certos fenômenos simplesmente porque treinamos nossas mentes para pensar de maneira dogmática. Por exemplo, os cientistas podem induzir o fenômeno espírita a se manifestar como embuste, mas isso é prova de que ele verdadeiramente não existe? O que ocorre é o simples fato de estarem operando outras leis científicas que o cientista materialista desconhece simplesmente porque não se importou em dar a este assunto maior investigação. Presumo que daqui a alguns séculos, quando somente forem produzidas substâncias sintéticas, muitas de nossas substâncias naturais da atualidade se tornarão improváveis de terem existido, até que a ciência descubra um meio de produzi-las.

Mas voltemos aos ensinamentos de “M” quanto às forças hierárquicas:

- “Ao todo existe doze grandes globos de consciência (1), e cada globo têm seu próprio símbolo individual. Somente pelo uso apropriado e compreensão interna de um símbolo é que o estudante pode contatar estes globos de consciência e tornar claro para seu eu o conhecimento de sua manifestação. Dentro do homem há câmaras trancadas nas quais está guardada a sabedoria adquirida nos assim denominados “ciclos do passado” e pelo uso apropriado destes símbolos, o pesquisador pode abrir para seu eu o conhecimento de suas antigas experiências com o objetivo de conquistar a Luz”.

“M” contou que costuma sentar e regressar a estes períodos passados pesquisando as memórias “akáshicas”, e lá ele pode ver, quase tão claramente quanto alguém veria uma imagem animada em três dimensões, os acontecimentos de centenas de anos atrás. “A Terra”, disse, “já teve populações tão densas e muitas mais numerosas ainda do que as do nosso próprio tempo”. Ele viu exércitos sobre exércitos, em números inimagináveis, marchando e lutando um contra o outro, milhões contra milhões, com suas numerosas armas de guerra transportadas em carros. “O homem não tem nenhuma concepção de o que estes exércitos possuíam”, continuou, “Um dos maiores segredos que Deus pode revelar ao homem é o conhecimento e o uso de um símbolo, pois cada símbolo tem seu equivalente mais elevado. Como consta da Tábua de Esmeralda atribuída a Hermes Trimegisto: “Assim como é acima, é embaixo’, porém o homem egoísta não pode obter um conhecimento deste porte até que a Natureza lhe tenha revelado a consciência de sua própria realidade. Aquele que usar estes mistérios sagrados deve possuir o

(1) - Supomos que estes 12 globos podem estar relacionados aos 12 centros de força estudados em Astrologia esotérica como sendo os 12 signos zodiacais, mas que, em verdade, são os 12 centros de força no corpo do Logos Solar que influem na psique e no comportamento mental dos humanos, de acordo com as vibrações sofridas pelo Planeta Terra e tudo o que nele se encontra, quando fica sob a ação destes centros em seu movimento de translação. (N.Trad.)

(2) Memórias ou Registros akáshicos é uma expressão usada pelos Teosofistas quando se fala da memória da Terra, ou seja, a região do Plano Mental do Planeta onde permanecem integralmente registrados todos os acontecimentos já ocorridos com a vida evolucionante do Planeta e de tudo aquilo que nele se manifesta, nisto incluso o ser humano. Esta região é visitada pelos pesquisadores ocultistas interessados em conhecer a verdadeira história da evolução planetária.

conhecimento de seu verdadeiro lugar e posição na Natureza e isto envolve os benefícios da primeira iluminação. A ulterior iluminação é o Deus Interno revelando sua natureza à mente e ser aquele que o busca, outorgando, ao buscador, o conhecimento de seu lugar e posição na Natureza, nisto incluso o real conhecimento de suas limitações nesta encarnação que consiste na sugestão para que não use poderes que não tem relação direta com seu presente trabalho na vida. O homem só será feliz quando realizar os desejos e imposições de seu Eu Superior. Se não o fizer provavelmente encontrará muitas contradições e dor na vida, pois deve sempre obedecer ao Ser que vive dentro de si, que planejou trabalhar em harmonia com as leis de Deus”, concluiu “M”.

Acredito que o motivo pelo qual sofremos se consubstancia no fato de termos esquecido nossas tarefas divinas, sejam elas humilhantes ou grandiosas. O importante, como mencionei em algum lugar anteriormente é que devemos trabalhar para conquistar as forças malélicas de oposição que são enviadas até nós para que nos dêem força e experiência.

Quando o ser humano descobrir seu objetivo na vida deixará de intervir no trabalho ou crenças de seus semelhantes. Menciono ‘crenças’ pois me recordei do grande conhecimento existente em todas as religiões há milhares de anos e, entretanto fazemos por desconhecer esta verdade tentando convertê-las para o Cristianismo. Em nossa vaidade, imaginamos que a verdade só foi entregue àqueles que se intitulam Cristãos, quando verdades maiores e melhor desenvolvidas foram dadas a certas raças que consideramos, à luz ou escuridão de nossa civilização mecânica, como não civilizadas. As verdades religiosas são dadas pelas forças invisíveis de acordo com a mentalidade das pessoas as quais se ajustam. É uma lástima ver um missionários tentando converter alguém cuja cultura e educação, em força e amplitude de visão, pode ser imensuravelmente superior a deles. Se a pessoa que se esforça para converter aquele que considera pagão tentasse pelo menos descobrir os poderes de que este está investido em seu trabalho como alma e na vida ajudaria de forma melhor o mundo se tornar muito mais sutil e nobre. Vivendo sua própria vida, se tornará, como Sócrates disse, “uma parteira que ajuda as almas a nascerem”.

Muitas de nossas grandes sociedades ocultas se tornam familiares por causa dos símbolos que utilizam, embora raramente entendam seu uso. Aproveitarei para relatar uma experiência que tive em uma tarde com “M”. Ele queria que eu o acompanhasse em uma viagem mental à Arábia. Acedi e, durante a mesma ele chamou minha atenção para um árabe de aparência distinta sentado no dorso de um cavalo. Em seu pulso tinha um pássaro que, à primeira vista pensei ser uma águia. Porém “M” informou ser um falcão, e este era o mensageiro entre o árabe e “M”, que explicou que o árabe era conhecido em sua Irmandade por sua risada profunda e poderosa. Menciono este incidente por “M” haver dito que o árabe poderia se comunicar com ele, não importando o quão ocupado estivesse. Também informou que a ave era um falcão elemental.

Retornando novamente ao assunto das forças hierárquicas “M” explicou: “Estas forças agem sobre a humanidade para que ela desenvolva e estimule certas propriedades mentais e criativas. Entretanto, retiradas de ação por algum tempo deixam para trás um símbolo representando cada uma das forças, a fim de que o ocultista conheça qual ciclo de sabedoria governou o homem em determinado período”. O eterno espetáculo do esplendor divino ainda vive. Através dele nossos videntes nada conseguiram ver além de um pálido brilho e também nada ouviram além de uma delicada música a qual os inspirou a moldar, destes ecos obscuros, uma bela e imortal mensagem para a humanidade. Ao ler a literatura dos muitos místicos e poetas seria interessante a pessoa observar que eles geralmente falam sobre deuses e espíritos de tal forma que aceitamos como produto das imaginações mais abertas de mentes desequilibradas. E, entretanto a existência destes seres fantásticos e terríveis é facilmente explicada sob o ponto de vista oculto, ou seja: o pensamento é de natureza eterna (1).

(1) - Pode-se deduzir desta afirmação que aquilo que é pensado passa a existir e existirá sempre, observada esta característica de eternidade do pensamento. O item que segue confirma esta dedução e deixa claro que todos os deuses mitológicos, sem exceção (Vishnu, Zeus, Ísis, Osiris, Krishna, Moisés, São Jorge, etc. etc.) derivam de criações mentais e passaram a existir da mesma forma como Papai Noel e tantas outras aparições, cheias de poder e vida, embora fruto da criação mental dos seres humanos que acreditaram nelas durante os séculos em que foram criadas e “acreditadas”. (N.trad.)

Quando questionei “M” sobre estes deuses, ele esclareceu como eles vieram à vida: “As civilizações que no passado criaram certos símbolos, lhes deram também uma forma mental, a qual se tornou vital através da força coletiva da mente de uma nação. Estas imagens mentais foram impregnadas com força e movimentos e, da mesma forma como o homem inventa máquinas para trabalhar para ele, assim foram feitos estes deuses pelos povos da antiguidade. Como as pessoas destas civilizações antigas eram muito sensíveis, podiam sentir o poder das grandes presenças que elas mesmas criaram”. “Estes deuses, sendo também as formas físicas dos elementos, podiam trazer à tona certos fenômenos da natureza”.

Como nunca morrem, embora possam estar esquecidos nas mentes humanas, acredito que estes deuses estão apenas adormecidos em nossa época; não acreditando atualmente neles, não os evocamos, assim como não chamamos evocamos os antigos pensamentos que dormem em nossa mente subconsciente. Entretanto, acredito que eles estejam bastante ativos em seu próprio plano de manifestação, plano do qual tratarei no próximo capítulo. Incidentalmente, aproveito para mencionar que uma das alunas de “M” contou que havia visto a esfera de inteligência na qual William Blake fez seus quadros.

Quero acrescentar que, em meu primeiro vôo mental, vi poucos destes lugares e deuses, embora, mais tarde, quando já havia desenvolvido minha visão mental para vibrações intensamente mais elevadas e mais sutis vi muitos elementais estranhos. Mesmo assim é muito difícil descrever estes lugares que a raça branca atual considera ser fantasia de mentes desocupadas.

Discorrendo ainda sobre estes deuses criados pelo homem, me foi revelado que geralmente um grande e nobre ideal estimulado por muitas mentes cria um deus de natureza elemental. Portanto, por mais que o homem tente negar o fato em si, ainda cria diariamente seus deuses e demônios. E o astral, tão estudado pelos Espiritualistas e Teosofistas, é apenas o quintal da desordenada imaginação do homem, onde estas criações pululam sem nenhum controle. Portanto, o ser humano ao ser o criador dentro de seu ambiente mental e emocional, acaba se tornando escravo dele.

“Existem muitas pessoas que são sensíveis a várias vibrações da consciência às quais as pessoas comuns não conseguem perceber ou entender, e muitas delas sofrem por causa desta sensibilidade tornando-se aptas a serem pisoteadas por aqueles mais cínicos e de tempera mais grosseira. Geralmente estas pessoas têm mais sabedoria que aqueles que lhe dão ordens, pois a força bruta raramente é sensível, e geralmente pode ser tocada apenas pelo coração”. Um exemplo de sensibilidade pode ser mencionado graças ao Irlandês, nosso amigo. Há pessoas que são sujeitas a vibrações que raramente são encontradas em outros países e quando imigram, perturbam com sua vitalidade mental singular as mentes mais plácidas e conservadoras, despertando-as para uma atividade mental muito grande. Também há lugares na Terra que podem estar ligados à realização do destino do espírito, concluiu “M”.



O SILÊNCIO DE PRATA

Aqui, no silêncio de Prata, além da margem escura do presente, moramos e sonhamos; aqui onde os pássaros, delicados demais para a Terra ondulam suas leves melodias no doce som das águas fluentes há árvores serenas, abrigos de veados, colinas elevadas, campos após campos alongados em alturas sem fim e muito mais macios que os carinhosos pés das crianças que acham fácil caminhar sobre eles. Os habitantes de além destas colinas são tão puros que são como punhados de chamas, pois são crianças sábias de Deus e suas palavras de amor e orientação fluem na beleza fresca do vento. Aqui há clareiras cobertas de musgos, onde os templos, simples e antigos, na forma de flores gigantes, estão sempre abertos à luz prateada que reluz das plumas da manhã eterna. Venham, irmãos do Crepúsculo, para os espaços abertos onde a tão suave jovialidade da eternidade descansa em todos.

Aqui o deus em você despertará a divina imaginação e as vestes vermelhas do desejo serão descartadas e queimadas. O redemoinho dos anos não irá mais se juntar a você em sua frígida violência. Venha, deixe as academias e universidades que buscam nutrição de plantas antigas. Terei eu por acaso o conhecimento que abrem os portões do espírito? O antigo era adorável, mas mais adorável ainda será o novo. Pois além do teto do tempo há novos compassos, e novas formas de medida.

Aqui na paz, lhe esperamos.



CAPÍTULO IV

VIAGENS NOS PLANOS MENTAIS

Por mais de dois anos pratiquei vários exercícios dados por “M” e nesse período, despertei a minha clarividência adormecida e a melhorei devagar, mas com firmeza. Nunca imaginei que possuísse este poder até depois de muitos encontros com “M”, quando ele sugeriu, numa noite, que eu procurasse por ele. E para minha grande surpresa, descobri que podia fazer isso, e embora tenha visto muitas coisas belas em minhas visões, nunca tive o poder de despertar esse dom. Ele veio para mim repentinamente, quando menos esperava, mas sob a tutela de “M”, podia evocá-lo sempre que quisesse, apesar dos resultados não serem sempre satisfatórios; a aura de uma cidade e de um país influencia o dom da segunda visão.

A respeito desse poder é interessante notar que se alguém está na companhia de uma pessoa que possui certos dons, essa companhia desenvolve qualidades similares, embora seja evidente que a pessoa deve ser sensitiva. O ambiente mental produz um efeito similar no ambiente físico.

Após estes dois anos de treinamento constante, “M” esclareceu que rapidamente viveria a interessante experiência da viagem fora do corpo no mundo mental. Esperei por esta experiência impacientemente, pois ele contou algumas vezes sobre as suas aventuras nos outros planos, porém deve-se notar que eu apenas falo dos reinos mentais. Existem muitos outros planos para os ocultistas, porém neste livro abordarei somente experiências com o aspecto mental das coisas, embora venha a fazer uma pequena menção sobre esses outros lugares.

Estou completamente ciente que para a ciência moderna essas coisas parecem absurdas e impossíveis. Mas como os cientistas são compelidos a revisar muitas das suas concepções passadas, acredito que também serão compelidos à luz deste novo conhecimento, a fim de reconhecerem que muitas das teorias que aparentemente são fantásticas, em verdade são fatos comuns e simples dentro de uma nova ótica. Pessoalmente, minhas experiências com as forças espirituais me forçaram a aceitar a existência de outras consciências desencarnadas que existem sem o invólucro da carne; consciências completas, com sentidos, formas e conhecimentos individuais, movendo-se em suas tênues atmosferas com perfeita ciência de estarem longe de seus corpos físicos. Relembro com exatidão experiências longe de meu corpo adormecido, nas quais viajava completamente consciente que meu corpo estava deitado na cama e que estava viajando em outra esfera. Numa dessas ocasiões um incidente me impressionou particularmente, pois senti que havia deixado meu corpo permanentemente, e ficava dizendo para mim mesmo: “Mas isto é assustador; devo retornar, pois ainda não terminei meu trabalho”. Devo acrescentar que naquele momento minhas percepções de uma existência interior eram tão completas quanto qualquer percepção da consciência terrena, mas também sabia que meu corpo estava longe e dormindo e isso me afligia. Tenho encontrado muitas outras pessoas com experiências semelhantes, e sobre elas posso ouvir os psicanalistas amadores e profissionais dizendo: “Oh, eu posso explicar isto. Muito simples. Era a realização de um desejo”. Deixo para eles as suas explicações, que não significam nada neste caso particular, além do fato que nunca tiveram tal experiência ou, então, a descartaram por não ter provas o suficiente de uma consciência desencarnada.

Para os Teosofistas esse capítulo deve ser de interesse, já que a sua literatura é geralmente ligada à forma da consciência astral, apesar de eles terem pouco interesse nos planos acima do astral; porém acredito que muito poucas informações foram dadas - se é que alguma foi dada - sobre o que diz respeito a estes reinos de ilusão, superiores ou inferiores.

Em resposta às minhas perguntas sobre os reinos mentais “M” esclareceu que esta forma de consciência e viagem era como passar de uma cela de prisão estreita e escura para um espaço amplo e puro, onde se podem ver cidades e pessoas, mares e montanhas e muitos templos maravilhosos sobre os quais nosso mundo sabe muito pouco. Mencionou ter visto uma vez uma

cidade com cerca de cinqüenta milhões de habitantes, cuja arquitetura era cheia de cores e muito bonita e que os que lá moravam eram pessoas muito sábias e governadas por um grande ser espiritual.

Quando penso nos mundos pelos quais “M” viaja posso entender porque ele é tão paciente para aceitar todos os pequenos e intoleráveis problemas da vida, pois para ele nosso plano de consciência é tão pequeno, que seria inútil, à luz de um conhecimento maior, anotar a mesquinhez das pessoas. Em todos os seus ensinamentos, nosso mundo tem sua parte importante no desenvolvimento da alma humana, porém, cabe perguntar: quando alguém tem o poder de sair do corpo como se fosse uma porta permanecerá com a mesma visão insuficiente e entendimento limitado que os outros prisioneiros?

Quando saímos do corpo, ensinou “M”, os sentidos se tornam muito mais alertas do que em nosso plano e o método de locomoção é o vôo; mas sobre este assunto falarei depois. Ensinou ainda que nestes reinos sutis agem os deuses que os homens imaginavam ser míticos. E quando disse a ele que vi em algumas das minhas visões passadas construções com desenhos tão soberbos e vitais que irradiavam uma aura como se possuíssem uma existência consciente, ele confirmou que já havia visto coisas de uma natureza semelhante, tão belas que se lembrou de um incidente, no qual um pupilo, que estava com ele, se recusou a viajar mais além detendo-se para bater palmas à uma visão que lhe aparecia como a de uma criança. Também falou sobre imensos cumes de montanhas onde havia cidades de grande esplendor, que possuíam uma serenidade real, enquanto pontes de milhas de distância uniam cidades em alturas similares.

O que vou relatar aconteceu na noite em que visitei “M” pela primeira vez, pronto e disposto a aprender sobre o plano mental, porém antes de entrar neste assunto eu vou contar um incidente que aconteceu como uma pequena prova da realidade dessas coisas. Isto ocorreu com “M” e comigo e nada teve a ver com o plano mental e sucedeu quando ele me mostrou sobre outra forma de viajar fora do corpo permitindo-me, dessa forma, entender que existem muitos outros métodos para sair do corpo conscientemente.

Um amigo comum nosso, também um estudante das ciências antigas viajou alguns anos atrás para a África, e não tendo notícias suas por um tempo considerável estávamos ansiosos para saber se ele estava bem. Então uma noite “M” perguntou se gostaria de acompanhá-lo através de um vôo mental para a África, convite que eu obviamente aceitei. Deixando nossos corpos do jeito de sempre, rapidamente descobrimos em que lugar nosso amigo estava. Era uma pequena cabana na selva. Algumas milhas de distância vimos uma fogueira de acampamento e sentamos perto de um xamã, com dois outros nativos, um deles pupilo do xamã e usava um chapéu arredondado. “M” brincando disse que estavam fumando um tipo ruim de tabaco. De minha parte ainda não havia desenvolvido uma completa consciência no que diz respeito a esses sentidos mentais nessas viagens, porém entendi que com a prática, esses sentidos despertam naturalmente. O xamã possuía certo objeto que queríamos que ele desse ao nosso amigo e essa era a razão de o visitarmos. Em seguida retornamos para o nosso amigo que estava dormindo e logo depois retornamos aos nossos corpos. Alguns dias depois “M” escreveu para o nosso amigo distante e falou de nossa tentativa de contatá-lo, e deu também a ele uma descrição do xamã, mencionando o pupilo que estava usando o chapéu arredondado. Alguns meses depois recebemos uma resposta na qual o nosso amigo disse que tudo era exatamente como descrito, e que tentou ficar amigo do xamã, mas com pequeno sucesso até agora. Adoraria saber qual outra explicação os cientistas podem ter para provar que isso não foi uma experiência oculta, pois nossa experiência foi realizada envolvendo, conscientemente, uma situação no plano físico com nossos corpos adormecidos.

Voltemos agora para a minha primeira jornada mental. Embora viajar mentalmente seja um conceito vago, não deve ser confundido com “entrar em transe”, pois é algo muito diferente. Pelo contrário, meus sentidos nesta viagem estavam mais aguçados e sensíveis para o menor som no quarto e na rua do que jamais estiveram, e a voz de “M” soava mais alta, apesar de ter, depois, dito que falava bem baixo. Nessa experiência, nenhuma tentativa foi feita para tentar acalmar meus sentidos.

Se mais à frente o leitor imaginar que tudo o que vi foi resultado de hipnose, acredito que posso provar o contrário, pois houve muitas coisas que M notou quando viajei com ele que eu não pude ver, apesar das minhas tentativas para fazê-lo. Também vi coisas que “M” não viu. E acredito que minhas conclusões estão corretas, senão eu só veria coisas que “M” desejasse. Houve outras coisas que eu queria muito ver, mas não podia.

Somando a tudo isso “M” esclareceu que algumas pessoas desenvolvem uma forma de consciência dupla, podendo explorar os reinos mentais e, ao mesmo tempo, se mover numa atmosfera mais prazerosa para elas. Numa outra jornada ele me mostrou sua casa nos reinos mais elevados. Era de uma época antiga, ele estava vestido de uma forma diferente e seu aspecto também era diferente. A razão para essa mudança de vestimenta e tempo era, segundo disse, que a alma adora viajar no tempo em que lhe foi proporcionada maior felicidade, e na qual lhe foi possível realizar o maior bem.

Continuando seus ensinamentos informou que por mais contraditório que possa parecer, um ocultista completamente desenvolvido pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Como exemplo explicou que se pudéssemos estar conscientes do trabalho do nosso subconsciente ao mesmo tempo em que fazemos algo poderíamos ter uma leve idéia dessa forma de consciência dupla. Acima de tudo, disse, o mais difícil no começo das viagens mentais é a locomoção e essa verdade também descobri na prática. Era muito difícil viajar para cima e para baixo, e somente com “M” impulsionando e guiando é que conseguia ascender, embora nunca visse “M”, pois ele estava atrás de mim observando e me ajudando. Eu não conseguia levitar, pois primeiro tinha que confrontar as forças negras das condições passadas que tentavam me puxar para baixo.

Quem aspira entrar em sua própria natureza e plano de vida é confrontado por duas forças: primeiramente a branca representando o presente e o futuro, e secundariamente a força negra representada pelo passado, que tenta levar o espírito aventureiro para as condições mais inferiores.

Recebi também instruções de “M” que para desenvolver uma perfeita consciência nos reinos mais elevados a pessoa deve superar ou vencer três escolas de magia: os magos negros do plano terrestre, ou seja, os magos que vivem neste plano; os magos do plano astral, que usam os magos da Terra como seus instrumentos (esses magos produzem fenômenos da natureza assombrosos) e finalmente, os magos mentais, que por sua vez usam os magos astrais como seus instrumentos. Deve-se superar essas três forças que representam os mestres da magia e a primeira está encarnada neste planeta; as outras duas no astral e no mental.

Portanto, a razão pela qual nós temos que começar pelos planos mais elevados e sobre os quais eu devo falar depois é, se possível, para evitar a ligação terrena e astral. Incidentalmente devo adiantar que “M” sugeriu que nos casos de obsessão espiritual, uma boa forma de cura é levar a pessoa obsedada para o topo de uma montanha alta, já que a entidade no controle da mesma não poderia ascender para uma atmosfera pura, pois seria expulsa. Estas forças negras que conheci lutaram para me manter em sua própria esfera, e foi somente por concentração constante, aspirando pelo melhor em mim e purificando minha mente, que consegui evitar cair e ser sugado para as negras condições do meu passado. Apesar de tudo e mesmo obtendo sucesso, posteriormente tive de descer a épocas passadas para acordar e libertar algumas das minhas próprias condições que ainda me puxavam para baixo e, dessa forma, como se jogado de uma catapulta, subi para planos mais elevados. Devo também mencionar que alguns meses após essa experiência de cunho espiritual vi uma antiga imagem oriental, pintada no século XII descrevendo em símbolos os diferentes estágios de consciência, alguns pelos quais passei, e a cena similar à jornada que eu tive com “M”. Entendi depois que foi desenhada por um monge iniciado.

Em minhas viagens posteriores fiquei muito interessado por notar que meu corpo mental estava bem diferente do meu corpo físico e me esclareceram que conforme a pessoa progride mais alto, mais jovem se torna, mas isso é algo que abordarei depois.

Naquela noite, com a ajuda de “M”, subi o cume de muitas montanhas. É interessante notar que em muitos livros sagrados aparece a palavra montanha, e podemos dar-lhe interpretações simbólicas e espirituais, o que provavelmente seria correto, já que símbolos sagrados têm muitos significados, porém, em alguns casos a palavra deve ser compreendida

literalmente. Visitei também certas construções e só descansei quando encontrei uma casa pequena e curiosamente desenhada pela metade, na qual entrei, e lembro que um grande sentimento de paz foi retirado de mim. Então levantei e olhei por uma pequena janela, onde vi à uma imensa distância, uma névoa cinza, e “M” disse que aquela visão negra era a Terra. Como parecia pequena! Como era melancólica! Naquela noite, porém, me senti cansado e não pude viajar mais e então retornei à consciência do meu corpo, imaginando se tinha sonhado com os incidentes da viagem ou se realmente tinha visitado aqueles lugares estranhos.

A minha primeira jornada foi um prelúdio para muitas outras, nas quais minha visão mental se tornava cada vez mais clara e pude ver muitas coisas estranhas, além de conhecer pessoas tão reais quanto eu. Mas acima de tudo que pude perceber estava o amor e a gentileza que emanava dessas pessoas, particularmente daqueles que desenvolveram uma consciência chinesa. Cada nação tem sua contrapartida espiritual, mesmo quando essas nações aparentemente desaparecem da face da Terra. Encontrei romanos, egípcios, e muitos outros representantes de raças desaparecidas, cada um possuindo certa qualidade, mas os chineses particularmente possuíam uma atmosfera infantil e gentil, apesar de por trás dessa simplicidade estar uma grande sabedoria e senso de beleza que cultuam o refinado e o delicado. “M” disse que viu os espirituosos chineses desses reinos como se fossem fragmentos de névoa respondendo ao Ritmo e Pulsar da Eternidade. Apesar de nós, ocidentais, sorrirmos com certo menosprezo para aqueles que chamamos de pagãos por adorarem seus antepassados, agora posso entender que eles possuem muita razão e lógica ao procederem dessa forma, já que adoram apenas os aspectos espirituais de seus ancestrais e daqueles que estão mais adiante nos reinos mais elevados da vida e, dessa forma, deles aprendem mais sobre as coisas espirituais, possuindo maior poder para ajudar as pessoas na Terra que estão relacionadas a eles por amor e sangue. Aprendi então que a cada nação foi dado o aspecto religioso que melhor se enquadrava em sua cultura. Para o verdadeiro estudante todas as religiões são verdadeiras, sendo apenas princípios imortais do conhecimento e das leis divinas. Acredito sinceramente que as religiões nasceram para tornar o homem basicamente a essência das leis espirituais. Da mesma forma acredito que se alguém investigar as várias religiões que o homem seguiu vai notar que cada uma contém uma qualidade especial que as outras não possuem, apesar de todas terem como base o amor. Entretanto, o estudante de ocultismo deve entrar em qualquer lugar de adoração, seja Igreja ou Sinagoga, Mesquita ou um Templo Budista. Pode visitar Mecca e se entregar de corpo e alma à adoração dos ancestrais chineses, com o mesmo fervor que os nativos fazem em relação às suas crenças, pois pode entender o significado de todas elas. Citando um comentário de Macrobius¹ sobre o sonho de Cipião sobre a razão da divergência entre os homens sobre divindade: “Assim que a alma gravita para o corpo na primeira criação de si mesma começa a experimentar um distúrbio que é a substância material fluindo para a sua essência”. A mesma afirmação Platão faz em Fedo²: “A alma é atraída para o corpo ainda vacilante por novos encantamentos significando isto que a nova bebida do impetuoso dilúvio da matéria, através do qual ela se torna impura e densa é extraída conseqüentemente de uma situação terrena que a leva ao esquecimento, o companheiro da alienação, que a faz rastejar silenciosamente pelos recessos de sua consciência. **Porque se as almas retivessem na sua descida para os corpos a**

(1) - Macrobius (*Flavius Macrobius Ambrosius Theodosius*- 395 a 423) foi um escritor, filósofo e filólogo latino, autor da obra “*Saturnalia*” e dos “*Comentários ao Sonho de Cipião*” do texto original de Cícero, sobre a visão deste em relação ao cosmos e a doutrina da imortalidade da alma. Em seus escritos referiu-se ao fato de que Herodes mandou matar durante o inverno (7-6 a. C.) dois dos seus próprios filhos, Alexandre e Aristóbulo e o seu filho mais velho e seu herdeiro, Antípater (4 a. C.). Estudando estes dados, podemos situar a matança dos meninos de Belém, incluindo a do filho mais velho de Herodes, que devia ser o seu sucessor como rei dos Judeus, no início do ano (4 a. C.) e contando os 2 anos do tempo do aparecimento da estrela que guiou os reis magos, para os astrônomos uma conjunção de Júpiter e de Saturno na constelação de Peixes, fenômeno que é visível de 794 anos em 794 anos, podemos situar o nascimento de Jesus em 6 ou 7 a. C.

(2) - Fedo (*Phaedo*) Diálogos de Platão que põe em cena os últimos momentos de Sócrates entre seus discípulos e que trata da imortalidade da Alma.

memória dos interesses divinos, dos quais eram conscientes nos céus, não existiria divergência entre os homens sobre a divindade. Mas com certeza, na descida, algumas bebem mais da bebida do esquecimento, e outras menos. Nessa conta através da verdade não é aparente para todos os homens na Terra, apesar de todos exercitarem suas opiniões sobre isso, porque, em verdade, **um defeito na memória é a origem da opinião.** Porém descobrem mais as que tomaram menos do esquecimento, porque facilmente relembram o que sabiam antes nos Céus”. Assim o estudante de ocultismo que pesquisa profundamente os verdadeiros sentidos da religião pode entender e simpatizar com essas crenças aparentemente contraditórias, encontradas em quase todos os países do mundo.

Sobre isto “M” esclarece: “Cada religião é uma página de um enorme livro”, e desde o selvagem que adora o seu pequeno ídolo até o místico que adora todo o universo, todos lêem as verdades de Deus de acordo com a inteligência dada a eles por ELE. E eu arrisco dizer que nem uma delas está errada, até que o veneno do fanatismo as torne possessas de fúria homicida, e ataquem aqueles que adoram outros deuses. E aqui está a importância do treinamento ocultista, a fim de que o estudante, conhecendo e realizando as diferentes e ocultas leis que comandam a humanidade, traga para todas as coisas uma avaliação diferente e mais tolerante, mesmo que sua avaliação não seja estendida para os agentes destrutivos. Seus olhos têm uma forma diferente de ver as coisas, pois penetrou num mundo mais filosófico, no qual não julga os homens, mas tenta discernir os motivos secretos que compelem os homens a tomar atitudes que podem prejudicá-los ou ajudá-los. Os ocultistas também são psicanalistas, e, de certa forma isto tem acontecido no decorrer das idades. Ele pode seguir e esclarecer os pensamentos confusos além das regiões da mente, e onde os psicanalistas modernos desistem, ele continua, pois pode funcionar conscientemente no plano mental ou mundo da mente, onde as formas-pensamentos são tão reais para ele quanto às emoções físicas são para aqueles que se movem sobre este planeta. Pode examinar no corpo mental as manchas enfermas da mente tão facilmente quanto um médico diagnostica as enfermidades no corpo físico”.

Temos em conta que o ocultista não é somente um estudante de religião, pois seu interesse é extremamente abrangente, embora tenha mencionado em algum lugar que ele geralmente é um especialista em algum aspecto particular da vida. É tão interessado na última descoberta científica quanto o cientista seria no desenvolvimento da situação política, ou na última fase da arte, pois nele todo o conhecimento e eventos do mundo se encaixam harmoniosa e perfeitamente, como uma peça de um quebra-cabeça. Ele deve estar preparado para se deslocar em todas as formas de convívio escutando, de coração aberto, tanto os ingênuos como os sábios, pois sabe que todos os seres humanos são instrumentos usados pelos deuses e verdades transcendentais podem ser transmitidas a ele através deles de forma inconsciente.

As impressões mais fortes que me marcaram bastante após minhas viagens mentais foram a minha extrema insignificância perante o Todo, a pequenez e escuridão da Terra e um novo entendimento no que diz respeito às forças invisíveis do mal que se movimentam livremente nos planos sutis; também os poderes usados pelo artista, pelo poeta e pelo profeta, inspirando-os e proporcionando-lhes novas concepções e emoções.

Pergunto: o gênio que recebe inspiração das forças ocultas, mesmo que seja consciente que está sendo usado, sempre admitirá sua dívida em relação aos auxiliares invisíveis? Quantos criadores sabem realmente de onde vêm suas idéias, quem dá a eles o poema, a melodia, o quadro que abala o mundo? Assim como já escrevi sobre a maneira pela qual o conhecimento é retirado dos planos superiores, devo reportar ao leitor as crenças que tenho.

Também é importante ressaltar que muitos dos trabalhos criativos atuais têm traços distintos de civilizações anteriores, e alguns têm características de épocas totalmente desconhecidas para nós. Acredito que a possível explicação para isto, do ponto de vista ocultista, é que as grandes mentes atuais contataram períodos passados e possivelmente futuros dos reinos mentais mais elevados, embora deva ficar claro que estou falando da arte que inspira o homem e lhe transmite uma mensagem dignificante e não do processo mecânico da técnica sem inspiração, uma forma de habilidade mental que através de um desvio de objetivo tenta destruir o Panteão da Beleza. Não querendo abandonar este tema vou tentar explicar o motivo pelo qual estes criadores

de uma estranha forma de beleza não foram compreendidos por muitos anos, até que as forças invisíveis enviaram para este mundo novas influências à mente de seus habitantes, e somente então foram compreendidos e aceitos, quando em anos anteriores foram desprezados.

Muitos dos nossos críticos de arte tentam subjugar o tempo, esforçando-se para conservar os anos futuros com suas mensagens em destaque. Porém, apesar das explosões contra o que se afigura um novo princípio de beleza, as novas formas, como pequenas sementes, crescem lentamente nas mentes da geração jovem, e se tornam comuns e obviamente compreensíveis; estes mensageiros dos deuses, geralmente de forma inconsciente, tendo cumprido a sua missão deixam este mundo, retornando àqueles reinos que para nós ainda estão no futuro.

“M” pediu para que pensasse no presente e no futuro, mas nunca no passado. “Coloque sua mente somente no presente e no futuro, pois o passado faz com que nos tornemos seu escravo. O futuro trás seu mistério à luz na mente daquele que busca. Nada acontece ao estudante de ocultismo até que ele tenha passado pela atmosfera mental dos mundos internos do seu próprio Ser, pois para lidar somente com coisas objetivas basta produzir somente condições objetivas. A força que passa por estes estados interiores não é muito confortável, a menos que o estudante tenha sido treinado na escola dos Adeptos ou Mestres mais mentalmente desenvolvidos. Para ascender aos planos destes mundos mentais, nós devemos enterrar as condições do passado e levantar nossas mentes às esferas mais altas possível. O estudante comum necessita de disciplina, e poucos têm paciência para desenvolver este poder. Só posso lhe mostrar o caminho fora do corpo, mas precisamos ter sucesso nas menores práticas antes que a Vontade possa se tornar forte o suficiente para fazer da mente sua serva”. Mesmo assim, se você desejar ser levado à qualquer parte deste mundo da maneira oculta, não é difícil. Já descrevi tal maneira num exemplo, no início deste capítulo.

Embora eu fale da arte nos planos superiores, deve ser lembrado que as forças da escuridão que tentam impedir minha ascensão também influenciam muitos dos que criam, e geralmente elas produzem um tipo de desenho doentio e formas que evocam torrentes de paixão impura. Estas são forças que fluem dos infernos mentais, embora felizmente “M” não tenha me levado a estes lugares. Ainda assim, compreendo que quando se torna forte o suficiente o estudante é levado ante estes elementos malignos para que conheça as causas que produzem sofrimento e obsessões na humanidade. “M” chama-os por falta de um termo melhor, os Luciferianos, e me falou de uma ocasião particular quando viu o mal em um deles que estava moribundo. Estava postado em um caixão de cristal, e olhava para ele com olhos que continham uma sabedoria estranha e terrível. O Mal tinha sido sua natureza. Seu corpo era belo e harmonioso em proporções, mas de uma forma inconcebível ao homem comum. Também já vi um grupo de seres do mal e a totalidade das impressões que me causaram derivavam de seus olhos, pois suas vistas expeliam uma sensação magnética e repleta de imensa força maléfica. Conteí sobre minha visão a “M”, e mencionei uma característica curiosa sobre suas cabeças, e ele me contou que era um símbolo que identificava aqueles que possuíam grande conhecimento.

Numa de minhas viagens me foi mostrado algo muito extraordinário, extremamente difícil de se acreditar, embora sob o aspecto ocultista fosse facilmente compreendido. É sabido aos ocultistas e teosofistas que muitas das coisas que fazemos neste plano foram pré-ordenadas, o trabalho que fazemos na arte ou em qualquer outra coisa já foi executado nos planos superiores. Já vi mentalmente invenções que posteriormente foram materializadas sobre a face da Terra. Estas coisas geralmente são executadas por nossos eu superiores, e isso pode explicar o problema da clarividência, pois o que foi criado nestes planos ainda está no período que chamamos futuro, e os claridentes sensitivos que abriram seus olhos interiores podem enxergá-las nestes reinos, embora freqüentemente, nos fenômenos mediúnicos, os médiuns só as vêem no plano astral, que é considerado o reino da ilusão.

Certa tarde “M” me levou numa viagem mental na qual viajei com grande dificuldade. Algo parecia me puxar para baixo, e foi somente com a ajuda de “M” que consegui chegar ao local que ele desejava me mostrar. Era um quarto pequeno, onde uma criança estava escrevendo enquanto, pela janela perto dela, havia um grande feixe de luz prateada fluindo. Olhei para a criança e pareceu-me reconhecê-la como alguém que já conhecia de muito tempo atrás.

Perguntei a “M” se poderia dizer quem era a criança, e ouvi atônito que aquela criança era eu mesmo naquele plano mental. Já tinha mencionado que quando alguém vai mais além nestes planos, parece mais jovem e agora via a mim mesmo com a idade aproximada de quatorze anos. Também conheço outro caso de uma pupila que nestes planos tinha a imagem de uma menininha, e até o próprio “M” já havia me dito que quando se aproximou destes reinos superiores e elevados, ele mesmo se tornou uma criança, o que me fez crer que o ditado que diz que só as crianças podem ver a Deus é literalmente verdadeiro neste plano superior, pois uma criança é impessoal e, portanto vê mais claramente (1).

Para continuar minha experiência, outra coisa curiosa que percebi foi que quando a criança olhava para cima, parecia cada vez mais jovem, mas quando inclinava sua cabeça novamente para baixo, parecia cada vez mais idosa. “M” explicou que eu estava escrevendo um livro que apareceria no futuro, o que não foi surpresa para mim, pois ao dormirmos, a alma viaja para seu verdadeiro reino e eu geralmente via em meus sonhos poemas novos e completos, com assuntos e formas métricas claras, que terminavam sendo escritos, embora muitos também não prosperam no plano físico, assim como algumas vezes não consegui me lembrar das palavras que havia escrito. Acredito que muitos escritores tiveram esta experiência. “M” também contou o motivo de ter sido tão difícil a minha ida para este plano; era por que dois magos estavam tentando impedir minha jornada para este plano, pois quando despertamos a parte mais sutil de nós mesmos, também damos impulso às características mais inferiores de nosso caráter, o que imediatamente faz com que seja mandado um desafio pelas forças da sombra para confrontar nossas qualidades mais elevadas; foi isso o que ocorreu nesta instância e todos os estudantes de ocultismo conhecem esta realidade. “M” também informou que nossas últimas cinco existências são como pesos que nos seguram e nos puxam para épocas do passado e como já mencionei em algum lugar, temos de descer a estas regiões sombrias para podermos partir os elos que nos impedem de ascender. Também vemos as ações regulares praticadas nestas vidas passadas, a fim de entendermos os motivos subjacentes nas mesmas; tal experiência nos ensina a ser mais cuidadosos em nossos pensamentos e ações e quando passamos por ela, entendemos as coisas deste mundo mais facilmente. Ainda no que diz respeito a este aspecto, acredito que algumas páginas relacionadas com os poderes mentais utilizados hoje em dia pelas forças negras sobre a humanidade não serão em vão e podemos afirmar que uma delas, talvez a mais terrível é o hipnotismo, pois não é visível e geralmente é usado por e através de pessoas inescrupulosas cujas vítimas raramente estão conscientes do perigo às quais estão expostas.

Há muitas fases desta força a ressaltar, das quais a última é a auto-sugestão, e a maior, a hipnose de multidões pelas quais uma nação inteira pode ser mergulhada num redemoinho de paixão e ódio levando todos à destruição; uma força que desequilibra milhões de pessoas obsedando-as até que certo objetivo tenha sido alcançado (2). O homem não é o mestre deste planeta. Ele pode ter o poder sobre alguns elementos por determinado tempo, e com isso orgulha-se de sua força até que vem um terrível momento quando uma catástrofe titânica o subjuga. Cidades orgulhosas são descortinadas através de véus de chamas douradas onde a superfície da terra treme e ondula como as ondas de um oceano. Em vários lugares suas bocas se abrem amplamente e engolem e lambem com suas línguas de fogo o homem e seu trabalho já que percebe o quanto ele não é o senhor deste planeta material, nem de sua mente, nem de suas emoções. Muitos dos pensamentos e sensações que experimenta não lhe pertencem. É comum adentrar uma multidão e sair dela com um estranho desejo ou mesmo um pensamento esquisito

(1) - Hoje em dia, com o avanço da Teoria das Cordas e a compreensão dos Universos Paralelos fica mais fácil entender a experiência do autor. (N.Trad.)

(2) - Este livro foi editado na Inglaterra em 1927, muito antes da 2ª. Grande Guerra Mundial quando Hitler foi usado pelas forças negras como agente hipnotizador de uma nação culta que se atirou a guerra de forma incompreensível. Em nossos dias pudemos acompanhar a reeleição de George Bush, agente inconsciente dessas mesmas forças, que está provocando o empobrecimento da nação norte-americana também de forma incompreensível em sua insana atitude de fazer guerra a um país que em nada podia ameaçar o poder americano. Existem muito mais casos da ação dessas forças negras através de seres humanos vaidosos em todos os segmentos da vida social moderna e o estudante de ocultismo pode constatar corriqueiramente este fato. (N.Trad.)

que é totalmente contrário ao seu caráter. Um pequeno exemplo pode ser mencionado como prova, mostrando que nestes incidentes momentâneos jazem escondidas leis desconhecidas. Numa noite, Davi e eu comparecemos a uma reunião na Sociedade Teosófica, e enquanto ouvíamos o palestrante, estranhos pensamentos começaram a adentrar minha mente. Me virei para Davi e percebi que ele estava igualmente perplexo. Repentinamente, sem que eu tenha perguntado nada, ele virou-se para mim e disse: “O Sr. X-- está aqui”, e ambos entendemos imediatamente. O número de pessoas que tiveram tal experiência provavelmente está além de qualquer contagem, assim como o número delas que inconscientemente foram usadas por outra pessoa. Geralmente prestamos muito pouca atenção em tais casos, mas ainda assim acredito que tanto a feitiçaria como a magia são ainda praticadas, embora tenham uma terminologia diferente, e estes poderes são de natureza súbita demais para que a ciência possa fazer experimentos com eles, mesmo que seja aceita sua existência. Imagine uma pessoa que desenvolveu telepatia ao nível mais alto, que pode mandar pensamentos a quem quer que deseje e fazer com que esta pessoa a obedeça. Não seria este um caso claro de hipnose e uma forma de obsessão que a ciência moderna ignora? Pessoas podem cometer crimes quando temporariamente obsedadas, e quando completam seu propósito, se tornam sãs novamente. Entretanto, a pessoa que foi usada como instrumento sempre fica muito impressionada ou aflita, enquanto o verdadeiro criminoso pode estar a quilômetros de distância. É verdade que é difícil descobrir se o criminoso era culpado ou não, mas não obstante as possibilidades de crimes serem cometidos por uma pessoa distante da cena do crime permanecem.

Outro aspecto do mesmo poder é que em muitas das escolas modernas de negócios o treinamento é de hipnose pública. Desperte a mente de seu cliente. Não importa se ele quer seus serviços ou não, force-o a comprar. Descubra suas fraquezas e atire como uma lança toda a sua força mental contra suas partes mais frágeis e elas estarão fadadas a sucumbir. É como se vendedor usasse um porrete mental. Se usasse um de pedra, as pessoas ficariam impressionadas - e com razão, mas, infelizmente para a vítima, ele usa um porrete invisível. É difícil deter tal selvageria mental e colocá-la em um lugar onde pudesse causar o menor mal possível. Ainda assim, esta forma de treinamento floresce hoje em dia em todo o mundo. E por ser uma forma tão súbita de banditismo, devemos permitir que exista, embora seja lamentável que a sociedade não possa criar uma nova forma de jurisprudência para lidar somente com estes tipos de criminosos mentais, pois eles são muito mais perigosos que os criminosos normais.

Aqui também devo colocar algumas observações sobre o assunto precedente dadas por M: “Grande é a mente que pode deixar todas as outras mentes em paz. Ninguém tem o direito de usar seus poderes para questionar os afazeres dos outros sem a permissão da pessoa, pois a alma não deseja que as leis superiores sejam quebradas. O estudante avançado deve falar somente das coisas que o Eu Superior do questionador deseja que sua personalidade saiba, e o estudante deve contatar seu próprio Eu Superior antes de contatar o Eu Superior do questionador. Se o estudante dá informações e conhecimento que limita a liberdade de expressão da outra alma, ele deve estar preparado para suportar o Carma do questionador. No que diz respeito aos criminosos mentais há leis que governam os planos mentais tanto quanto o físico e o criminoso também será punido por encarcerar a si mesmo quando passa por cima delas.

O principal uso da clarividência é distinguir o estágio de evolução da alma que esta alcançou, pois o que é chamada corretamente de conhecimento dos Grandes Mistérios não é dado a uma alma que não desenvolveu poderes para usá-lo corretamente.

É dito que “um homem é conhecido por sua luz”, e cada alma responde ao próprio desafio dado pelo instrutor, e através da clarividência o educador sabe qual instrução certa pode dar ao estudante. Clarividência é uma aquisição física; da mesma forma como o homem desenvolve seu corpo, com conhecimentos corretos poderá desenvolver a clarividência, e no que diz respeito ao poder da verdadeira clarividência a pessoa paralelamente deve alcançar um fase de desenvolvimento satisfatório para que entenda as leis que governam seu uso. Caso contrário, a luz que lhe permite enxergar com clareza será afastada, pois a alma não permitirá que seus dons sejam usados ilegalmente. A Natureza dispõe um livro maravilhoso à frente do homem, e se ele abrir seus olhos poderá ler sobre muitas coisas inacreditáveis sobre as quais se conhece pouco

nos dias de hoje, pois pode estender sua consciência através de muitos reinos e se tornar familiar com uma série de ensinamentos, pois Deus nunca se separa de Sua criação.

Depois disso, “M” continuou ajudando a responder algumas questões sobre o corpo mental:

- “Você pede algum sistema que possa destruir a ignorância em seu corpo mental. Quando uma criança busca conhecer tudo sobre o mundo no qual nasceu, encontra o caminho para sua própria sabedoria interna em seu próprio e verdadeiro instrutor: a Mente de seu Mestre que habita dentro do mundo de seu próprio ser. Você também pode segui-Lo através de seu sentido instintivo, e fazendo isso descobrirá que seu próprio mundo interno começa a se tornar muito mais real para sua pouca compreensão. Será levado aos reinos do corpo mental, e nestas viagens sentirá a relação entre o eu exterior e o eu interior. Não esqueça isto, pois estas esferas às quais eu lhe levei correspondem aos planos internos do seu ser.

“Você já encontrou a si mesmo idoso no outro plano, mas descobriu que a idade desaparece ao passar adiante às realidades do ser. Você também já foi a um lugar onde pôde ver a si mesmo quando era um menino, e descobriu que sua mente se tornou muito mais rápida e alerta com o entendimento das coisas às quais não possui neste plano. Você também sentiu que dentro de sua aura trabalham grandes poderes tentando lhe dar uma atmosfera de sua própria natureza. Você pode construir esta aura mental interessando-se por suas prosas e poemas”.

“Eu lhe levei a seu seminário num plano interno e você pode ver a si mesmo em trabalho e aquele Raio de Luz do qual retirava força e poder. Você também esteve consciente dos dois poderes que tentavam lhe escravizar, poderes que teve que combater antes de alcançar seu verdadeiro destino. Mas quando você se tornou apto a contatar este Raio de Luz, tornou-se também apto a exterminar as mentes que se opõem aos seus propósitos. Você escreveu naquele plano a frase de abertura de seu livro e desde então nos esforçamos para lembrá-lo das coisas que estava escrevendo.

Você percebe que o homem é um ser complexo que possui diferentes forças das quais o homem objetivo conhece muito pouco e foi para lhe ensinar a existência dos poderes destas moradas internas que o levei para estas regiões ocultas, fonte das realidades divinas”.



EPÍLOGO

Aqui, por enquanto, terminam os ensinamentos dados por meu Mestre. Se vão ser considerados pelo leitor como um novo despertar de antigas verdades, ou como crenças fantásticas de um estudante, não sei. Mas sei que estas instruções me ensinaram a entender e realizar muitas das desconhecidas leis da Natureza em relação aos acontecimentos comuns da vida. Em verdade, se deve subentender de tudo que encontrei muitas dificuldades para viver de acordo com a maioria desses ensinamentos, estudados por mim durante alguns anos e que é muito difícil aplainar, em pouco tempo, os ângulos agudos e afiados de um caráter. Tenho certeza que os estudantes e pesquisadores mais sinceros que acreditam, como eu, que em algum lugar desse planeta vivem irmãos mais poderosos que nós, **que movem as nações** como movemos as peças de um tabuleiro de xadrez, se interessarão pelo que escrevi. Outros negarão o valor deste trabalho e não o lerão por considerá-lo semelhante a outros ou então alegarão que nunca souberam de sua existência.

Sei perfeitamente que alguns leitores com mente científica vão tratar com grande ceticismo o que escrevi, de acordo com seus pontos de vista, sem ter estudado o assunto mais a fundo. Entretanto, posso entendê-los por agirem desse modo, já que só podem olhar com suspeita para aquilo que traz ensinamentos que requerem um método moral de investigação em vez de um método químico. Quantos cientistas no passado inseriram dogmaticamente as verdades de suas teorias no contexto científico mundial e pergunto, quais delas foram depois provadas incorretas? Da mesma forma e apesar de poder confiar e afirmar a segurança de minhas investigações deixo claro que os ensinamentos aqui apresentados têm o mesmo cunho e também só deverão ser julgados depois de testadas as suas informações dadas no livro; mas, isso deixo para futuros investigadores do oculto.

Encarnação após encarnação erguemos nobres civilizações para os nossos mais sublimes sonhos; escutamos músicas das suas suaves asas nas calmas e remotas noites dos nossos nascimentos passados, quando imaginávamos que as estrelas podiam ser ninhos de prata de seres alados. Navegamos durante muito tempo por mares desconhecidos e desembarcamos em areias que os pés humanos nunca pisaram; escutamos a cadência cicante das folhas e a pequena melodia dos pássaros pensando que nossos sonhos eram enfeitados e aprisionados na música da Natureza; estivemos em ilhas coloridas onde permaneciam deitados comedores de Lótus desfalecidos, com seus sentidos enternecidos e encantados por muitas riquezas; caminhamos e buscamos os vales adornados com as jóias das Verdades Imortais. Abandonamos, aos poucos, nossas capas de barro por toda terra, em todo topo de montanha e as desfizemos fora das águas sempre enriquecendo a poeira do mundo, enquanto a chama incansável de nossa alma continuou seguindo, trabalhando arduamente, sempre procurando a sua perdida divindade; sempre desejando escutar a sinfonia do seu próprio Deus interior, aquele acorde que iria levá-la e transformá-la em uma com o seu próprio pequeno universo.

Quando nossos humores subiram acima da trama da carne, não chegamos a perceber a sagrada e gelada chama do Deus que mora dentro de nós banhando nossas almas e ascendendo conosco de uma forma suave e tranqüila para as calmas alturas do espírito, onde a imensa lembrança de uma existência imortal revela-se como uma flor perfeita. Por alguns momentos a paixão que nos ancorou à Terra foi afrouxada, e os desejos negros da vida foram silenciados, e acima, nos palimpsestos, estão inscritas as palavras eternas da Verdade para

iluminar nossos corações trazendo a nós, por um curto momento, quando descermos de novo, uma alegria quieta, que se esvai muito cedo quando nos transformamos em escravos de novo para nossos arrependimentos e humores mais baixos. Isso só acontece quando adquirimos condições para nos treinar a fim de viajar, em qualquer momento que seja e sempre que quisermos, até o altar da contemplação (1), criando, conseqüentemente, uma consciência perpétua desses cumes mais elevados e dos brilhantes castelos que construímos nessas alturas; ver o oceano de ouro que envolve todo o globo e sua humanidade, nos transformando em um. É para que o homem redescubra essas regiões perdidas e sua herança ancestral, a sua própria casa de tesouros, que esse trabalho foi escrito. Para que através das eras, os irmãos que acharem a paz clamem também para que outros procurem o bálsamo soberano.



(1) - O Altar da Contemplação fica na parte mais alta do ventrículo esquerdo do coração, formado da matéria mais sutil de nossa manifestação nos planos materiais (físico, etérico, astral, mental e intuicional).

O DESPERTAR

Dentro de pouco tempo as pesadas e lentas formas dos séculos escuros e sombrios que cobriram com seus mantos de ilusão os olhos do homem devem ser dispersas pelos ventos dos deuses mensageiros que retornam. Antes dos desumanos fantasmas em decadência o homem implorou e se ajoelhou durante muito tempo, mas mesmo assim a época do fascínio não pôde se sustentar viva para o florescimento da aspiração; então os deuses voltaram para trazer uma nova melodia, uma nova arte e um novo entendimento. Através das crescentes ondas de luz e das asas da Terra ornadas pelos raios do Sol que circundam o firmamento e o horizonte infinito, brilha fracamente neste momento um esplendor que aumenta e, então, de repente, as penas enevoadas dos pássaros desabam, e ali, da realeza pantanosa, se elevam velozes cavalos com freios prateados, arreados à carruagens incandescentes onde permanecem altaneiros os jovens e virgens deuses, com elmos dourados e cintilantes armaduras para as pernas, quais não podem ser golpeadas ou sujas. Estes deuses são as celestiais dinastias e as crianças etéreas nascidas da divina e eterna Mãe Ardente, cujos seios são as estrelas que amamentaram essas crianças com um leite de fogo. Logo devemos escutar o som estridente dos relinchos dos cavalos e as tempestades cantando em coro entre suas crinas balançantes. As carruagens deslizam e deixam um rastro de luta no ar conforme vão mergulhando nas cristas brancas das montanhas. Enquanto isso os trovões desencadeados pelos deuses, como cornetas anunciam cantando triunfantes o surgimento das verdades, mais uma vez lembradas e irrompendo através dos séculos obscuros, para libertar as mentes aprisionadas dos seres humanos.

Doce é o nascer
Da mais doce Terra;
Clara, serena e frescor dos céus.
Para mais valiosos poderes
Mande antes suas flores
Das quais ela o perfume purifica.
A alma do homem
Dirige-se para um plano,
Guiada por Deus e deuses,
Que corretamente lideram
Cada cavaleiro cansado
Dos períodos escuros.
Imutáveis,
Inescrutáveis,
Eram todas as estradas do tempo antigo,
Agora todo sinal
É cristalino,
E todo caminho é ouro.

FIM

